

Janeiro de 2001
União dos Escoteiros do Brasil - DN



Plano 2001

Proposta conjunta do FNJL e a Rede Interamericana
“Democratização, Integração, Participatividade, Ação”

Apresentação

Prezados irmãos escoteiros.

É com grande prazer e entusiasmo que apresentamos o presente trabalho: o Plano 2001. Este é o fruto de uma longa jornada, que nos remete a novos desafios, ao encontro de um pretensioso objetivo - inserir os jovens nos processos decisórios do escotismo brasileiro. Este Plano é uma proposta para atingirmos este objetivo, elaborada exclusivamente por jovens, ou seja, da forma mais autêntica possível.

Nos textos que se seguem, percorremos história, princípios e perspectivas idealizadas para que os jovens do escotismo brasileiro assumam seu verdadeiro papel nos rumos do nosso movimento, em comunhão com os adultos. Há tempos é notado que o escotismo esta carente desta aproximação e por isso tomamos esta iniciativa. Aparentemente, esta é a primeira ação integrada de jovens líderes brasileiros em diferentes estados, mas esperamos que não seja a única.

Este documento é demasiadamente grande, tal qual seu teor. Recomendamos uma leitura criteriosa e detalhada, desde as partes introdutórias, passando pelas propostas (partes 3,4,5), finais e anexos (as entrevistas são bem interessantes).

Desejamos profundamente contribuir para o crescimento do nosso escotismo e entendemos que isto se dá com boas atitudes. Esperamos atingir nossos objetivos, com as idéias a seguir e com a maturação destas; afinal, neste momento, o mais importante é ressaltarmos a importância deste primeiro passo e começarmos a trabalhar.

Sem mais palavras. Muito obrigado! Sempre Alerta!

Luiz Gustavo Cardia Mazetti “Colorido”
Coordenador do Plano 2001 - 01/01/01

Participantes

Equipe Coordenadora

Carla Neves - comunicadora e autora
Eduardo Gabriel - comunicador
Gisele Cova dos Santos Rodrigues - autora
José Maria Cesário Junior - comunicador
Luiz Gustavo Cardia Mazetti “Colorido” - coordenador e autor
Murillo Martins dos Santos - comunicador
Rodrigo Augusto Prando - colaborador geral

Colaboradores

Alex de Carvalho Teixeira - logotipo
Breno Luís Defanti - traduções
Clóvis Henrique Leite de Souza - texto 1b
Lis Hirano - texto 1a
Melissa Martins Casagrande - texto 2a e fontes

Lista de jovens consultados, co-autores

Adriano Silveira Zanetti “Black”
André Luís Claudino da Cunha “Poul”
Clóvis Henrique Leite de Souza
Dennys Rodrigues Oliveira
Fernando Koyama Correia
Guilherme Fassy Santos “Índio”
Ilvia Oliveira
Juliana Tiburtius
Leticia Vargas de Oliveira Brito
Rodrigo Assis Bastos

Lista de jovens entrevistados por questionário

Alexandre Dambrowski
André Kolozwa “Cyber”
Eduardo Gabriel
Fernando Koyama Correia
Guilherme Fassy Santos “Índio”
Guilherme Soares “Cegonha”
Juliana Cristina Fukuda
Luciana Klen S. Azevedo Liepin
Luciana Vilela
Paula Gioia

Comissão de Estudos Permanentes

André Kolozwa “Cyber”
Geraldino Ferreira Moreira
Jorge Luiz Pinheiro Ferreira
Juliana Gonçalves Fontes
Lino Siffendechker
Luiz Gustavo Cardia Mazetti “Colorido”
Marcel Hugo
Paula Gioia
Rafael Tostes
Rubens Süffer

Índice

1. Introdução 05
 - a. Relação entre a participação dos jovens e o futuro das sociedades 05
 - b. Escotismo e Protagonismo Juvenil 11
 - c. Histórico recente do Plano 2001 & Rede Interamericana (...) 13
2. Estabelecendo conceitos 16
 - a. Um pouco de história ... e o atual contexto, através de exemplos 16
 - b. Análise crítica e construtiva sobre Fórum de Jovens 20
 - c. Buscando o amplo conceito de Jovens Líderes 24
3. Plano 2001 26
 - a. Definições 26
 - b. Justificativas para o Plano 2001 e a inserção dos jovens no processo decisório 26
4. Desenvolvimento 28
 - . Fóruns de Ramo (1) 29
 - . Núcleos de Liderança Jovem (2) 32
 - . Rede de Jovens para o Brasil (3) 34
 - . Organização Escoteira 35
5. Implantação 37
 - a. Fases do processo 37
 - b. Orientações 38
 - c. Na prática, exemplos hipotéticos de funcionamento 39
6. Considerações finais 41
7. Bibliografia 42
8. Anexos 43
 - a. Questionário sobre Fórum de Jovens 43
 - b. Questionário sobre Grupos Atuantes 50
 - c. Orientações para a Lista de Jovens Consultados 56
 - d. 1º Malote da Lista de Jovens Consultados - O conceito de Liderança Jovem 57
 - e. 2º Malote da Lista de Jovens Consultados - O Escotismo Brasileiro 69
 - f. 3º Malote da Lista de Jovens Consultados - Sistema de trabalho Plano & Rede 75
 - g. 33ª Conferência Escoteira Mundial ‘ 1993, Bangkok - Tailândia 79
 - h. 20ª Conferência Escoteira Interamericana ‘ 1998, Guadalajara - México 79
 - i. Plano Regional de Desenvolvimento 2000’2002 da OSI “Es tiempo de crecer” 80
 - j. 7º Fórum Mundial de Jovens ‘ 1999, Bologan - África do Sul 80
 - k. 35ª Conferência Escoteira Mundial ‘ 1999, Durban - África do Sul 81
9. Mensagem Final 83

1. Introdução

Antes de falarmos de escotismo e os nossos problemas de ordem política e burocrática, iremos discorrer uma questão muito mais ampla, mas que certamente interessa a este trabalho - o protagonismo juvenil. Nos dois textos que se seguem (a,b), iremos não somente introduzir o assunto, cumprindo uma possível formalidade, mas estaremos incitando o leitor a avaliar sob quais perspectivas nossos jovens escoteiros podem de fato tornar-se “protagonistas”, dentro e fora do meio escoteiro e o que primeiramente precisa acontecer em nossa instituição para fomentarmos tais perspectivas.

Em outras palavras, colocar a prova de nosso senso crítico as possibilidades que permitem que os jovens escoteiros se tornem protagonistas, ao menos para o Escotismo, para somente depois pensarmos em seu papel (escotismo / jovens) na sociedade, e então podermos de fato cita-la em nossos discursos, de forma sincera.

a. Relação entre a participação dos jovens e o futuro das sociedades

por Lis Hirano - 31/12/00¹

A participação dos jovens hoje no Brasil e no mundo está bastante vinculada à preocupação com o futuro da sociedade e de seu desenvolvimento: os jovens são, uma otimista geração que define já no presente, a continuidade ou a mudança desta sociedade.

Na opinião pública, o estereótipo atual é de que a geração juvenil está apática, desinteressada e desmobilizada, às vezes individualista, consumista e alienada. Estudos realizados sobre comportamento e valores dos jovens indicam que a percepção destes a respeito da sociedade e seu futuro é geralmente bastante negativa. Essa percepção vem vinculada a diversas dimensões de insatisfação e insegurança quanto às chances de sua inserção social, principalmente para os jovens dos setores populares, mas também para muitos dos jovens de classe média.

Parece inclusive difícil dizer se, em termos numéricos, há mais ou menos jovens participando do que em gerações passadas: *“O que é importante lembrar é que hoje em dia é muito mais diversificada a face social dos jovens que se mobilizam - se até os anos 70 os atores juvenis estavam restritos aos jovens estudantes de classes médias, hoje, várias dessas formas de movimentação que vemos surgir se fazem entre jovens dos mais distintos setores sociais, especialmente entre os chamados setores populares urbanos (Abramo, Rodriguez)”*.

Relação entre desenvolvimento integral, inserção social e a participação dos jovens

Quanto à participação dos jovens é importante relacionarmos o seu potencial de desenvolvimento integral à sua inserção social. As noções de participação social e desenvolvimento integral estão interligadas e o momento crucial para isso é a etapa da juventude. O indivíduo só pode se desenvolver integralmente quando se constrói como sujeito, e só pode assumir plenamente sua condição de sujeito e ator social se alcança um desenvolvimento pessoal integral.

¹ Lis Hirano é escotista do GE. Caramuru de São Paulo - SP e membro da Fundação Kellogg.

A juventude é a fase em que se estrutura o desenvolvimento do indivíduo como sujeito social e esse processo será inteiramente marcado pelo modo como se dá seu desenvolvimento pessoal. Touraine, pergunta-se como se pode garantir o fortalecimento da instituição dos jovens como sujeitos para que possam assumir-se como atores sociais; aponta que para esse desenvolvimento se completar é fundamental que o jovem possa processar a integração de sua experiência de vida e a seu vínculo e envolvimento em projetos pessoais ou coletivos no meio social: “incrementar nos jovens a capacidade de comportar-se como atores sociais, isto é, de modificar seu entorno social para realizar projetos pessoais”. Isso passa pelo fortalecimento do indivíduo, isto é, pela chance de uma socialização satisfatória (pela educação, pela construção da auto estima, pela possibilidade de espelhar-se em papéis na vida adulta futura etc.), assim como pelo fortalecimento da capacidade de ser ator de sua própria vida: de escolher, julgar, ter projetos e sustentar relações sociais com outros (sejam relações de cooperação, consenso ou conflitos).

O objetivo é “fortalecer a capacidade de ação dos jovens, contribuir para seu desenvolvimento pessoal integrado, intensificar a integração de sua experiência e o seu envolvimento em projetos”. O jovem deve ter durante o seu período de crescimento integral, oportunidades para capacitar-se para estruturar *projetos de futuro*, tanto no plano pessoal, como no plano social vinculado à imaginação e estimulação falta para desenvolver seus próprios sonhos, propostas de transformação, “energia utópica”, identificada nessa geração

Faz parte do desenvolvimento integral do jovem, portanto, o desenvolvimento de sua consciência de cidadania e a possibilidade de exercê-la: por processos educativos e integradores, mas também por práticas que lhe permitam perceber que podem influenciar as decisões que afetam sua vida.

Desejo de mudança e novas formas de participação

Tania Zagury (apud Gomes da Costa) mostra que a maior parte dos jovens brasileiros se interessa e acompanha o que se passa na política, no Brasil e no mundo, embora poucos se considerem participantes diretos. O que parece importante ressaltar aqui é que tais elementos parecem desautorizar teses de que os jovens, na sua totalidade ou maioria, são alienados ou indiferentes quanto aos assuntos públicos. Uma pesquisa de opinião realizada pelo principal periódico brasileiro mostrou também que, em 1994, constatava-se entre os jovens uma alta valorização de ideais como liberdade e participação.

Pois, assim como existem elementos nos sistemas e na sociabilidade contemporânea que constroem limitações à participação dos jovens, é possível identificar também outra série de elementos que a impulsionam:

- A insatisfação com o estado das coisas e o desejo de justiça;
- A tendência à formação de grupos e a necessidade de elaboração de identidades coletivas;
- A necessidade de buscar meios de expressão e de intercâmbio com os outros jovens;
- O desejo de construir projetos pessoais conectados a uma determinada visão de mundo e a projetos sociais;

- O sentimento de comprometimento social, seja com seu grupo, sua comunidade, com seus iguais (em termos de classe, etnia, orientação filosófica ou religiosa, cultura, política) ou com a “sociedade” em abstrato;
- O desejo de cidadania e a disposição para ser protagonistas no presente e não apenas no futuro.

Dessa forma, é importante assinalar que, para além de uma “disposição sem engajamento” revelada pelas pesquisas, há muitos jovens que participam efetivamente, e são muitas vezes bastante significativos.

Alguns estudiosos têm chamado a atenção para o fato de que, com novas perguntas e novos olhares, pode-se perceber a existência de diferentes formas de mobilização entre os jovens, que vão desde, mais que uma apatia estão mandando recados críticos à sociedade até uma participação política que propõem mudanças (em movimentos estruturados, partidos, sindicatos etc.), passando pela participação individual ou grupal em organizações comunitárias, ou em torno dos mais diferentes tipos de causas, que podem ir das mais locais às mais planetárias, como voluntários em distintos tipos de atividades organizadas por diferentes tipos de instituições, participação em movimentos informais dos mais distintos tipos, em grupos de lazer, em movidas culturais, em “tribos”.

Para lidar com essa questão, as perguntas têm que girar sobre de que modo os jovens se posicionam como atores sociais, com questões próprias, no seu meio social; como fazem para que se escute suas vozes, que tipo de diálogo têm conseguido estabelecer entre si e com outros atores sociais, ou seja, de que modo têm sido capazes de interpelar a sociedade, através de suas ações coletivas, para mudar a sua própria realidade e a da sociedade?

Ou seja, além de pensar na participação juvenil como um processo educativo relacionado ao seu desenvolvimento integral, e como uma herança pela qual se espera que se responsabilizem, é preciso pensá-la como um direito através do qual os jovens podem negociar suas demandas e contribuir para as mudanças na sua sociedade.

Ativismo juvenil / Protagonismo juvenil

Jovens protagonistas, jovens ativos, jovens líderes, jovens empreendedores, jovens multiplicadores ... jovens do presente ... São no mundo 34 milhões de jovens incluindo jovens escoteiros e escotistas que, localmente, nacionalmente e internacionalmente, estão a cada dia se envolvendo, através das mais distintas formas e níveis de participação social, econômica e política como ativos cidadãos e atores protagonistas na história do desenvolvimento de nossas sociedades.

Estratégias importantes de desenvolvimento social e humano são cada vez mais protagonizadas por jovens enfatizando a grande importância do envolvimento da juventude nos distintos níveis de participação e seu envolvimento em iniciativas próprias do jovens e de processos de tomada de decisão.

Mais do que destinatários ou objetos das ações, os jovens são hoje os legítimos interlocutores e parceiros - sujeitos portanto, no processo de desenvolvimento de nossas sociedades com direito à participação real no presente, e não só como futuros cidadãos em formação, contribuindo com suas questões singulares e seus pontos de vista, para o desenvolvimento e alargamento da cidadania. As terminologias para este ativo grupo da

sociedade está definida por muitos sociólogos, educadores, psicólogos e outros profissionais que trabalham com jovens no mundo.

Na raiz do protagonismo é necessário haver uma opção livre do jovem, sobre a sua participação nos processos de tomada de decisão quanto ao seu envolvimento ou não de realizar uma ação. O jovem tem que participar do planejamento da ação. Depois tem que participar na execução da ação, na sua avaliação e na apropriação dos resultados.

Existem dois padrões de protagonismo juvenil: quando as pessoas do mundo adulto fazem junto com os jovens e quando os jovens fazem de maneira autônoma. No processo de construção conjunta de jovens e adultos para a implementação e desenvolvimento de ações, é importante considerarmos 3 importantes “Momentos Is”, na formação como na experiência prática do jovem: *Interação* - principalmente de temas, responsabilidades, contextos e novos conhecimentos; *Integração* - entre as equipes intergeracionais e multidisciplinares (considerando que o jovem é um ser integral onde ações não integrais tendem a acompanhar o jovem por fatias setorializadas); e *Iniciativa conjunta* - de discussão, construção, implementação, avaliação e disseminação de idéias e ações.

Atualmente entende-se o fortalecimento do protagonismo juvenil como um estímulo para que os jovens tomem atitudes propositivas e responsáveis em espaços sociais nos quais ele possa estar envolvido. Na definição de Gomes da Costa², isso significa “envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações visando, através de seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver seu potencial criativo e sua força transformadora”. Este é um conceito fortemente focado nas mais diversas formas educativas, formal, não formal e informal, de preparação para a cidadania, como pode ser percebido pelas palavras do mesmo autor: “*O protagonismo juvenil emerge como uma alternativa válida e eficaz de possibilitar aos adolescentes identificar, incorporar e vivenciar, através de ações concretas, os valores que lhes permitirão encontrar-se na dimensão da solidariedade e do serviço desinteressado à causa do bem comum*”.

Várias formas de estimular o protagonismo juvenil têm sido experimentadas por instituições governamentais e não governamentais: entre elas, o trabalho voluntário em instituições sociais; o envolvimento de jovens em programas de serviço comunitário; e o estímulo ao desenvolvimento de projetos de sentido social por parte de indivíduos ou grupos juvenis (através da instituição de concursos, prêmios, fundos para bancar iniciativas e pequenos projetos etc.).

Os Direitos da Cidadania deve considerar na sua amplitude de atividades propostas, o dinamismo da juventude como parte de uma dinâmica própria aliada ao conhecimento e experiência de vida do adulto. Cada faixa social e etária tem a sua especificidade e talvez a grande questão do protagonismo juvenil é que ainda há uma grande distância nos entendimentos das linguagens próprias dos jovens e dos adultos entre a teoria das palavras e da prática efetiva. Em todas as circunstâncias, a necessidade de reconhecer, valorizar, enfatizar o positivo, identificar-se, incentivar para continuar, envolver-se, e o promover desenvolvimento pessoal e social criando expectativas de segmento das iniciativas promovidas pelo jovem com organizações e pessoas é que fará diferente este presente e o futuro.

² Definição de Antônio Carlos Gomes da Costa, consultor e orientador de várias instituições que dirigem ações com e / ou para jovens no Brasil.

“O protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação do adolescente pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos, influenciando no curso dos acontecimentos na vida comunitária e social mais ampla”.

Exemplos de Iniciativas de protagonismo no Brasil

CDI “Comitê para Democratização da Informática” - Rodrigo Baggio, jovem de 29, que criou a partir de um serviço de boletim on-line, a Jovemlink, um serviço de boletim para dar aos jovens das comunidades de baixo poder aquisitivo a oportunidade de debater assuntos como meio-ambiente, direitos humanos e cidadania. Notou neste época que as favelas do Brasil não possuíam os equipamentos necessários para ter acesso a JovemLink. Então, surgiu a idéia de oferecer um espaço aos moradores das favelas onde eles pudessem aprender e utilizar a informática. Rodrigo então funda o Comitê para Democratização da Informática (CDI), uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que promove programas educacionais e profissionalizantes (Escolas de Informática e Cidadania), com o objetivo de reintegrar os membros de comunidades pobres, principalmente crianças e jovens, diminuindo os níveis de exclusão social a que são submetidos no Brasil e em todo o mundo. Além de desenvolver o trabalho pioneiro de levar a informática às populações menos favorecidas, o CDI promove a cidadania, alfabetização, ecologia, saúde, direitos humanos e não-violência, através da tecnologia de informação (<http://www.cdi.org.br>).

Gincana da Cidadania - Instituto C&A de desenvolvimento Social, Rio Voluntário e Secretaria Municipal do Rio de Janeiro teve como realizador da Gincana da Cidadania o Instituto Pró-Ação pela Cidadania Jovem, uma ONG de jovens. O projeto teve por objetivo sensibilizar jovens para o exercício participativo da cidadania, incentivando o protagonismo social através de um trabalho voluntário voltado para reintegração de crianças e adolescentes em situações de risco social ao convívio familiar e à escola (<http://www.gincanadacidania.org.br>).

O Projeto JOVemAÇÃO - Ação conjunta do Instituto C&A de desenvolvimento Social, Rio Voluntário e Secretaria Municipal do Rio de Janeiro teve como realizador da Gincana da Cidadania o Instituto Pró-Ação pela Cidadania Jovem. O projeto teve por objetivo sensibilizar jovens para o exercício participativo da cidadania, incentivando o protagonismo social através de um trabalho voluntário voltado para reintegração de crianças e adolescentes em situações de risco social ao convívio familiar e à escola. A proposta foi construir e implementar, com alunos do Ensino Médio do Rio de Janeiro, estratégias de participação social promovendo uma gincana criativa com atividades que além de contribuir para a consciência e mobilização social, arrecadaram recursos financeiros para um projeto de bolsa-escola, viabilizando acompanhamento psicossocial e apoio financeiro, no valor de um salário mínimo/mês, por um período de um ano, a famílias identificadas e atendidas pela SMDS.

Câmara Técnica Jovem, PR - Projeto de caráter jovem de amostra de cidadania e protagonismo juvenil, para o Desenvolvimento de Paranavaí que em conjunto com núcleos atuantes de desenvolvimentos se voltam para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar social em Paranavaí-PR.

O Cerrado, DF - Projeto de um jornal comunitário de boletim informativo voltado para a comunidade escoteira, com objetivo de informar e desenvolver as

potencialidades que os jovens possuem para escrever e promover a comunicação. O Projeto que forma e informa os jovens.

Uga-Uga, AM - Agência de Comunicação, voltada para jovens e adolescentes que visa o desenvolvimento de atividades sócio-educativas que possam despertar o senso crítico e promover o protagonismo juvenil. Visa melhorar a realidade da escola e da comunidade.

Trote Cidadão, SP - Com o objetivo de mudar o trote aplicado nos estudantes, esta campanha visa a estimular os universitários do país a realizarem trotes criativos, que sensibilizem calouros e veteranos para ações voluntárias em favor da comunidade, além de integrar o estudante no seu novo ambiente.

“Cala Boca já morreu, Porque nós também temos o que dizer!”, SP - Um projeto de educação pelos meios de comunicação que possa assegurar a crianças e jovens uma educação que corresponda às necessidades do mundo moderno, promovendo cidadania, na medida em que favoreça a circulação do conhecimento, cada vez mais influenciado pelo avanço acelerado de novas tecnologias.

Exemplos de Iniciativas de protagonismo no Mundo

Global Youth Network - A rede jovem global é uma colaboração internacional entre jovens e organizações que trabalham também com jovens para intercambiar informações, recursos e soluções. Seu propósito é promover um grande envolvimento de jovens criando oportunidades para que eles possam ser ouvidos, potencializando suas vozes para impactar agendas nacionais e globais provendo instrumentos, reconhecimento público e apoio financeiro para que a juventude participe positivamente de ações que possam melhorar o mundo - comunidade para comunidade (<http://www.youthlink.org>).

National Youth Platform - É uma mobilização de milhares de jovens nos Estados Unidos para contribuir com suas idéias na melhoria do país. Mais de 500 delegados resumiram seus temas e soluções para criar esta plataforma a ser apresentado para candidatos a presidência do país, senadores, e prefeitos. Jovens são estimulados a votar em candidatos que possam melhor representar e defender os temas apresentados destes jovens. Levantamento de temáticas juvenis trazidas pelos próprios jovens e que através deste organismo e suas agendas são materiais de insumo para análise de programas para juventude e uso de respectivos recursos nos EUA.

Pioneers of Change (Pioneiros da Mudança) - É uma iniciativa de jovens no mundo todo que promove novos tipos de maneiras de crenças, vida, em sua essência, pluralidade, diversidade, interdependência, e auto-organização para desenvolver sua própria liberdade. O propósito dos pioneiros é promover juntos um processo de compromisso, entendimento, rede de relações para criar ou transformar sistemas que devem servir para vida.

Global Kids - Grupo de jovens que desenvolve distintos projetos e programas para envolver mais jovens no desenvolvimento de suas comunidades, desenvolvendo sua auto-estima, sensibilizar sua consciência cidadã sobre temáticas mundiais e dando oportunidades para conhecerem-se a si mesmos e outros numa nova e mais poderosa maneira. É uma organização educacional dedicada a preparar jovens de zonas urbanas a tornar-se jovens líderes de sua comunidade local e global.

b. Escotismo e Protagonismo Juvenil

por Clóvis Henrique Leite de Souza³ - 22/12/00

O Protagonismo Juvenil é um tipo de ação de intervenção no contexto social para responder a problemas reais onde o jovem é sempre o ator principal. É uma forma superior de educação para a cidadania não pelo discurso das palavras, mas pelo curso dos acontecimentos. É passar a mensagem da cidadania criando acontecimentos, onde o jovem ocupa uma posição de centralidade.

Protagonismo Juvenil significa, tecnicamente, o jovem participar como ator principal em ações que não dizem respeito à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla. Outro aspecto do protagonismo é a concepção do jovem como fonte de iniciativa - que é ação; como fonte de liberdade - que é opção; e como fonte de compromissos - que é responsabilidade.

Nesse sentido, participar, para o jovem, é envolver-se em processos de discussão, decisão, planejamento e execução de ações, visando através do seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver o seu potencial criativo e a sua força transformadora.

É deste tipo de participação que precisamos no Movimento Escoteiro. Participação que pelo envolvimento no processo decisório o jovem se desenvolve como pessoa. O envolvimento do jovem não pode ser apenas figurativo, como tem sido muitos dos fóruns de jovens líderes. Precisamos reconhecer que a participação dos jovens pode transformar a realidade na qual estão inseridos, no caso o movimento escoteiro.

Desde a criação do Escotismo a máxima “Ask the boy!” é repetida por aqueles que acreditam no ideal que Baden Powell perseguia. Em sua criação o movimento escoteiro era essencialmente “protagonístico”, ou seja, o jovem era sempre o ator principal das ações. No entanto, com o passar dos anos os adultos foram esquecendo muitos dos ensinamentos do fundador e vimos um movimento deixar a opinião dos jovens em último plano. A prova dessa inversão de valores está no MACPRO que está tentando resgatar muitas das idéias de BP, que com o tempo parecem ter sido esquecidas.

Na formulação do novo programa de jovens vemos que a opinião do jovem é essencial. Temos o ciclo de programa que obriga o escotista, desde o ramo lobinho, a perguntar aos membros juvenis o que eles desejam fazer. Esse é o primeiro passo para uma mudança, ainda precisamos avançar muito e principalmente nos altos níveis de decisão. A opinião do jovem deve ser considerada a todo o tempo. Nossos irmãos britânicos nos dão lição nesse sentido quando, no presente ano, eles fizeram uma grande consulta aos jovens para saber quais mudanças queriam para o uniforme escoteiro. Parece irreal isso ocorrer no Brasil, onde os chamados “doutos” do escotismo nacional tentam passar por cima da opinião do jovem, mesmo quando ele se manifesta da forma mais legítima possível, nos fóruns de discussão nacionais. O exemplo disso foram os episódios de tentativa de modificar a lei e a promessa escoteiras.

³ Clóvis Henrique Leite de Souza é pioneiro do GE Marechal Rondon de Brasília - DF e atua nos informativos “O Cerrado” e “Protagonismo Juvenil”.

Cidadania. Palavra com muitos significados, mas o projeto educativo diz que temos o objetivo de formar cidadãos responsáveis. Como aprender cidadania? Talvez a resposta esteja no método: Aprender Fazendo. E aí é que entra o conceito de protagonismo juvenil. Temos que abrir espaços para o exercício da cidadania do jovem, espaços como os fóruns de jovens. Além de estarmos contribuindo para o desenvolvimento pessoal de cada participante estaremos trazendo idéias novas para a instituição UEB. Devemos encarar o jovem como solução e não como problema.

Nessa direção caminham inúmeros projetos de protagonismo juvenil em nosso país e no mundo. Projetos que vêm na participação juvenil uma atuação criativa, construtiva e solidária para resolver problemas reais de suas comunidades. Difícil citar apenas alguns, pois todos os projetos que conheço têm seus méritos e valem a pena ser conhecidos. No entanto, vou dar dois exemplos que têm sentido no contexto: Câmara Técnica Jovem - Jovens de Paranavaí que se reuniram e começaram a discutir problemas de sua cidade, hoje mantêm o fórum de discussão e formulam propostas de políticas públicas para a região; “Cala Boca Já Morreu!” - Esse projeto faz com que os jovens encarem criticamente os meios de comunicação e estimula a expressão, onde o jovem tem seu espaço para dizer o que pensa do mundo.

A meu ver o movimento escoteiro brasileiro caminha quase igual ao estado brasileiro, temos inúmeras leis e textos que não saem do papel. Estou me referindo ao projeto educativo da União dos Escoteiros do Brasil, que pouco é seguido. Diz lá que o escotismo se preocupa com as grandes questões nacionais. Será? A não ser em ações esporádicas, como a que ocorreu a pouco tempo onde escoteiros foram participar de um debate preparatório aos fóruns que acontecerão no “Rock in Rio - Por um Mundo Melhor”, pouco se faz pelas comunidades e pouco se discute as questões nacionais. Essa questão não cabe aqui, mas levantei-a pois acredito que nos fóruns podem ser discutidas questões fora das do escotismo. A proposta dos fóruns organizarem projetos de interesse geral pode passar nesses aspectos do trabalho voluntário.

Transformar a realidade de suas comunidades. Esse é um dos objetivos do protagonismo juvenil. Nossa comunidade escoteira precisa de algumas transformações e está passando da hora de os jovens estabelecerem o que pensam sobre certos aspectos. Não queremos uma ditadura juvenil, precisamos apenas de criar espaços realmente democráticos para a participação dos jovens. Somente com um trabalho conjunto entre os jovens e adultos teremos um escotismo como movimento *de* jovens e não *para* jovens.

A convenção da ONU para os direitos da criança, estabelece que as crianças e adolescentes têm direito a terem suas opiniões levadas em conta nas questões que lhes digam respeito. Acredito que escotismo é um assunto que diz respeito aos jovens, logo temos o dever de ouvirmos e principalmente levarmos em conta suas opiniões. Só assim caminharemos rumo ao escotismo de qualidade.

c. Histórico recente do Plano 2001 & Rede Interamericana, o encontro entre as duas idéias e a organização da proposta.

Antes do ano de 1999, a liderança jovem no estado de São Paulo inexistia, ao menos de forma organizada, até porque, o conceito ainda era algo recente e pouco difundido. Assim, este papel ficava relegado a poucos jovens privilegiados de informações ou em outros casos, foram representados pelos membros da Equipe Pioneira. Com isto, no 1º FNJL 96, em Canela - RS, o estado de São Paulo esteve representado por Vanessa Dohme (Caramuru); no 2º FNJL 97, em Brasília - DF, os representantes foram Rodrigo Silva (Inah de Mello) e Leandro Petreca (Irapuã); no 3º FNJL 98, em Fortaleza - CE, foram Lis Hirano (Caramuru) e Luiz Gustavo (Carmo); em todos estes casos os representantes regionais não passaram por qualquer tipo de processo de escolha, seja este por indicação ou eletivo.

No ano de 1999, quando a motivação pelo assunto e o número de interessados já era crescente, realizou-se o 1º FRJL, em Jales - SP. A maioria dos participantes redundava nos mesmos GE's de participantes de atividades comunitárias regionais do ramo pioneiro e por estas já firmadas afinidades, principiavam as primeiras discussões á respeito. Conseqüentemente, este primeiro Fórum foi muito positivo quanto aos debates desenvolvidos, resultando na formação de uma delegação de onze membros, que foram ao FN no mesmo ano.

Esta delegação paulista de jovens, no 4º FNJL 99, em Foz do Iguaçu - PR, após muitos debates fechados, formularam a proposta do Plano 2001, que foi a única apresentada pela delegação e também a única a ser aprovada por unanimidade, após ter passado por duas emendas. Os debates internos foram tantos, que demandaram duas reuniões de 6 horas somadas, resultando em um texto de três parágrafos e mesclaram assuntos oriundos do FR de Jales e muitas idéias pessoais. Na verdade, a redação resumida não expressava fielmente o grande leque de idéias nela inspirada. Como sugestionava o nome e a orientação da idéia, o Plano seria elaborado no ano 2000, contanto com a contribuição dos demais de outros estados, para ser implantado em 2001. Seu objetivo era, basicamente, "criar e / ou fortalecer mecanismos que insiram os jovens no processo decisório".

Os jovens proponentes do Plano afirmaram de imediato sua intenção de torná-lo um grande consenso, para tanto, convidaram os demais presentes a se envolverem no processo de elaboração do mesmo. Porém, isto não ocorreu efetivamente em um "primeiro momento" e os trabalhos em São Paulo se iniciaram tardiamente no 2º semestre de 2000, sendo coordenados por um limitado número de jovens, devido a grande diversidade de temáticas e debates envolvidas no mesmo. Apesar de serem poucos, até então, os jovens de outros estados que mantiveram contato, (até pelo fato de alguns terem desacreditado da idéia, após o já citado recesso) o processo foi iniciado com a seleção e distribuição dos primeiros questionários, para captação de dados teóricos. Apesar das dificuldades, estava iniciado o processo de elaboração da proposta.

Mas quando este processo já estava razoavelmente engrenado, surge um novo fator, que ao mesmo tempo agradou e tornou a empreitada mais longa e complexa: a Rede Interamericana de Jovens, pelas resoluções da OSI "Oficina Scout Interamericana". As propostas coincidem na sua idéia central, de inserir o jovem no processo decisório. Mas, no meio encontrado para tal, estas são dissidentes, pois a Rede

sugere a extinção dos fóruns de jovens, em substituição a um processo de transição que dilua as limitações praticas entre jovens e adultos, que se entende que foram criadas pelos próprios fóruns. Por sua vez, o Plano 2001 prima pela manutenção dos fóruns, desde que estes se submetam a uma significativa mudança na estrutura e programa atual, entendendo que a culpa das falhas no processo reside no programa do fórum e na forma como o mesmo é encarado, mas credita muito valor aos oportunismos que ele gera aos jovens. Além disto, mais um misto de coincidência e contradição: a Rede seria um processo transitório, viabilizado por uma “rede” provisória de jovens, responsáveis pela transposição e formação dos futuros líderes; o Plano vislumbra a criação de estruturas mínimas (denominadas núcleos) de transposição dos jovens no processo, que atue permanentemente nos níveis do processo decisório e ativo, atuando também como formador. Devemos lembrar sempre que o Plano surgiu em um Fórum de Jovens, enquanto a Rede surgiu em escalas mais altas da hierarquia; o que torna a receptividade de cada idéia muito diferente.

Mediante a este contexto, poderíamos nos indagar: E agora? Qual a melhor formula a ser seguida? O que fazer? Considerando que os jovens envolvidos direta e indiretamente com o Plano aprovaram as intenções da Rede, mais estavam receosos quanto ao sucesso desta transição; e considerando que o Plano poderia por sua vez estar incorrendo nos mesmos erros em curso, por manter e criar estruturas fixas de acesso exclusivo aos jovens (apesar de ainda não terem sido experimentadas), que possam tender a mantê-lo marginalizado - decidiu-se que o Plano estaria adaptando as propostas da Rede, sem se desvincular dos seus propósitos originais; esta fusão procuraria implementar todas as idéias comuns e mesclar as idéias ainda desconstruídas, dando ao mesmo tempo uma possível resposta a Rede e a inestimável oportunidade de se experimentar as duas fórmulas.

Todavia, uma certeza: ao final deste período experimental (de duração ainda indefinida), uma única formula deve ser apurada, sendo esta igual ou similar a Rede, ao Plano ou uma fusão entre ambas. Assim, não há o risco de se adotar a Rede pela força da hierarquia ou o Plano pela apreço da afinidade. Esta proposta adaptada do Plano, além de fundir as duas bem intencionadas idéias, mecaniza em seu processo um encontro entre as duas vias em questão, vindas de “cima” e de “baixo”. Para tanto, criou-se um ponto final de interseção entre estas: a Comissão de Estudos Permanentes, composta de jovens e adultos, que estará responsável pela formulação de dados e pareceres, que servirão de subsídio para a concretização de um modelo definitivo, caso a presente proposta seja implementada.

Esta Comissão de Estudos Permanentes surgiu em uma reunião extra-oficial entre jovens, após o 5º FNJL 00, em Guarapari - ES, com a finalidade de acompanhar todo o processo de implementação do Plano / Rede, de forma isenta e imparcial, procurando estudar todo o seu desenvolvimento, apurando as conseqüências e resultados do mesmo, e formulando um parecer quanto ao futuro do Plano, da própria comissão e as providências a serem tomadas pelos meios competentes. Com isto, foram indicados 10 membros, sendo 5 jovens e 5 adultos. Esta mesma reunião informal serviu para que toda esta situação, de encontro entre Plano & Rede fosse esclarecida e para a própria discussão da proposta, no que tange ao seu mecanismo. Em verdade, a intenção de boa parte dos jovens era de que esta Comissão fosse criada para a “elaboração conjunta da proposta”, durante todo o ano de 2001, para implantação somente em 2002; mas, tendo

em vista a sua impossibilidade, devido ao fato de que ambas idéias terem se proposto a iniciar o processo em 2001⁴, isto se inviabilizou; assim, esta mesma comissão se colocou a disposição de fazer um “estudo continuado do processo de implementação”, seja este qual for (nome e origem).

Desta forma, a coordenação do Plano 2001, que reside em São Paulo, com as intenções já ditas acima, intensificou o processo de elaboração da proposta - vale ressaltar, que os jovens de todos estados envolvidos ficaram mais motivados, a partir das intenções afirmadas pela OSI por meio da Rede, quer como pelas novas possibilidades abertas para o Plano. Muitos foram os jovens que a partir de então começaram a contribuir e a cobrar o andamento da proposta. Além dos questionários, foram enviadas correspondências denominadas “malotes”, a representantes jovens de diferentes estados, presentes em Guarapari; estes malotes continham debates, questionamentos e partes da proposta do Plano, que foram respondidos por onze jovens, de sete estados. Esta foi a melhor solução encontrada pela coordenação do Plano, para que a proposta ganhasse em conteúdo, isenção e fundamento democrático, sem que a já atuante estrutura de trabalho fosse inchada ou desarmonizada.

Ao final da elaboração da proposta, que contou com as considerações dos jovens que responderam aos questionários e malotes⁵, o resultado final do sistema proposto foi enviado ao mesmo grupo de jovens, para os pareceres finais e a conseqüente finalização do documento. Após o documento ter sido enviado ao Escritório Nacional, uma cópia do mesmo foi divulgada a uma seleção de jovens (envolvidos com o Plano ou os fóruns) e listas de debates na internet, incitando o trabalho dos primeiros núcleos e da CEP.

⁴ Além de o próprio Plano ter se proposto a iniciar sua implantação em 2001, a proposta da Rede, por uma nova coincidência, tinha como prazo limite de entrega o dia 31 de Dezembro de 2000. Ambas, que neste caso tem proposição unificada, deveriam ser entregues ao Escritório Nacional da UEB, em nome da CNPJ “Comissão Nacional de Programa Jovem”.

⁵ Os jovens indicados em Guarapari para compor a CEP “Comissão de Estudos Permanentes”, não puderam ser indicados a responder aos malotes, pelo fato destes conterem discussões á respeito do sistema de trabalho que deverá ser revisto pelos mesmos; ou seja, uma medida ética, em busca de isenção e imparcialidade. Porém, isto não impediu que estes respondessem aos questionários, sobre fóruns e grupos atuantes, que não tinham ligação direta com o sistema proposto, mas somente buscavam a captação de dados teóricos.

2. Estabelecendo conceitos

a. Um pouco de história ... e o atual contexto, através de exemplos

*elaborado com o apoio dos participantes do Questionário sobre Grupos Atuantes
colaboração de Melissa Martins Casagrande - 16/12/00*

Os textos que se seguem são uma humilde tentativa de situarmos os acontecimentos passados e presentes acerca da participatividade jovem no Movimento Escoteiro. Procuramos por meio destes, estabelecer um panorama mínimo, que nos aproxime de um “atual contexto”, orientando nossas perspectivas de trabalho.

A voz da juventude

Dentre os acontecimentos marcantes na história do escotismo, alguns foram notados pela decisiva iniciativa dos jovens, que de diferentes maneiras assumiram seu papel de transformadores de um movimento dedicado à própria juventude. Afinal, segundo Laszlo Nagy⁷, *o sucesso do movimento escoteiro deve-se principalmente a resposta positiva dos jovens frente os ideais apregoados por BP, seu espírito de coletividade e o modelo de desenvolvimento pessoal através da vida ao ar livre; o escotismo sobreviveu as duas guerras mundiais, a conflitos sociais, a modernidade; por isto é uma realidade entre os jovens de diversas culturas, do primeiro ao terceiro mundo, pois possui valores “humanistas e universalistas”, que resistem no tempo e espaço.*

A primeira grande manifestação dos jovens ocorreu ainda nos primeiros anos do escotismo e foi decisiva para o futuro do movimento. No dia 4 de setembro de 1909, no “Cristal Palace”, em Londres - Inglaterra, cerca de dez mil jovens responderam a um chamado de BP, que convocou um “grande encontro nacional”, a fim de apurar a resposta dos jovens ao recém criado movimento. Esta gigantesca e espontânea adesão, que marcava inclusive a primeira aparição de moças, comoveu BP, que a partir desta data decidiu dedicar-se ao movimento, em suas já infinitas fronteiras.

Outros muitos acontecimentos foram igualmente marcantes, onde a palavra dos jovens e suas reações aos acontecimentos em curso foram decisivas, nas questões referentes a uniforme, programa, co-educação e ao papel dos jovens nas sociedades, entre outros. A juventude sempre foi responsável pela modernização do escotismo; em outras palavras, em atualiza-lo, aproxima-lo á realidade.

Fóruns de Jovens

Neste ínterim, o interesse e a importância dos jovens no desenvolvimento do escotismo motivou a realização dos “fóruns de jovens”, que passaram a ser realizados em diversos países. O objetivo destes eventos era levar a palavra dos jovens aos dirigentes de suas organizações - foi um passo importante, mas ainda insuficiente para os jovens se tornarem parte efetiva dos processos decisórios.

Convencionou-se que os fóruns mundiais seriam realizados junto aos Rover Moots Mundiais e assim, em 1955, a partir do 5º Rover Moot Mundial, realizado em Kanderstag - Suíça, realizou-se o 1º Fórum Mundial Escoteiro de Jovens. Nos quatro

⁶ Melissa Martins Casagrande é escotista do GE. São Judas de Curitiba - PR e presidente do Fórum Interamericano de Jovens, atuante como representante jovem da OSI para o triênio 1999-2001.

⁷ Laszlo Nagy é ex-secretário geral da WOSM e autor da obra “250 milhões de escoteiros”, sobre a história do movimento entre os anos de 1907 á 1983.

moots mundiais seguintes: 2º Fórum Mundial '57, em Sutton Coldfield - Inglaterra; 3º Fórum Mundial '61, em Melbourne - Austrália; 4º Fórum Mundial '90, novamente em Melbourne - Austrália; e 5º Fórum Mundial '92, novamente em Kanderstag - Suíça.

Além destes, foram realizados inúmeros fóruns continentais e fóruns mundiais extraordinários, junto a outros eventos internacionais. Outro acontecimento interessante, ocorreu em 1971, na 23ª Conferência Mundial, em Tóquio - Japão, quando um jovem japonês pediu a palavra e discursou em nome do “fórum escoteiro”, apresentando recomendações, análises e um apelo para que as mudanças em curso contassem com a opinião dos jovens.

Porém, os fóruns de jovens não contribuíam efetivamente para a inserção dos jovens na tomada de decisão e passaram a sofrer resistências, apesar de serem reconhecidamente uma ferramenta em potencial para o programa (*sobre este assunto iremos discorrer mais detalhadamente na seção 2b*). Em verdade, a ausência dos jovens nas tomadas de decisão já estava (há tempos) sendo sentida, apesar destes nunca terem deixado de expressar suas opiniões e desejos. O que de fato precisava mudar, era a sensibilização dos membros adultos quanto a participação dos jovens no processo, pois se constatava que estes estavam cada vez mais alienados pela falta de contato ou comunicação com a base. Um exemplo claro da falta de projeção dos fóruns estava no próprio fórum mundial, realizado junto aos moots, onde a periodicidade irregular do evento, as demais atividades ocorrendo paralelamente e o perfil incompatível dos participantes, não contribuía para a qualidade dos debates.

Com isto, em 1993, na 33ª Conferência Mundial, em Bangkok - Tailândia, um importante avanço aconteceu, com a “Resolução 2/93”. Esta resolução mudava as condições de realização dos fóruns mundiais, passando estes a serem realizados como eventos prévios e preparatórios da conferência; reconhece a importância dos jovens de 18 a 26 anos nas tomadas de decisão, identificando-os com “jovens líderes⁸”; incentiva as associações nacionais a promoverem o acesso dos jovens as tomadas de decisão e a estudarem novas possibilidades para tal.

Pouco tempo depois, estas mudanças passaram a ser sentidas no Brasil. Em maio de 1996, foram realizados os últimos fóruns nacionais dos ramos escoteiro e senior, pelo fato da Direção Nacional não mais recomendar este tipo evento as regiões escoteiras e assim, alguns poucos fóruns (principalmente do ramo pioneiro) foram preservados por regiões específicas. No meio do ano, ocorreu o 6º Fórum Mundial, em Moss - Noruega, como evento prévio da Conferência em Oslo, onde os jovens participantes do fórum⁹ integraram suas delegações nacionais na conferência. Ainda neste ano, foi realizado o 1º Fórum Nacional de Jovens Líderes, em Canela - RS, junto ao Congresso Nacional, para jovens de 18 a 26 anos, em acordo com a resolução 2/93.

A implantação do fórum e conseqüentemente do conceito de jovens líderes no Brasil, não resultou na formulação de alguma “política nacional” a este respeito e portanto, a definição destes no escotismo brasileiro resumiu-se a resolução 2/93.

⁸ O termo jovens líderes advém da definição de “leaders”, que é o termo utilizado para os escotistas jovens na maioria dos países europeus. Porém, como este é uma definição geral, deve superar qualquer diferenciação entre membro juvenil (no nosso caso o ramo pioneiro) e escotistas jovens, englobando nestes a definição de “jovens” e “líderes”.

⁹ Este foi o primeiro fórum mundial realizado junto a conferência mundial e a primeira participação oficial do Brasil no evento, com a presença de cinco jovens. Anteriormente, o Brasil não podia participar deste e de qualquer outro evento internacional, devido a dívidas pendentes com a WOSM, reduzindo o Brasil a participações extra-oficiais.

Nos anos que se seguiram, a adesão a estes fóruns nacionais cresceu, impulsionados pelos Fóruns Regionais de JL e pela própria motivação dos jovens. Assim, com a adesão crescente a cada ano, realizou-se: 2º Fórum Nacional '97, em Brasília - DF; 3º Fórum Nacional '98, em Fortaleza - CE; 4º Fórum Nacional '99, em Foz do Iguaçu - PR; e 5º Fórum Nacional '00, em Guarapari - ES. Neste meio tempo, houve ainda o Fórum Interamericano '98, em Guadalajara - México e 7º Fórum Mundial '99, em Balgowan - África do Sul; o Brasil esteve bem representado nestes e em demais fóruns internacionais diferenciados.

Exemplos em potencial de Liderança Jovem

Nesta década de 90, alguns acontecimentos são dignos de nota e passíveis de serem avaliados, onde podemos destacar significativos exemplos e iniciativas de jovens dentro do contexto do escotismo brasileiro. Estas iniciativas, na sua maioria, são uma resposta contrária a falta de espaço dos jovens nas tomadas de decisão. Sem querer entrar no mérito de cada questão citada abaixo ou sequer inferir sobre os seus métodos de trabalho, tentaremos traçar uma linha geral daquilo que denominamos “grupos atuantes”. Entendemos que estes são exemplos potenciais de liderança jovem, não necessariamente pelo conceito da sua criação, mas pela irrestrita vontade de interagir no presente contexto.

Em datas próximas ao ano de 1993, surgiram as três primeiras “equipes pioneiras”, sendo estas: CIC - Comissão Inter Clãs, no Rio de Janeiro; ERP - Equipe Regional Pioneira, no Rio Grande do Sul; e CoRePio - Comissão Regional Pioneira, no Paraná. Com isto, podemos nos perguntar: qual o motivo que levou ao surgimento destas três equipes? Porque?

As respostas são muitas, mas em todas alguns pontos em comum, como: falta de retorno (positivo ou negativo) das propostas dos fóruns do ramo; participação irrelevante de representantes juvenis nas reuniões da CROC ou CNOCC¹⁰; a confusa e disforme caracterização dos Clãs Pioneiros; e principalmente pelas deficiências típicas do ramo - programa, formação de adultos, eventos e muitas “polêmicas”. Ou seja, um “prato cheio” para quem tem senso crítico e entusiasmo, comuns aos jovens de 18 a 21 anos.

Assim surgiram estas equipes, a partir de uma enorme insatisfação - facilmente justificada, de um profundo desejo por mudanças e da livre iniciativa de lideranças entre os jovens. O caminho comum encontrado foi o próprio fórum regional do ramo, onde foram montadas “chapas de candidatura” e eleitas entre os jovens as primeiras equipes, sem reconhecimento formal da direção regional, porém, com ampla aceitação entre os jovens.

Isto fez com que algumas destas equipes surgissem no sentido de oposição entre a Direção Regional e / ou Coordenação do Ramo, mas que na maioria dos casos foi superada. Por sinal, estas três primeiras equipes possuem hoje um relacionamento muito amistoso com suas direções regionais e coordenação de ramo.

¹⁰ As reuniões das antigas CROC “Comissão Regional de Organização e Coordenação” e CNOCC “Comissão Nacional de Organização e Coordenação”, contavam com a participação de um ou dois representantes jovens (entre muitos adultos), de cada ramo, eleitos nos respectivos fóruns de ramo.

Estas três equipes possuem uma linha de trabalho similar, onde as principais ações estão voltadas para a informação aos jovens, assistência aos Clãs e coordenação de eventos.

Mas as iniciativas dos jovens não se resumiram a estas três equipes. No Fórum Regional do ramo sênior de SP, em 1996 (justamente o mesmo ano em que os fóruns do ramo foram extintos), os delegados de uma tropa do interior do estado, trouxeram uma contundente crítica as etapas de religiosidade dos ramos sênior e escoteiro; esta gerou um sério debate e a formulação de uma proposta, que foi levada ao Fórum Nacional do ramo. Porém, neste fórum nacional, não houve condições para que o assunto fosse debatido (*veremos detalhes na seção 2b*).

Desta forma, com a vontade destes jovens de trabalhar o assunto, estes se organizaram, a despeito da frustração do fórum nacional. Assim, no início de 1997, seis dos seniores participantes daquele fórum regional, fundaram o GIRE “Grupo de Interesse da Religiosidade Escoteira”. Estes elaboraram o “projeto Religare”, objetivando um trabalho de base em seus GE’s - sobre etapas, atividades culturais e formação de adultos. O grupo estabeleceu contatos com a também recém-fundada EDESP “Equipe de Desenvolvimento Espiritual do Estado de São Paulo”, recebendo total apoio.

Apesar do trabalho ter sido iniciado nos GE’s, o GIRE parou de funcionar um ano após sua fundação, devido aos vestibulares, resultando no afastamento de seus integrantes. Ainda assim, dois de seus seniores integraram a EDESP por mais dois anos.

No mesmo ano, 1997, foi fundada a ERP-SP (antes denominada Ordem Pioneira), pelos mesmos motivos das demais equipes pioneiras; porém, seus integrantes são eleitos individualmente, ao invés de integrarem chapas formadas. Esta, assim como as demais, sempre teve a adesão de uma faixa limitada de jovens e dificuldade de integração com a coordenação do ramo, apesar da grande oferta de projetos.

Seus projetos estão voltados a informação e assistência aos Clãs, mas não se comprometem com os eventos do ramo, pelo fato destes serem atribuídos aos Clãs eleitos nos fóruns; além disto, desenvolvem um trabalho estatístico sobre o ramo, elaboram “fichas técnicas” sobre assuntos diversos, eventos de aprendizado, ampla orientação para o programa dos fóruns e orientações para projetos comunitários de alcance local.

Em 1999, mais uma nova iniciativa, é fundado o Azimute (ou @zimute, antigo JOTI), um jornal escoteiro pela internet, aberto a todos os ramos. Além do jornal com matérias diversas, este grupo promove debates e divulga informações oficiais de interesse geral. Seu alcance atinge a marca de mil assinantes virtuais (o informativo é gratuito), conta com a participação de correspondentes em vários estados e seus debates são acompanhados de escotistas e dirigentes.

Enfim, são diversas as iniciativas que fugiram a inércia dos fóruns e do processo decisório. Estes grupos atuantes, criados sem grandes pretensões, tornaram-se estruturas permanentes, apesar das freqüentes atribulações, e hoje dividem opiniões sobre sua validade ou credibilidade; porém, nenhum destes está alheio a realidade e possuem um contato “umbilical” com a base. Conclusivamente, afirmamos: temos lideranças jovens em potencial e é necessário apoio, orientação e diálogo para torna-las parte do processo!

Nota: Não está descrito neste texto a ERP-DF, apesar de ser sabida a sua existência, além de outros grupos atuantes, descobertos no decorrer deste trabalho.

b. Análise crítica e construtiva sobre Fórum de Jovens

elaborado com o apoio dos participantes do Questionário sobre Fóruns de Jovens

Abaixo iremos discorrer reticentes críticas a alguns fatos históricos de nosso escotismo, na irrestrita intenção de colocarmos um ponto de vista construtivo, com avaliações discursadas através da palavra dos jovens. Não temos intenção alguma de ofender órgão ou pessoa, que por ventura possa se sentir parte destas colocações.

Os Fóruns de Ramo

Sabe-se que no Brasil, até o ano de 1996, realizava-se muitos fóruns, nos níveis local, interlocal, regional e nacional, para todos os ramos. Por decisão da Direção Nacional, que “pode” ter sido influenciada pela resolução 2/93, os fóruns nacionais de ramo foram extintos, fazendo com que algumas poucas regiões realizassem seus fóruns, em caráter facultativo, restringindo-se ao ramo pioneiro.

A justificativa apresentada para a extinção destes fóruns, eram, entre outras: de que estes eventos não contribuíam para a inserção do jovem no processo decisório; por vezes seus debates eram inúteis ou irrelevantes; estes não possuíam a credibilidade dos próprios jovens. Isto tudo é absoluta verdade! Porém, afirmamos com segurança, que isto se deve a um programa totalmente desqualificado e a falta de políticas que aproveitem melhor estas oportunidades de interlocução com os ramos.

Na maioria dos casos, os fóruns eram realizados de maneira muito simples, onde os jovens eram colocados em uma sala, orientados a eleger os componentes da mesa diretora e largados a própria sorte, para debater “o que quisessem, salvo aqueles assuntos proibidos”. Desta forma, na falta de orientações - tanto temáticas quanto de postura, a evolução dos debates se dava de forma muito retardada; para tanto, em alguns casos, eram colocados adultos para acompanhar os debates, que ao invés de orientar, assolavam as discussões com suas demandas políticas e burocráticas. O problema não estava em colocar os jovens á par da realidade, mas sim em reduzir suas perspectivas, sem que fossem encontradas interpretações e caminhos viáveis as propostas.

A partir disto, cria-se um continuado e conflituoso processo entre jovens e adultos. Ao receberem as atas dos fóruns, as diretorias dedicavam pouca importância ao referido material (muita vezes mal escrito), pela baixa qualidade das propostas. Porém, em contrapartida, nada foi feito para a melhora do programa, e os encontros entre os representantes continuaram ocorrendo, sem que estas oportunidades fossem bem aproveitadas.

Um reflexo patente desta fragilidade do programa (ou a falta de), pode ser evidenciado ao enunciarmos as pautas de discussão dos fóruns de ramo em diferentes regiões escoteiras, no decorrer de anos¹¹. Nestes diferentes eventos, repetidos assuntos, por vezes polêmicos, redundam a cada ano, gerando debates e propostas similares, e com as mesmas insoluções; dentre os quais, podemos destacar: uniforme, etapas específicas, co-educação, mística, listel pioneiro e pequenas citações do POR.

Por que estes assuntos sempre se repetiam? Será porque nunca foi dado aos jovens uma resposta (sim ou não) as suas propostas?! Será que os jovens tinham prazer

¹¹ Esta comparação entre as pautas dos fóruns, foi feita através da leitura de diversas atas dos fóruns dos ramos sênior e pioneiro do estado de São Paulo, em comparação a depoimentos informais de jovens e escotistas (ex-participantes de fóruns), do estado de São Paulo e outros estados. Porém, estes depoimentos não foram registrados com rigor.

em debater os mesmos assuntos, ano após ano, ramo após ramo? Em alguma oportunidade, quando estes assuntos supra citados eram debatidos, os jovens foram informados sobre os “para que”, “como” e “por que” as coisas eram daquela maneira; ou sequer estimulados a desenvolver uma linha de raciocínio conexa as circunstâncias?! Na questão do uniforme, por exemplo, houve efetiva e interessada consulta aos jovens?

A resposta a tantas indagações é Não! Não havia programa, estímulo e orientação. Mais que isto, uma das principais pontos em comum destacados entre os diferentes fóruns, eram uma mesma frase versada pelos seus responsáveis: *o fórum não tem poder decisório, somente pode fazer recomendações*. É claro que sim e é exatamente por isto que o evento deveria ser mais bem orientado! Pois imaginem só o tamanho do desafio colocado aos jovens: que sem aprendizado, sem estímulo e sem noção da realidade dos fatos, teriam de produzir algo útil, para quem eles não conhecem e sob a pena de temerosas afirmações que limitam seu poder de interação.

Nestas circunstâncias os fóruns nunca poderiam gerar bons frutos - mas em casos isolados, a despeito da situação, bons resultados surgiram. Restavam criticas aos jovens e faltava auto-critica a quem inferia os fóruns.

Nesta “falida ciranda”, os fóruns se tornaram uma alegoria nos calendários; mais que isto, um peso morto, quando entrava na pauta de custos vs. ganhos; e por ironia, tornou-se uma das poucas unanimidades entre jovens e adultos - *os fóruns não servem para nada*. Sob estes pontos de vista, tinham mais é que acabar mesmo! Afinal, estava incomodando a ambas as partes.

Um exemplo, na forma de estudo de caso

Em meio a tantas colocações, nada mais coerente do que fazê-las através de exemplos. Para tanto, iremos apontar o Fórum Regional Sênior de SP e o respectivo Fórum Nacional Sênior, de 1996, justamente o ano da extinção dos fóruns de ramo e portanto, última edição destes.

O Fórum Regional foi realizado de forma exemplar e satisfaz a todos participantes: as atividades sobre Grupos de Interesse (meio ambiente, cidadania, educação e saúde) foram bem aceitas pelos jovens, gerando bons debates; as atividades sobre a REME foram interessantes e ajudaram os jovens a tomar conhecimento da mesma; as confraternizações agradáveis, que não interferiram nos horários dos debates; e os debates duraram tempo suficiente para todas discussões.

Conseqüência disto, um evento que contribuiu para a formação dos jovens participantes, informações úteis levadas aos GE's pelos jovens e propostas de qualidade a serem encaminhadas ao Fórum Nacional.

| Dia 4 de Maio - sábado | Dia 5 de Maio - domingo | Aproveitamento dos programa, em frações aproximadas. |
|--------------------------------------|---------------------------------------|---|
| Abertura e hasteamento | Alvorada e Hasteamento | |
| Palestras dos Grupos de Interesse | Café da Manhã | |
| Almoço | Jogos de Ficha REME | Palestras, debates e apresentações sobre Grupos de Interesse - 20% |
| Debates por Grupo de Interesse | 2ª seção plenária | Seções Plenárias oficiais - 35% |
| Apresentação por Grupos de Interesse | Almoço | Confraternização e Jogos - 10% |
| Abertura das plenárias - 1ª seção | 3ª seção plenária (eleição para o FN) | Refeições, banhos e outros - 35% |
| Arreamento e dinâmica de grupo | Arrumar a escola | |
| Banho (GE. Almirante Tamandaré) | Arreamento e Considerações a UEB-SP | Nota: 4 e 5 de maio, de 1996, EM. Plácido de Castro, em São Paulo - SP. |
| Jantar | Encerramento | |
| Baile a fantasia | | |

Mas a mesma continuidade não foi dada no evento nacional, apesar do programa similar, causando profunda insatisfação: as atividades sobre Grupos de Interesse e a REME mais uma vez agradaram, foram importantes e não causaram danos; porém, a excessiva dose de solenidades, festividades e atividades recreativas ocuparam tempo em detrimento das seções plenárias.

Podemos destacar o seguinte: deslocamentos excessivos, pois o evento foi distribuído em quatro pontos distintos da cidade (Senai, Escola, Shopping¹² e Clube Floresta); prolongada cerimônia de abertura; baile em discoteca; cerimônia de fundação de um GE; horas de passeio no shopping; recreação nos games do “Playland”. Considerando ainda a margem de segurança necessária para o final do evento, para o retorno dos participantes de outros estados. Curiosamente, o fórum nacional anterior, realizado em Goiânia - GO, durou cinco dias e não foi preenchido por tamanhas futilidades.

| Dia 25 de Maio - sábado | Dia 26 de Maio - domingo | Aproveitamento dos programa, em frações aproximadas. |
|---------------------------------------|---------------------------------------|--|
| Recepção e credenciamento (no Senai) | Café da Manhã | |
| Cerimonial e bandeiras | Cerimônia de fundação do GE. Floresta | |
| Mensagem em vídeo de Mario Farinon | Jogos de Ficha REME | |
| Palestras dos Grupos de Interesse | Recreação no Shopping Osasco Plaza | Palestras, debates e apresentações sobre Grupos de Interesse - 15% |
| Transferência para o colégio | Almoço no Mac Donalds | Seções Plenárias oficiais - 10% |
| Almoço | 2ª seção plenária (e final) | Confraternização, recreação e jogos - 40% |
| Palestra sobre Fórum Nacional - Edson | Encerramento | Refeições, banhos e outros - 35% |
| Palestra sobre Fórum Mundial | Fim | |
| Abertura das plenárias - 1ª seção | | |
| Debates por Grupo de Interesse | | |
| Banho | | |
| Jantar | | |
| Baile (Clube Floresta, discoteca) | | |

Nota: 25 e 26 de maio, de 1996, EM. João Batista de Brito, em Osasco - SP.

O que se poderia esperar de um evento com tamanha falta de coerência? Voltamos a indagar: seus problemas estão no conceito do evento ou na qualidade do programa aplicado? Existe um motivo racional para reunir jovens de vários estados, durante tão pouco tempo, em um evento sob estes parâmetros?!

Desta forma melancólica findou-se os fóruns nacionais do ramo sênior (e escoteiro). Sequer foi possível que as propostas das regiões escoteiras fossem discutidas e colocadas em ata (inclusive aquela que originou o GIRE), pelo fato dos jovens somente terem colocado em discussão um apelo a não extensão dos fóruns. Segue abaixo:

(...) Ratificamos que: Em relação à programação das seções plenárias, que nos proporcionou um tempo extremamente reduzido, não tivemos tempo hábil para discutir todos os temas propostos das regiões. Sendo assim, discutimos apenas um tema, que por consenso geral foi o único debatido: "A não dissolução dos Fóruns". Vale ressaltar mais uma vez, que a prioridade na programação de um Fórum, são as discussões em plenárias, o que não aconteceu neste evento, ou seja as plenárias foram de tempo insuficiente para as nossas necessidades, tivemos excessivas atividades recreativas e reduzidos os horários de debates, destacando que: dois dias para a realização de um evento deste porte, é pouco para cumprir seus objetivos. Proposta única da "Não dissolução dos Fóruns": Declaramos a opinião de que a

¹² Ao lado da escola onde o evento estava alojado, havia um outro shopping, mas a organização não soube explicar o motivo da utilização de um estabelecimento mais distante. Ironicamente, este mesmo Shopping escolhido pela organização, “Osasco Plaza”, explodiu na semana seguinte ao evento, devido a um vazamento de gás na praça de alimentação.

manutenção dos Fóruns regionais e nacionais é de vital importância para a evolução do escotismo nacional, no caráter e na necessidade de haver este tipo de consenso, de ideais apurados nas demais realidades do movimento em nosso país. Ressaltamos ainda a nossa compreensão de que o jovem, no caso de nosso ramo de 15 a 17 anos, não tem condições "ainda" de tomar decisões sobre os nossos fundamentos e princípios, porém, nossa opinião deve ser minuciosamente ouvida, analisada, respeitada e considerada de maneira concisa. Para chegarmos a tal opinião analisamos diversos aspectos ressaltados no "P.O.R. 95 - regra 001" e no livro "Escotismo para rapazes" de Baden Powell. Por fim, argumentamos que, para tais aspectos serem concretizados, vemos a necessidade da manutenção dos Fóruns e que eles sejam analisados e divulgados em âmbito nacional. Concluimos também, que se o Fórum é de jovens, apenas pelos jovens poderão ser dissolvidos. (...).

Fóruns de Jovens Líderes

Neste estudo, de forma alguma poderíamos tratar sob a mesma perspectiva os fóruns de ramo e de jovens líderes. Afinal, estes possuem conceito e finalidade diferentes, além de terem sido realizados em períodos distintos, e os fóruns de JL serem uma idéia ainda recente.

Felizmente, as considerações a respeito dos fóruns de jovens líderes são mais positivas, se comparadas aos fóruns de ramo. Com um conceito mais fortalecido e um programa mais coerente, estes fóruns apresentaram melhores resultados. Entretanto, este ainda carrega um sério problema - não contribui para a inserção dos jovens no processo.

Porém, teorizamos que boa parte da melhora na qualidade destes fóruns se deve aos seus participantes, que constituem uma geração irrestritamente interessada com o escotismo como todo. E parte desta "geração" advém justamente dos fóruns de ramo e dos grupos atuantes citados anteriormente. Aliás, se há um concreto exemplo da contribuição dos fóruns, seja de ramo ou JL, a ser destacado, é, modestamente, este presente trabalho; originado em um fórum de JL, de forma organizada, por jovens presentes em fóruns de ramo e grupos atuantes, de diferentes estados.

O que diferencia estes dos demais fóruns é exatamente a melhor oferta de subsídios do programa; em outras palavras, prepara o jovem para os debates e fortalece seu retorno à base. Bons exemplos desta evolução no programa, percebida nos fóruns de jovens líderes e em alguns fóruns pioneiros remanescentes, são: atividades culturais, programação alternativa para observadores, documentos preparatórios, temas fixos de debate, dinâmicas de grupo, debates divididos por área de interesse, palestras e a formação de grupos de trabalho, permanentes ou temporários.

Porém, apesar apresentarmos pareceres mais positivos a respeito destes fóruns, lembramos que em alguns casos isolados, os fóruns de JL sofrem com os mesmos tipos de descasos decorrentes nos fóruns de ramo. Exemplos recentes deste tipo de problema ocorreram neste último ano, nos FRJL das regiões de São Paulo e Minas Gerais, por falta de organização de suas respectivas diretorias regionais: em São Paulo o evento foi agendado para a segunda semana de dezembro, em mesmo local e data da confraternização (churrasco) de posse da nova diretoria; em Minas Gerais, problemas com o programa do evento (ou a falta de), acarretaram em plenárias confusas e manifestos divulgados na internet.

Aspectos gerais: principais avaliações e conclusões dos jovens entrevistados, sobre os fóruns de jovens líderes, quer como suas considerações destes e de demais exemplos aplicados ao ramo pioneiro.

- Não há assuntos absolutamente supérfluos, pois sempre há algo a ser aproveitado em um debate entre jovens. Porém, para que estes sejam otimizados e objetivos, é necessário orientação do programa e encaminhamento aos meios competentes.
- O programa é importante para direcionar os debates e seus resultados; sendo assim, as dinâmicas, temas fixos e demais atividades paralelas devem ser conexas entre si, primando por concretude.
- Os fóruns não devem ser utilizados somente para discutir assuntos ligados ao escotismo, podendo também debater temáticas ligadas a sociedade e juventude, contribuindo, portanto, para a formação do jovem como indivíduo.
- O acompanhamento de adultos nos debates é positivo, desde que este não interfira no seu andamento, atuando como orientador.
- Os fóruns devem ser eventos democráticos, educativos e acordados a realidade sócio-econômica dos participantes. A partir destas condições, aliadas a um programa de qualidade, os fóruns podem tornar-se o melhor caminho para a inserção dos jovens nas tomadas de decisão, em todos os níveis.

c. Buscando o amplo conceito de Jovens Líderes

elaborado com o apoio dos participantes da Lista de Jovens Consultados

Entende-se como jovens líderes os membros do movimento escoteiro, que possuem de 18 a 26 anos de idade, com participação efetiva ou potencial nos processos de tomada de decisão das organizações escoteiras.

A importância dos jovens líderes esta na renovação das lideranças das organizações escoteiras e na sua efetiva modernização, através de jovens recém saídos ou ainda beneficiários do programa escoteiro. Os processos de inserções dos jovens nas tomadas de decisão, primam pela cooperação recíproca entre jovens e adultos, para o bom aproveitamento das potencialidades inerentes a cada faixa etária. O diálogo entre as gerações contribui para a preservação de valores e tradições, quer como a evolução e aproximação as gerações vindouras de jovens.

Os jovens líderes não caracterizam um novo ramo ou sequer uma categoria diferencial de escotismo. De acordo com a idade correspondente, estes são essencialmente pioneiros ou escotistas e sua atuação como jovem líder é tão somente um complemento espontâneo destas atividades. Ou seja, nem todo jovem pertencente a esta faixa etária pode ser qualificado como jovem líder, mas somente aqueles inseridos ou interessados no processo decisório; esta definição de forma alguma desqualifica os jovens que estejam “passivos” no processo, afinal, em todo grupo social, os líderes se constituem em frações limitadas e razões seletivas.

Ao organizarmos ações voltadas aos jovens líderes, estas em hipótese alguma devem estar dissociadas aos organismos dos processos decisórios, pois a existência dos jovens líderes se baseia justamente nesta relação entre *jovens & tomada de decisão*. As estruturas criadas para os jovens líderes devem ter como finalidade principal a informação, capacitação e inserção destes nos meios competentes; qualquer tipo de

estrutura ou iniciativa que atue em desarmonia aos meios competentes, acaba por isolar os jovens líderes e torna-los alheios aos seus interesses e objetivos.

Enfim, espera-se dos jovens um amplo interesse pela coletividade escoteira e espírito empreendedor para atuar com agente de suas transformações. Por extensão, aplicar esta mesma iniciativa construtivista ao meio social.

3. Plano 2001

a. Definições

Premissas de trabalho

- ✓ Democratização
- ✓ Integração
- ✓ Participatividade
- ✓ Ação - Transformação

Objetivos

Formular o conceito de JL; integrar os jovens nos processos decisórios em todas as instâncias; envolver os jovens nas esferas políticas e executivas, diluindo a diferenciação prática entre jovens e adultos; comprometer os jovens em todos os desafios em curso no escotismo Brasileiro; promover o crescimento institucional, veiculando os jovens aos processos de elaboração de programas, material educativo, projetos comunitários (ação social), eventos comunitários e grupos de pesquisa ou trabalho, acerca de temáticas ligadas direta ou indiretamente ao Escotismo Brasileiro.

Metodologia

Fortalecer o acompanhamento dos programas de ramo, através de Fóruns de Ramo, sob novas propostas de programa; preservar o FJL como forma de manutenção da unidade e autenticidade dos jovens, sob uma nova proposta de programa (que para tal pode-se aplicar nova nomenclatura) e não mais atuando como um sistema paralelo - para tanto, consolidar este como um evento educativo e formativo, orientado para a elaboração de proposições e desenvolvimento de debates; desenvolver o Plano 2001 acordado e adaptado a Rede da OSI, através de um sólido processo (e período) de transição, em busca de um modelo autenticamente nacional e / ou regional, para as diretrizes em curso; ministrar o desenvolvimento do Plano 2001 através de políticas amplamente reconhecidas, de uma Equipe coordenadora integrada aos meios competentes, por meio de um calendário médio de superação de fases e promovendo o comprometimento recíproco entre jovens e adultos; estruturar e distribuir todo este processo através de unidades de comunicação e trabalho, que terão autonomia para principiarem projetos próprios, desde que envolvidos com os objetivos preteridos pelo Plano - primar de antemão pela democratização das informações e pela flexibilização das estruturas burocráticas e administrativas nele envolvidos.

b. Justificativas para o Plano 2001 e a inserção dos jovens no processo decisório

Em uma sociedade que caminha em direção ao aprimoramento de suas organizações, o movimento escoteiro atua como mais uma entidade que prima por qualidade, interdependência entre seus setores, cooperação, participação, diversidade e pluralismo. Entretanto, ainda hoje enfrentamos alguns problemas organizacionais e funcionais no movimento escoteiro, pois temos muito ainda o que caminhar em nossa jornada. Apresentamos aqui, porém, no Plano 2001, algumas sugestões de soluções para alguns dos impasses que a organização enfrenta atualmente, adequadas as presentes

circunstâncias. Sugestões de soluções essas, já destacadas como necessárias, tendo sido inclusive discutidas em âmbito mundial, continental e nacional.

Nos defrontamos, no foco principal deste trabalho, com a carência de mecanismos competentes que permitam uma maior participação dos jovens nos processos decisórios. Já na 33ª Conferência Escoteira Mundial, realizada em 1993, na Tailândia, fora constatado que jovens de 18 a 26 anos de idade podem ser encarados como centros de investimentos na formação de futuras lideranças. Ainda em outras conferências, pode-se notar a freqüente preocupação com este tema, pertinente ao progresso natural do movimento escoteiro e sua influência sobre outros assuntos. Na 20ª Conferência Escoteira Interamericana, realizada em 1998, no México, encontramos as seguintes recomendações, dentre outras: “re-impulsionar” da rede de comunicação entre os jovens; elaborar um programa de formação para melhorar a participação e capacidade de liderança. Na 35ª Conferência Escoteira Mundial, realizada em 1999, na África do Sul, foi recomendando que o Comitê Escoteiro Mundial exerça uma revisão maior, envolvendo jovens e adultos em parceria, no papel e formato do Fórum Mundial.

Todas estas medidas no campo político, encontram paralelos no nosso projeto educativo, que define o movimento como sendo constituído por jovens e crianças, com a colaboração de adultos, onde um envolvimento voluntário é assumido, objetivando o desenvolvimento do caráter, considerando a individualidade de cada ser humano, respeitando as diferenças e particularidades. Ainda apresenta um método pedagógico preocupado com o sistema de auto-educação progressiva, oferecendo atividades atraentes, variadas, assumindo sempre o comprometimento com um código de ética, com a comunidade, com o amadurecimento do jovem. Utilizando-se dessa base sólida, coerente de método co-educativo, torna-se possível a realização de propostas primariamente factíveis e exequíveis, em prol do aprimoramento do movimento.

Ou seja, a inserção dos jovens nas tomadas de decisão não é uma simples necessidade de modernização, mas somente a garantia do cumprimento de seus propósitos, em todas as esferas. Não obstante, podemos destacar do texto adaptado “A pessoa que quero ser”, as seguintes passagens: ... *capaz de tomar suas próprias decisões, ... capaz de dirigir, de acatar leis, de participar, ... capaz de encontrar seus próprios caminhos*. Para podermos “oferecer estas pessoas à sociedade”, devemos primeiro realizar estas premissas em nosso movimento.

Para tanto, o Plano 2001 é aqui apresentado como um projeto desenvolvido por jovens, buscando diminuir gradativamente as barreiras praticas e técnicas entre adultos e jovens líderes, quanto aos processos de tomadas de decisões; para tal, visa a preparação do jovem para participar das esferas políticas e executivas, inserindo-o nas principais áreas de conhecimento em que nosso movimento esta organizado - recursos adultos, institucional e programa jovem.

Enfim, tornar efetivamente o movimento escoteiro um movimento de jovens com o apoio de adultos. Isso se torna possível, a partir do momento em que a busca pelo aprimoramento da instituição é um desejo de todos aqueles que a compõem; visto que, em incrementando os debates, todos os outros passos para que uma ou outra decisão seja tomada, principalmente com a criança e o jovem, e também as oportunidades de desenvolvimento de caráter, são beneficiados. Seja a curto, médio ou mais longo prazo.

4. Desenvolvimento

O Plano 2001 é uma proposta conjunta de jovens líderes, que visa a efetiva inserção dos jovens nos processos decisórios, e por extensão o desenvolvimento e crescimento do Escotismo Brasileiro. Seus fundamentos vão de encontro a muitas resoluções e orientações políticas nos níveis mundial, continental e nacional, acerca da participação dos jovens entre 18 a 26 anos nos processos de tomada de decisão. Este Plano propõem a implantação de um sistema de trabalho, dividido em três segmentos - Fóruns de Jovens, Núcleos de Jovens e Rede de Jovens, originados no Fórum Nacional de Jovens Líderes 99 e acordados a proposta da Oficina Scout Interamericana para a Rede de Jovens.

Para se entender o Plano 2001 é necessário primeiramente observar que no decorrer de todas as suas propostas este “não esta inventando nada”. Afinal, em todos seus segmentos são definidas as participações de diferentes órgãos como GE, direção regional, direção nacional, comissões, coordenações, assembleias, fóruns e outros; todas estas são estruturas já existentes, mas que ainda carecem de harmonização e aberturas, no que tange a participatividade dos jovens. Aliás, de tudo aquilo que esta sendo proposto, somente os Núcleos de Jovens podem parecer alguma novidade, porém, nada mais são que a sugestão de uma identidade funcional aos jovens líderes.

Ou seja, não é uma invenção, mas sim uma reciclagem no comportamento do escotismo brasileiro. Há muito tempo esta claro que existe um grande “abismo” separando jovens de adultos, que se reflete no que há de mais sensível no movimento escoteiro - o programa. O Plano propõem uma ordem de relações que dissolva esta oposição - jovens vs. adultos.

Obviamente que significativos cuidados devem ser tomados, para que este “mecanismo” não sofra os corriqueiros fenômenos burocratizantes, comuns a nossa cultura. Os processos por ele orientados devem atuar sempre como uma “ponte curta e larga”, que aproxime os jovens aos processos decisórios. Para tanto, nada do que esta proposto, principalmente os núcleos, devem ganhar dimensões maiores daquelas já determinadas; ao invés disto, devem cumprir seu papel de forma fidedigna, simples, objetiva e principalmente preocupada em articular o seu foco principal, o jovem. Até porque, este jovem continua ligado a sua base de ação, na função de escotista ou pioneiro. Assim, todos verão que as estruturas não serão modificadas, mas somente irão se aproximar dos jovens, cabendo aos adultos serem receptivos.

Não se espera que os jovens “tomem o poder” ou que tenham garantido seu papel de “coadjuvantes”; espera-se somente que os jovens possam também tomar decisões, quando estiverem preparados. Em outras palavras, espera-se que os jovens tenham as mesmas condições (direitos e deveres) de participar dos processos decisórios. Por isto, os três segmentos da proposta não possuem a pretensão de serem novos “departamentos”, que tomem decisões e ações, pois assim os jovens estariam mais uma vez atuando em um sistema fechado, sem nexos com a realidade; ao invés disto, o Plano pretende criar estruturas simples e flexíveis, que qualifiquem o jovem, servindo de trampolim para as direções por âmbito. A atuação dos núcleos estará voltada para a interlocução entre os jovens e estas diretorias, mas em momento algum fazendo o papel das mesmas, pois se pretende que os jovens pertençam de fato a estas.

Esta visão pode se entendida como um grande progresso, à medida que todas as decisões políticas contarão com o aval dos jovens e portanto, haverá maior aceitação, comprometimento e adesão a estas decisões. Esta afirmativa sugere inclusive uma já decorrente ameaça: enquanto não houver a participação do jovem, não haverá resultado!

Isto ultrapassa a concepção de idéia e nos remete a uma concepção de necessidade, de que padece o escotismo. Esta necessidade acaba por politizar os jovens, à medida que estes participam das tomadas de decisão. Mas que esta politização seja versada de forma coerente, sem interpretações bairristas, regionalistas, classistas, elitistas ou qualquer outra rima com “xiitas”. Ou seja, uma politização oposta ao sentimento partidário e voltada para o construtivismo, explorando a capacidade criativa dos jovens. Enfim, *o escotismo do jovem, para o jovem e pelo jovem*, contando com o inestimável suporte dos adultos, um “bem” necessário.

A atenção dada aos fóruns de ramo poderá ser de grande importância para a manutenção dos programas - um exemplo de utilidade imediata ao MACPRO; além de contribuir para a formação de novas gerações de jovens líderes, até porque, os jovens dos ramos (lobo, escoteiro e sênior) são simplesmente mais jovens que os JL, mas nem por isto menos líderes. Os núcleos de jovens serão simplesmente a representação ativa de seus legítimos líderes, que por extensão derivam a Rede; seus integrantes serão escolhidos dentro de um perfil que os próprios jovens irão apurar, à medida que se sentirem parte do processo e criarem expectativas dentro deste.

Em um primeiro momento, a atuação dos jovens estará limitada ao campo discursivo. Porém, em um segundo momento, sua estrutura estará preparada para a agir em situações praticas, sem que haja perturbações ou invasões nas estruturas existentes, mas somente cooperação e interação.

Ao experimentarmos o Plano 2001, estaremos iniciando um processo bilateral, que envolve jovens e adultos. Quem sabe um dia, com o sucesso desta ou de qualquer outra iniciativa em superação a esta, quando a migração dos jovens aos processos decisórios estiver consolidada, continuada e sustentada - como almeja a proposta original da Rede, poderemos vislumbrar a real diluição desta ainda bilateralidade, em que a caracterização entre jovens e adultos atinja a singularidade, nos processos decisórios.

Pois, como já disse Baden Powell: *“o escotismo dissociado da realidade é uma inverdade”*. A realidade do escotismo são os jovens!

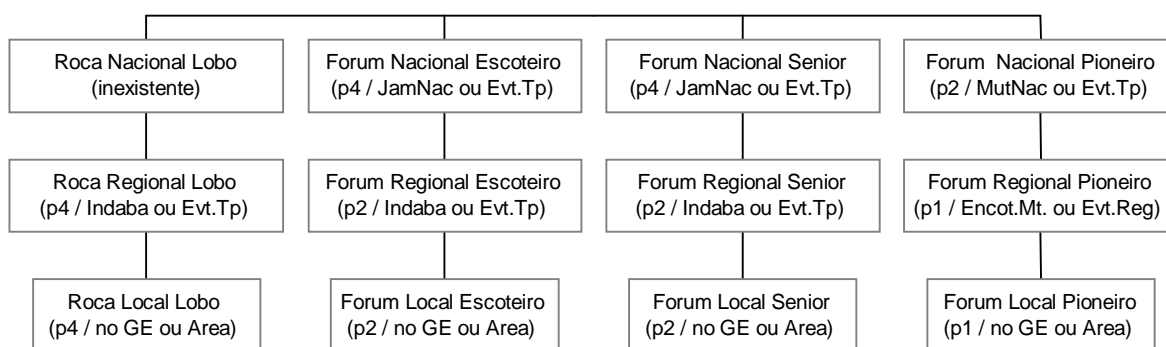
Fóruns de Ramo (1)

O primeiro segmento do Plano 2001 propõem a reedição dos fóruns de ramo, em todos os níveis. Esta retomada dos fóruns pode parecer um retrocesso, frente às resoluções da UEB e da OSI. E de fato seria um retrocesso, caso os mesmos modelos adotados anteriormente fossem mantidos; afinal, estes moldes passados desagradavam jovens e adultos. Porém, neste caso, a proposta de retomada dos fóruns carrega uma série de reformulações - significativas melhoras, partidas de um estudo crítico citado anteriormente.

Nas descrições abaixo, é possível observar que este novo modelo procura re-identificar os fóruns aos jovens e torna-lo mais útil aos adultos, qualificando seu programa. Ou seja, aplica este como uma ferramenta educativa, promove a inclusão

destes jovens no processo decisório e o aproveita para assuntos de interesse do programa de cada ramo.

Fluxo geral dos fóruns de ramo



No organograma acima, a letra P indica a periodicidade em anos para a realização destes fóruns e na seqüência há a indicação do local para sua realização. Legendas: GE - grupo escoteiro; Área - pólo, distrito ou setor; Indaba - respectivo Indaba Regional de cada ramo; Evt.Tp. - evento unificado para realizar o fórum de três ramos.

Considerando que este evento possa de fato implicar em esforços logísticos e operacionais, foram pensadas algumas medidas para minimizar estes esforços e tornar o evento viável.

A princípio, não haveriam maiores problemas para a realização do mesmo no âmbito local, ficando este sob a responsabilidade do Diretor Técnico do GE e o escotista de seção. Estes receberiam as orientações de programa enviadas pela Direção Regional, na figura da Coordenação de Ramo e / ou Comissão de Programa, e realizariam o evento na mesma periodicidade do equivalente regional. Poderiam ser realizados eventos locais fora da periodicidade regional, em caráter facultativo, com o programa a comando do próprio GE.

Para a realização destes no âmbito regional e nacional, procurar-se-ia integra-los a eventos já existentes ou reuni-los em um único evento. No exemplo regional indicado no fluxo, os fóruns poderiam ser realizados concomitantemente aos Indabas Regionais, facilitando o deslocamento dos jovens até o local do evento, estando acompanhado dos escotistas participantes do mesmo, além de aproximar os debates entre jovens e adultos; ou poderia ser criado um único evento, que reúna todos os fóruns no mesmo local e data, concentrando esforços; ou ainda a criação de um “grande evento”, que reúna todos os fóruns e indabas, em mesma data e local.

O mesmo exemplo se aplica em âmbito nacional, que já possui periodicidade diferenciada, onde os fóruns poderiam ser realizados junto ao principal evento nacional de cada ramo, como o Jamboree Nacional e Mutirão Nacional Pioneiro, encontrando espaços para o fórum dentro do programa destes eventos. Porém, isto pode implicar em uma elitização dos representantes do mesmo e assim, tem-se como segunda alternativa à realização de um pequeno evento nacional, que reúna os três fóruns.

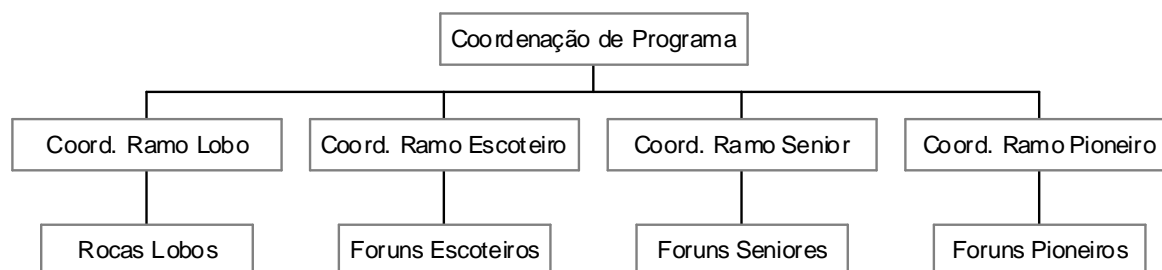
Estas medidas tornam possível a realização dos fóruns sem grandes apelos estruturais ou inchaço nos respectivos calendários local, regional e nacional. A diferença de periodicidade entre ramos e níveis, foi pensada para estabelecer uma frequência coerente, respeitando os intervalos de tempo necessários entre estes distintos momentos,

para que os eventos sejam realizados com reais necessidades e não por formalidades despropositais.

Funções e objetivos educativos

- Exercício e prática da cidadania: estimular o senso cívico, democrático, de coletividade e o interesse por questões locais.
- Aprender a se portar em uma seção formal de debates: dar aos jovens oportunidades de conhecer o sistema político, vivenciar e amadurecer dentro deste; aproximar o jovem do processo decisório, colocando-o a par de suas possibilidades e dominando os limites entre pragmatismo e burocracia.
- Aprofundamento em temas específicos: orientar debates através de textos de tema fixo, sendo estes ligados ou não diretamente ao Escotismo; abrir novas perspectivas aos debates, sem limitar estes as esferas do movimento escoteiro.
- Auxiliar na evolução do Programa Jovem: assumir postura crítica e construtiva frente os programas de ramo, modalidade e áreas de interesse; debater e propor mudanças, substituições e adaptações a estes programas.
- Experimentar o Programa: provar e avaliar propostas para o programa jovem, ainda não implantadas, na forma de jogos, debates ou dinâmicas.
- Encaminhar os resultados dos debates para as Coordenações de Ramo e / ou Comissões de Programa: elaborar relatórios de interesse específico, parecer geral da atividade e as recomendações em ata, para serem encaminhadas aos meios competentes.

Fluxo das informações dos Fóruns de Ramo



Observação: Ramos & Jovens Líderes

Como já discorrido anteriormente, não devem ser confundidas as diferenças entre ramos e liderança jovem. Porém, é passível de ser entendido que as discussões ocorridas nos fóruns de ramos, sob este modelo, sejam de interesse geral; portanto, também dos jovens líderes. Assim, os jovens líderes poderão livremente propor debates e programas para estes fóruns, mas não terão responsabilidade direta sob os mesmos. Ou seja, podem ser agentes motivadores enquanto jovens líderes ou responsáveis imediatos enquanto escotistas.

De qualquer forma, podem ser pensadas maneiras de utilizar os debates dos ramos, nos fóruns de JL, devido ao interesse e a qualidade dos assuntos debatidos.

Espera-se com a evolução e continuidade destes fóruns, através das gerações de jovens, a formação de futuras lideranças, cada vez mais conscientes, capacitadas e presentes no processo decisório.

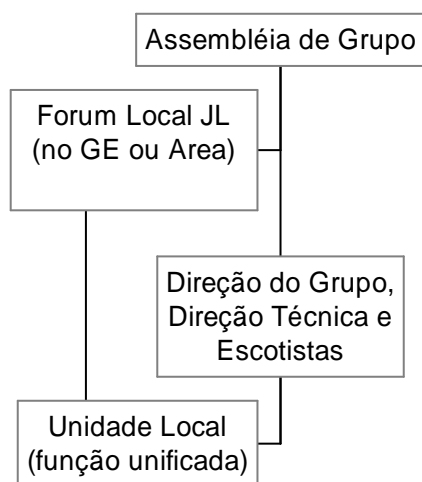
Núcleos de Liderança Jovem (2)

Unidades Locais

As Unidades Locais, na forma mais autêntica e próxima do cotidiano escoteiro, serão o centro das ações implementadas pelos jovens líderes; o ponto de partida e objeto final destas ações, fundamentando os Núcleos Regional e Nacional. Serão as principais responsáveis pela inclusão do jovem no processo decisório, pela qualificação destes como liderança local e origem das discussões de interesse dos jovens.

A mesma será constituída da forma mais simples possível, sem grandes requisitos e sem a necessidade de procedimentos burocráticos. Sua finalidade é atuar junto ao GE de forma objetiva e dinâmica. Para tanto, a mesma não será composta de um excessivo quadro funcional; pelo contrário, de todos os seus integrantes, terá somente a determinação do Líder Local, que coordenará o processo na respectiva unidade. Porém, isto não implica que os demais jovens da UL, que possuem número ilimitado, fiquem passivos no processo, pois estes serão igualmente importantes. Ou seja, o Líder Local será o articulador da UL e os demais, jovens líderes por iniciativa própria.

Estará amparada pelos Núcleos de JL, sendo que suas intenções estarão direcionadas as respectivas assembleias, fórum e direção local. Não só encaminhará o jovem no processo decisório, mas será também uma ponte permanente para a continuidade desta inserção.



Denomina-se “Unidade Local de LJ” aquele grupo de jovens de um mesmo GE, que estejam integrados aos programas de trabalho da liderança jovem regional e / ou nacional. Entende-se como integração, a participação, mais ou menos comprometida no processo, através de projetos, eventos ou a simples troca de informação.

Além das “Unidades Locais de LJ”, que são específicas aos GE’s, podem também haver “Unidades Locais Típicas”, que se caracterizam pela atuação junto a alguma modalidade, área de interesse, ramo, área geográfica, ou qualquer outro segmento de atuação definido pelos jovens da mesma.

Funções

- Informar aos jovens e adultos das UL os objetivos do Plano 2001 e da Rede Jovem, fazendo a sua conseqüente implantação junto a Direção Local.
- Fomentar o acesso dos jovens nas instâncias deliberativas e nas assembleias locais, diluindo estes no processo decisório, quer como na operacionalização das ações locais; motivar a participação dos jovens nas questões de interesse local.

- Contribuir com a Direção Local em todos os sentidos possíveis, primando pela comunhão dos interesses comuns e imprimindo a UL um modelo de desenvolvimento próprio, que inclua a participação dos jovens.
- Funcionalizar a UL e seus propósitos específicos, integrando esta ao Núcleo Regional da sua respectiva Região Escoteira, auxiliando-o no desenvolvimento regional da proposta.

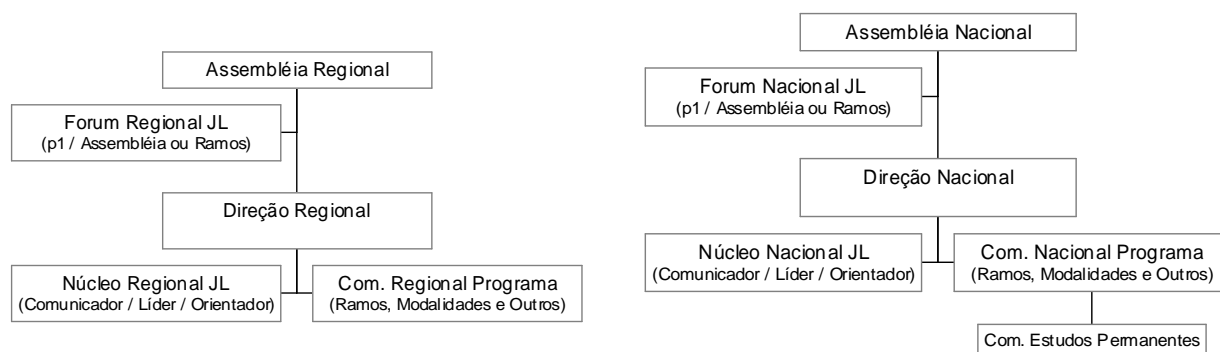
Núcleos Regionais e Nacional de LJ

A exemplo das UL's, os Núcleos estarão integrados e subordinados a Região Escoteira ou Direção Nacional, que por sua vez estão subordinados as respectivas Assembléias. Estes núcleos serão os responsáveis pela gerência dos jovens líderes, no que tange a integração destes ao processo decisório, atuando como ponto de difusão dos órgãos escoteiros.

Os núcleos estarão caracterizados como a representação atuante dos jovens líderes, regionalmente ou nacionalmente. Mais uma vez, a intenção é estabelecer uma ponte direta que ligue os jovens aos processos decisórios, na linguagem dos jovens e através lideranças reconhecidas pelos mesmos.

Os jovens integrantes destes núcleos, eleitos nos fóruns, devem ser essencialmente ativos em suas bases; ou seja, jovens que possuam contato direto com o cotidiano escoteiro, evitando que estes se alienem com o excesso de teoria e burocracia. Da mesma forma, deverá estar responsável por um único núcleo (local, regional ou nacional), evitando sobrecarga de trabalho e acúmulo de funções.

Sua estrutura funcional (três encargos discorridos abaixo) possibilita que os jovens, em todas as regiões participantes, dêem uma resposta imediata as questões de seu interesse, através da circulação de informações, iniciativas conjuntas e representatividade. Para tanto, estes núcleos estarão constantemente próximos ao cotidiano das UEB's, pelo de fato de estarem compartilhando os acontecimentos deste cotidiano em todos os aspectos imagináveis.



Funções

- Garantir gestões democráticas entre os jovens líderes, compondo os núcleos por jovens eleitos nos respectivos fóruns, qualificados pelas unidades locais ou núcleos regionais.

- Defender os interesses dos jovens, expressados nos fóruns; transmitir estes interesses aos meios competentes, dentro e fora das respectivas assembleias, motivando a aproximação dos jovens a estes meios.
- Atuar conjuntamente as Regiões Escoteiras ou Direção Nacional, no desenvolvimento de suas ações, contribuindo de todas as formas possíveis, principalmente na mobilização dos jovens.
- A partir dos debates e resoluções das Assembleias, e as proposições dos Fóruns, desenvolver projetos em conjunto a Região Escoteira ou Direção Nacional, assim como, promover suas políticas gerais - estratégicas, recursos adultos, institucionais e de programa.
- Integrar e dar suporte as Unidade Locais, contribuindo para a composição da Rede de Jovens nos âmbitos locais (e intermediários), regional, nacional e interamericano; difundir seu funcionamento interno nos encargos de comunicador, orientador e líder, compondo por extensão a Rede de Jovens.

Encargos dentro dos Núcleos

Comunicador - Responsável pelas informações de interesse dos jovens, quanto ao programa escoteiro e assuntos voltados ao processo decisório. Promove estas através de Home Pages, debates via internet e mala direta. Prima pela democratização, qualificação e quantificação da informação, quer como a sua eficiente circulação. Podem haver dois ou mais comunicadores em cada núcleo.

Orientador - Responsável pela orientação dos núcleos inferiores e unidades locais, auxílio a projetos e mobilização dos jovens, nos assuntos e eventos de interesse geral. Orienta discussões quanto às políticas gerais - estratégicas, recursos adultos, institucionais e programas. Prima pela capacitação dos jovens nos processos de tomada de decisões. Podem haver dois ou mais orientadores em cada núcleo.

Líderes - São os coordenadores do núcleo e representantes deste frente à Região Escoteira ou Direção Nacional. Atua conjuntamente aos orientadores e comunicadores, primando pela constante inserção do jovem nos processos decisórios, promovendo a integração entre núcleos, unidades locais, GE e seções jovens. São os representantes das regiões escoteiras na Rede Nacional ou representantes do Brasil na Rede Interamericana.

Rede de Jovens para o Brasil (3)

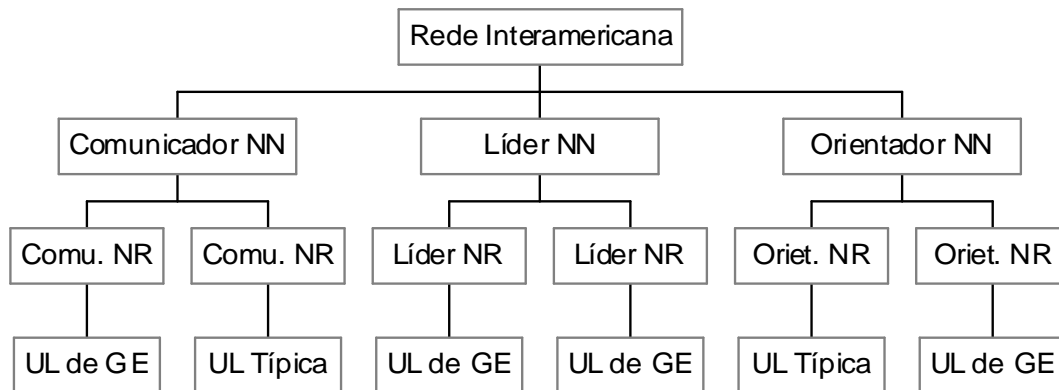
A Rede de Jovens nada mais é do que a propagação dos trabalhos das unidades locais e núcleos. De acordo com as três funções básicas dos núcleos de jovens líderes, estas irão derivar duas sub-redes e uma rede principal, que terá a Rede Interamericana como ponto final.

As duas sub-redes são, respectivamente, compostas pelos comunicadores e orientadores, de todas os núcleos atuantes, ligados aos líderes locais. Estas elaboram e distribuem informações, que circulam entre os níveis nacional, regional e local. Como não há funções diferenciadas nas Unidades Locais, seus líderes locais irão compor as três redes, porém, isto não impede que o mesmo delegue esta função a demais jovens de sua unidade.

Já a rede principal, é formada pelos líderes de cada núcleo, ligados aos mesmos líderes locais. Os diferentes líderes locais constituirão a Rede Regional; os diferentes

líderes de Núcleos Regionais constituirão a Rede Nacional; e os líderes do Núcleo Nacional irão compor a Rede Interamericana. Assim, se implementa uma escala progressiva, que envolve os jovens no processo decisório, pela informação, capacitação e representação.

Em resumo, a Rede funcionaria como uma síntese funcional dos núcleos. Pois os núcleos possuem uma unidade de trabalho, mas constituíram uma Rede a medida distribuem suas ações.



No organograma acima, é possível ver o fluxo da informação entre as duas sub-redes (nos lados) e a representação dos líderes na rede principal (ao centro). A cada linha esta descrita a composição dos núcleos, por funções, e sua ligação com a respectiva rede.

Organização Escoteira

Funções e características dos Fóruns de Jovens Líderes

- Ser realizado previamente a Assembléia, em local e datas separadas ou não; sua organização deverá respeitar as reais possibilidades de custos e deslocamento dos jovens.
- Ser orientada por um programa prévio de qualidade, seguindo os mesmos moldes dos fóruns de ramo, elaborado com a cooperação mútua da Comissão de Programa e Núcleo de Jovens; permitira a participação de escotistas, dirigentes e convidados não ligados diretamente ao movimento.
- Ser composta por qualquer jovem na idade correspondente aos jovens líderes; sendo permitido o direito a voto somente àqueles que tenham sido eleitos no fórum de nível anterior.
- Indicar ou eleger os integrantes do respectivo núcleo, de acordo com os encargos necessários; sendo permitida a candidatura à somente aqueles que já tenham atuado em uma UL ou Núcleo.
- Formar, instruir, qualificar e capacitar o jovem quanto ao processo de tomada de decisão; porém, preservará a identidade do jovem, como membros juvenis beneficiários do projeto educativo.
- Discute e organiza ações em torno de projetos de interesse geral; incentiva os jovens a contribuir com os núcleos e unidades locais.
- Motiva os jovens a fazer uso do seu direito à voz e voto, em todas as assembleias, e assumir funções junto às direções em cada âmbito.

Funções das Assembleias

- Receber e discutir os debates decorridos nos fóruns de jovens, reconhecendo a importância das discussões entre os ramos e o JL.
- Criar políticas para a inserção dos jovens nos processos decisórios, contribuindo com as estruturas propostas pelo Plano e Rede.

Direção por âmbito (GE, Região e DN)

- Receber as recomendações dos fóruns e assembleias, responsabilizando e comprometendo os jovens atuantes para com o sucesso dos objetivos propostos.
- Preparar os fóruns de ramos e JL, por intermédio das coordenações de ramo (ou chefes de seção) e coordenações de programa, com suporte material, informação de qualidade e programa pertinente aos interesses dos jovens.

5. Implantação

a. Fases do processo

“Pontapé Inicial”

A iniciativa para o início do Plano 2001 deverá partir dos jovens líderes de cada região escoteira, podendo este acontecer em diferentes estados, em momentos distintos. O sistema de trabalho preconiza a que as UL's e núcleos sejam compostos por jovens eleitos nos respectivos fóruns, porém, o processo poderá ser acelerado, ao invés de retardado durante meses, até que os fóruns locais e regionais se realizem.

Para isto, deverão ser montados os primeiros Núcleos Regionais, organizados pelos jovens participantes dos dois últimos fóruns nacionais, de Foz 99 e Guarapari 00. Recomenda-se que seja feita uma reunião entre estes jovens, em data e local viáveis, podendo ser convidados os demais jovens participantes do fórum regional.

Nota: Considera-se que todos os participantes dos fóruns de Foz e Guarapari, receberão uma cópia do Plano 2001, enviada por uma lista de emails, coletada em ambos eventos pela Delegação Paulista de Jovens.

Ao ser instalado, os integrantes deste primeiro núcleo deverão traçar seu próprio projeto anual, compreendendo as fases que se seguem abaixo.

Dos Núcleos até as UL's

Depois de instalado os núcleos, sua preocupação inicial será a ramificação até as UL's. Para tanto, poderão ser estabelecidos o maior número de contatos possíveis, através de todo tipo de listagem de domínio destes jovens - relação de participantes de eventos regionais pioneiros, relação de participantes de fóruns regionais, mail-list, grupos de discussão pela net, cadastros de mala direta, cadastros das ERP's.

A princípio, pode-se imaginar que o maior número dos jovens contactados fazem parte de um grande grupo de afinidade - amigos; isto não desqualifica os contatos e contribui para o entendimento e adesão a proposta. Além disto, se o núcleo for instalado em uma reunião de jovens, com o maior número de participantes possíveis, a extensão para as UL's se torna quase que automática.

Disseminando o Plano

Uma vez estabelecido esta ligação com as UL's, caberá ao núcleo divulgar o Plano 2001 e orientar as ações locais a este respeito. Em meio a isto, poderão ser orientados os primeiros trabalhos de interesse regional, específico aos jovens da respectiva região escoteira, determinados no projeto anual, a partir de debates do fórum regional ou dos próprios integrantes do núcleo.

Sub-dividindo a Rede

A Rede começa a funcionar a partir do momento em que o núcleo já esteja operando nas três funções distintas - comunicadores, orientadores e líderes.

Contato com a Direção Regional

No momento que os jovens julgarem oportuno, deverá ser feito o contato com a Direção Regional, a fim de divulgar o Plano e acertar as primeiras ações cooperadas.

Reporte a Comissão de Estudos Permanentes

Paralelamente ao trabalho dos Núcleos Regionais, a CEP estará estudando o desenvolvimento do Plano em todos os núcleos em atividade. Por isto, cabe ao núcleo informar a CEP de todos os acontecimentos dentro do processo, debater seu desenvolvimento, contribuir em discussões para a melhoria do processo e fornecer a mesma todo o tipo de material de interesse.

Fórum Regional de Jovens Líderes

Com a chegada do fórum, no qual os núcleos podem ajudar na coordenação, recomenda-se que seja debatido todo o sistema proposto pelo Plano e o trabalho aplicado pelo Núcleo Regional, apurando quais as proposições do fórum á respeito do tema. Após, deverão ser eleitos os novos membros do Núcleo para o próximo ano, possíveis candidatos ao Núcleo Nacional e os delegados para o Fórum Nacional.

É importante ressaltar que estes fóruns não devem limitar-se as tarefas mencionadas acima, pois existem outras questões a serem discutidas, além de novas ofertas ao programa do evento.

Fórum Nacional de Jovens Líderes

A partir de uma nova perspectiva de programa para o fórum nacional, que ainda deverá ser melhor detalhada, discussões conclusivas deverão ser feitas á respeito do Plano 2001 e da Rede, com o suporte da CEP.

Após, contando com a continuidade do processo, serão eleitos os integrantes do primeiro Núcleo Nacional. A partir do ano de 2002, com estudos concluídos e reformulações adotadas, estará implantada na íntegra a Rede Nacional de Jovens Líderes.

b. Orientações

Abaixo seguem algumas recomendações aos núcleos e UL's, envolvidos no processo de implantação do Plano 2001.

Unidades Locais

- Durante a implantação do Plano e a conseqüente ligação da UL com a Rede, promover debates sobre a “participatividade jovem”, entre os jovens da UL, para que estejam de fato cientes do processo e não participem do mesmo de forma desproposital.

Núcleos Regionais

- Determinação de padrões e critérios para a divulgação das informações vinculadas nas redes, evitando repetição de dados e mensagens fora de contexto; quer como filtragens por categoria de informação (ex. modalidade). Obviamente, este tipo de medida não deve implicar em sonegação de dados, mas somente evita a saturação do seu uso.
- Avaliar qual o público alvo atingido pelo Plano em todo o processo, quanto as porcentagens de participação entre pioneiros e escotistas jovens, e a receptividade por parte dos adultos.

c. Na prática, exemplos hipotéticos de funcionamento

Na seqüência seguem alguns exemplos funcionais, da atuação dos núcleos junto as direções locais, regionais ou nacionais e sua extensão as redes, para melhor ilustrar as reais possibilidades vislumbradas por este Plano. Estas idéias são figurativas, elaboradas a partir de um “laboratório de idéias”, mas que em alguns casos podem servir de sugestão de trabalho.

Estes exemplos (fictícios) são uma coleta das discussões ocorridas entre os jovens líderes da região de São Paulo. Nas narrativas abaixo, é possível perceber que os núcleos e UL's atuam em ações complementares as necessidades e objetivos das direções locais, regionais e nacional, e nunca criando rotinas de trabalho isoladas.

Consultando os jovens

Em uma das reuniões do CAN “Conselho de Administração Nacional”, surge a idéia de se fazer uma mudança no uniforme escoteiro. Para tanto, o CAN entra em contato com os líderes do Núcleo Nacional, para promover uma consulta aos jovens.

Os orientadores do NN ou o próprio conselheiro nacional proponente, elaboram um texto explicativo, baseado nas propostas e argumentos apresentados. Os comunicadores difundem a informação aos NR's e estes para as UL's, para que o assunto seja debatido entre os jovens.

Após um período determinado, a informação retorna em todos os níveis, até chegar ao CAN, que poderá fundamentar a proposta a partir da opinião dos jovens ou até mesmo adotar uma nova idéia surgida nos debates.

Campanha de esclarecimento

Surge em um ponto qualquer uma polêmica sobre assunto X (poderíamos citar vários) e este assunto passa a circular entre os jovens. Com isto, os orientadores apuram os dados corretos acerca desta polêmica, junto aos meios responsáveis e repassam este para os comunicadores, que esclarecem a questão e se necessário promovem debates á respeito.

Campanha Ativa

Um determinado grupo de pioneiros resolve organizar um “Mutirão Nacional de Doação de Sangue” (idéia similar já ocorreu em MG), em data específica para jovens e adultos fazerem a doação. Esta proposta passa pelo fórum e assembléia da região e são levadas ao nível nacional, que adere a mesma.

Através da articulação entre núcleos e UL's a campanha poderá ser amplamente difundida, pelos orientadores e comunicadores, que estarão em contato com a coordenação da campanha. As orientações da campanha são feitas pela direção nacional e incentivadas pelos núcleos, mobilizando o maior número de pessoas possível.

Ao mesmo tempo, as direções nacional e regionais podem atuar na promoção da campanha, através de assessoria de imprensa e relações institucionais, contribuindo inclusive para a imagem do Escotismo.

Recursos Adultos

A Direção Nacional lança um programa para os GE's, visando captar mais adultos voluntários para as seções. Uma vez elaborado, os orientadores de todos os núcleos se informam á respeito, diretamente da fonte.

A partir disto, o programa é divulgado pelas regiões escoteiras e incentivado pelos núcleos, para que as UL's implantem este programa em seus GE's. Em meios a isto, os comunicadores promovem debates, circulam informações e apuram dados quanto aos resultados obtidos, que podem ser úteis em melhorias no mesmo.

Programa de Jovens

O novo manual do ramo escoteiro, pertencente ao MACPRO, é lançado em todo o país, como já acontece com o ramo lobo. Após decorrido algum tempo de sua implantação, é de interesse da UEB e da OSI uma coleta de alguns dados a respeito, para acompanhar os resultados.

Desta forma, a UEB ou a OSI elabora questionários para apurar dados de interesse na avaliação do processo. Os orientadores de cada núcleo são orientados a aplicar estes questionários e os comunicadores distribuem as UL's, para a conseqüente aplicação nas seções do ramo. Ao final disto, os questionários retornam, seus dados são analisados, servindo de suporte ao MACPRO e as coordenações de ramo.

Relações Institucionais

Uma determinada ONG (WWF por exemplo), prepara um grande projeto sobre meio ambiente, que objetiva a participação dos jovens brasileiros, de entidades diversas. Para tanto, esta ONG convida a UEB a participar do projeto e assim, elabora um programa específico para os jovens escoteiros.

O programa é divulgado pelas direções nacional e regional, com o incentivo dos núcleos, fazendo com que o escoteiros participem do projeto desta ONG.

Porém, uma vez que os núcleos já estejam informados do contato da ONG com a UEB, os orientadores e comunicadores podem promover instruções e debates prévios referentes a questão ambiental, preparando os jovens para o seu papel futuro no projeto.

Orientação, informação e representação

Além dos exemplos acima, este sistema pode ser útil em diversos outros tipos de situações, ainda não supostas. Espera-se que a experiência e as circunstancias contribuam para a melhoria destas idéias, quer como a descoberta de novas utilidades.

6. Considerações Finais

Apesar deste trabalho ter dado seu primeiro passo ainda no ano de 1999, na ocasião do Fórum de Foz, este se desenvolveu basicamente nos meses de novembro, dezembro e janeiro, de 2000 para 2001.

Este tardio aceleração do processo não conota um atraso no seu planejamento, pois na verdade, os fatos que ligam o Plano a Rede ocorreram justamente neste período, que determinou o ritmo dos trabalhos, de encontro aos prazos determinados. Deve ser considerado, que se esta fusão com a proposta da OSI não tivesse ocorrido, o resultado final deste trabalho poderia ser bem diferente.

De qualquer forma, ao seu final, ficou em grande parte dos envolvidos, direta e indiretamente, o desejo de tê-lo desenvolvido com mais tempo e recursos. As constantes prorrogações por parte da OSI, em divulgar uma orientação sobre a proposta da Rede, também foram agravantes, e a própria inexistência deste documento quando da chegada do prazo de entrega estipulado pela UEB; além da dificuldade em coletar dados (debates, entrevistas e fontes) de diversos pontos, em diversos estados. Esperamos que o fato deste trabalho ter sido entregue fora do prazo determinado, com dez dias de atraso, não prejudique a sua avaliação. Afinal, como já mencionado acima, parte deste problema recai sobre as faltas ocorridas em outras instâncias.

Esta luta contra o tempo e o profundo desejo por resultados foram incessantes nestes últimos meses, mas apesar desta falta de tempo, acreditamos que o seu resultado seja totalmente satisfatório para a aplicação de seus objetivos. Porém, vale prevenir, que uma eventual falha de fontes, referências ou consultas, são resultantes desta problemática.

Os trabalhos desenvolvidos para a elaboração desta proposta, tiveram seu comando concentrado nos jovens líderes de São Paulo, que contaram com a inestimável adesão de jovens de outros estados. A intenção de tornar este Plano uma proposta imparcial e conjunta foi cumprida. A partir de agora, a responsabilidade pelo sucesso futuro esta nas mãos de todos os jovens líderes e adultos, e não mais restrito ao grupo proponente; sendo esta uma possibilidade aberta pelo próprio Plano, concebida na sua idéia original.

Agora, ansiamos pela evolução deste tema, acreditando intimamente na real possibilidade de tornarmos os jovens autores-parte-foco dos acontecimentos em nosso movimento. E não somente na tomada de decisões, mas também, futuramente, nas realizações destas decisões.

Confiamos na solidez da proposta e nas aplicáveis perspectivas abertas por este Plano, porém, somos cautelosos ao estabelecermos uma visão crítica destas. Afinal, preconizamos a implantação de um sistema organicista, contudo, receamos que este mesmo sistema se torne viciado em burocracias ou politizado em demasia. De qualquer forma, entendemos que sistema algum seria perfeito ou totalmente isento de riscos; e assim, confiamos a ética e ao “espírito escoteiro” o sucesso desta empreitada.

O Plano 2001 é um trabalho amplo, abrangente e pretensioso, que necessita de apoio, entusiasmo e vontade política para dar vazão aos seus desafios futuros, quer como a correção de suas imperfeições.

Enfim, esperamos que esta proposta seja levada a sério e que a mesma seja avaliada sobre pareceres concretos e embasados, ao invés dos chamados “achismos”, típicos das decisões de gabinete. Confiamos aos meios competentes um acompanhamento interessado a este trabalho, visto que, modestamente, este seja merecedor de tamanha atenção.

7. Bibliografia

- García, Fernando Soto-Hay. Coronología del Escultismo. México DF: ASMAC, 2000.
- Nagy, Laszlo. 250 Milhões de Escoteiros. Porto Alegre - RS: UEB-RS, 1987.
- Fundação Kellogg. Seminário “Organizações Juvenis”. São Paulo - SP: WKKF.
- Reporte: 33ª Conferência Escoteira Mundial. Bangkok - Tailândia, 1993.
- Reporte: Ata do Fórum Nacional Sênior. Osasco-SP, 1996.
- Reporte: 20ª Conferência Escoteira Interamericana. Guadalajara - México, 1998.
- Reporte: 7º Fórum Mundial de Jovens Escoteiros. Balgowan - África do Sul, 1999.
- Reporte: 35ª Conferência Escoteira Mundial. Durban - África do Sul, 1999.
- Reporte: Plano de desenvolvimento regional da OSI “Es tiempo de crecer”. 1998.
- Reporte: Projeto Educativo do Movimento Escoteiro. UEB-DN.
- Reporte: Texto “A pessoa que quero ser”. UEB-DN.
- Available from World Wide Web: <http://www.protagonismojuvenil.org.br>
- Available from World Wide Web: <http://www.scout.org>>

8. Anexos

a. Questionário sobre Fórum de Jovens

Questionário aplicado

0. Nome / GE / no escotismo desde ... / idade
1. De quais Fóruns de Jovens você participou (desconsidere Fóruns de Grupo)?
2. Você lembra quais os principais assuntos debatidos nestes Fóruns? Discrimine separadamente.
3. Na sua opinião, o quanto estes assuntos eram relevantes? Você acha que estes Fóruns, em algum momento, se perderam em assuntos supérfluos, desnecessários e desconexos?
4. Até que ponto você sentiu que as sugestões do Fórum, quando bem estruturadas, foram aplicadas ou levadas aos meios competentes? Houve algum tipo de resposta (justificativa positiva ou negativa) a estas sugestões? Através de qual meio estas respostas foram encaminhadas?
5. Foi possível constatar algum tipo de acompanhamento adulto, antes ou depois dos Fóruns, quanto a aplicação do programa do evento ou encaminhamento das sugestões?
6. Existia algum tipo de programa (texto tema, pauta geral, palestra prévia, oficinas de trabalho, etc.) orientando os debates?
7. Faça uma avaliação conclusiva quanto a importância, o modelo e a manutenção dos Fóruns de Jovens?

Orientações: responda todas as questões na ordem indicada; em caso de dúvida, encaminhe para dulaocso@ig.com.br ou 0xx19-4267808; ao terminar, envie para odiroloc@hotmail.com e aguarde confirmação de recebimento.

Jovens entrevistados

Este questionário foi enviado para doze jovens, de seis estados, sendo enviadas seis respostas. Estes foram escolhidos, de maneira que diferentes fóruns pudessem ser contemplados na coleta de dados, além do interesse por diferentes regiões escoteiras e opiniões à respeito do tema.

Na soma dos convidados, podemos apurar a presença destes nos seguintes fóruns, em participações somadas: Fóruns Distritais ou de Área (10), Fóruns de Modalidade (2), Fóruns Regionais de Ramo (24), Fóruns Nacionais de Ramo (6), Fóruns Regionais de JL (13), Fóruns Nacionais de JL (12) e Fórum Mundial de Jovens (1). Esta contagem resume a primeira questão, na seqüência dos entrevistados abaixo.

Paula Gioia (Medianeira, RJ) / 20 anos

2. Oficialização da Comissão Inter-Clãs do RJ; álcool vs. a imagem do pioneiro; mudanças na lei e promessa escoteira; características essenciais do escotismo; visão de futuro do escotismo daqui a 20 anos; trabalho voluntário; estruturas democráticas no Movimento Escoteiro.

3. Acredito que a maioria deles foram assuntos relevantes e importantes de serem debatidos. No entanto, para alguns deles os debates não foram encaminhados da melhor forma. Assuntos supérfluos surgem na maioria dos fóruns, cabendo aos organizadores e da atividade e à mesa eleita saber filtrar os debates. O último Fórum Regional de Jovens Líderes foi um modelo de fórum, onde todos os temas expostos eram bastante relevantes, além dos debates terem transcorrido da melhor forma e termos saído com propostas concretas. Já no 4º Fórum Nacional de Jovens Líderes a forma sob a qual os debates transcorreram, isto é, trabalhos manuais, em minha opinião foi extremamente sem sentido, pois certamente aqueles jovens teriam tido muito mais para colocar do que um mero desenho, que ficou exposto durante todo o Congresso em um mural.

4. Quanto às recomendações do Fórum Regional Pioneiro, somente em 2000 presenciei o encaminhamento de algum assunto relevante aos meios competentes. Primeiramente, encaminhou-se a recomendação quanto a “oficialização da Comissão Inter-Clãs” à mestria, que nos apoiou; o próximo passo foi elaborar um documento para ser levado à Assembléia Regional, onde o assunto foi exposto e aprovado. As recomendações do I Fórum Regional de Jovens Líderes foram encaminhadas ao 4º Fórum Nacional de Jovens Líderes e ao Congresso Escoteiro Nacional, a ambos na forma de documento. O II Fórum Regional de Jovens Líderes elaborou recomendações à Assembléia Regional Ordinária, à Assembléia Regional Extraordinária, e ao 5º Fórum Nacional de Jovens Líderes; nos dois primeiros a maioria das recomendações foram lidas e votadas pela plenária, no último pretendemos ter o mesmo sucesso.

Por último, as recomendações do 4º Fórum Nacional de Jovens Líderes foram lidas na Assembléia Nacional correspondente, mas pelo que eu sei, até hoje (quase um ano depois) o Conselho Administrativo Nacional sequer olhou tais recomendações.

5. Os Fóruns Regionais Pioneiros são sempre organizados e coordenados pela Comissão Inter-Clãs, sem a ajuda de nenhum membro adulto.

Os Fóruns Regionais de Jovens Líderes vêm contando com a ajuda de um membro adulto, que além de auxiliar durante a organização do evento, fica disponível para algum possível esclarecimento. O 4º Fórum Nacional de Jovens Líderes também contou com a presença de um membro adulto.

6. Na maioria deles existia um Documento Base contendo algumas informações de cada um dos temas ou um texto orientando especificamente algum dos debates. Palestrantes convidados também estiveram presentes na maioria deles. E em alguns os debates foram encaminhados através de pequenos grupos, que depois apresentaram suas conclusões à toda plenária.

7. Em minha análise, os Fóruns são de extrema importância para a formação e informação dos jovens, além de ser um espaço de preparação à vida em uma sociedade democrática e em um movimento como o nosso.

É através dos Fóruns que os jovens começam a participar do processo decisório dentro do escotismo em suas diversas escalas (de grupo, de ramo, regional, nacional e, até mesmo, mundial), mesmo que seja de uma forma ainda discreta.

O Fórum é uma das principais vias que vêm atuando na preparação dos futuros dirigentes da União dos Escoteiros do Brasil. Sendo assim, sua importância é de grande relevância.

Os Fóruns são espaços abertos à participação de todos aqueles jovens que se interessarem, local onde se tem acesso à informação e onde deve ser debatida a opinião

dos jovens sobre determinado assunto, para que esta seja encaminhada à seu devido destino. Assim sendo, o Fórum é o retrato do pensamento dos jovens, retrato este que deveria ser sempre tomado como base antes de toda e qualquer decisão dos órgãos superiores.

A manutenção dos Fóruns em todos os seus níveis é fundamental para que esse espaço democrático e de preparação à “vida adulta” continue a existir.

Além disso, o fim dos Fóruns poderia significar uma elitização e/ou centralização das informações destinadas aos jovens, o que não deve acontecer.

Para finalizar, é importante perceber que nos últimos anos, os Fóruns vêm exercendo enorme influência na participação direta dos jovens no processo decisório. Isto é, devido à atuação em Fóruns, percebe-se que jovens de diversas Regiões começam a atuar em Assembléias, a integrar Comissões Regionais e Nacionais e talvez, quem sabe, até Diretorias Regionais.

Certamente, não se pode negar a influência de todo e qualquer Fórum na formação destes jovens quem vêm vindo por aí. Oxalá que os próximos também tenham esta chance de crescer!

Fernando Koyama Correia (Amizade, SP) / 20 anos

2. Os principais assuntos debatidos nesses Fóruns respectivamente foram: o “Voluntariado”, onde resultou na formulação de projetos de ação relativo a esse objetivo; “Características Essenciais do Escotismo”, esse tema foi discutido em grupos de trabalho com membros de diferentes regiões e suas conclusões foram posteriormente expostas em plenária. Além desse tema, teve as recomendações previamente encaminhadas pelos delegados, entre elas: presença de um representante na Comissão Nacional de Programas, Manifesto contra o álcool e drogas no movimento escoteiro e o Plano 2001. A “Cultura da Paz”, foi o tema fixo desenvolvido pelos jovens, além das propostas trazidas pelos pioneiros. Nesse último fórum, não teve um tema a ser discutido, por razões variadas, só houve uma explanação do Plano 2001, onde se ressaltou a importância do projeto perante as mudanças que estão ocorrendo, dadas as resoluções da Oficina Escoteira Interamericana.

3. A maioria dos assuntos tratados nos Fóruns, são muitos construtivos, bem colocados. Nenhum assunto mencionado é irrelevante, quando se trata dos interesses de nossos jovens. Em meio a discussões no meio dos debates, acabam aparecendo alguns assuntos supérfluos, mais que são logo percebidos e deixados de lado. Todos assuntos que discutimos nos Fóruns tem sua importância, seja na educação do jovem ou na estrutura do movimento escoteiro.

4. As sugestões expostas aos Fóruns, depois de discutidas e votadas pelos jovens, foram levadas aos meios competentes pelos próprios jovens, para que eles analisassem, onde muitas vezes não se via o interesse dos mesmo pelos assuntos, ou pelo menos, não chegavam suas conclusões nos ouvidos de todos os jovens participantes.

5. Durante os Fóruns, não houve a participação de membros adultos em decisões, somente ajudaram em palestras dadas durante o evento ou esclareceram alguma dúvida que apareceu. E referente ao encaminhamento de sugestões, os próprios jovens as encaminhavam.

6. Sim, os Fóruns possuíam um programa que orientavam e auxiliavam os jovens a elaborar um debate construtivo, onde mantinham uma dinâmica durante todo o evento e não deixavam os assuntos extraviarem.

7. Os Fóruns, são um meio de aprendizado para os jovens, onde aprendemos a interpretar um assunto e debater-lo com outros que poderão ter opiniões diferentes da nossa. Aprendemos a trabalhar em equipe, saber ouvir e entender o pensamento do outro companheiro, e juntos chegar a um consenso comum. Aprendemos a lutar por um ideal, a agir de uma maneira consciente e responsável, de forma civilizada, buscando a todo momento a evolução de nossos propósitos. Através dos Fóruns, nós jovens, podemos ajudar com projetos bem elaborados na educação de nossos escoteiros, podemos ajudar nossos grupos e toda sociedade. Os Fóruns possuem um regimento muito bom, mas como tudo, sempre poderá ser melhorado, para que cada vez mais, possamos representar perante os adultos, propostas excelentes vinda de jovens.

Luciana Vilela (Carmo, SP) / 23 anos

2. Bom, posso citar vários, como etapas de especialidades em que não concordávamos com as alterações propostas pela nacional (apesar disso, foi modificado). Alteração do antigo uniforme sob a alegação que um uniforme mas “comum” estilo jeans atrairia novos jovens para o movimento, no Fórum fomos contra (apesar disso, esse uniforme, como todos sabem foi implantado). Hoje me pergunto, isso aumentou o número de jovens como fazia parte da “proposta” da nacional? Pelo menos na minha região (Santos) a resposta é não. Lembro também de ter discutido sobre a importância de campanhas publicitárias no movimento e principalmente uma relevante defesa jurídica quando o nome do movimento é vinculado erroneamente (anos depois temos o acidente com jovens de uma igreja no pico do Jaraguá, que foi noticiado pela Globo, Globonews e SBT como sendo escoteiros, quando percebido o erro, as TVs não se preocuparam em desculpar-se, mas apenas mudaram o tema da matéria. Se fosse outra instituição, uma defesa jurídica obrigaria essas fontes de informação a se desculpar, no ar e pelo mesmo tempo gasto com a notícia errada. Ou seja, algo que foi debatido à muito tempo - se não me engano, esse debate foi no fórum nacional de jovens de Goiania/94, não foi levado à sério, e denegriu a imagem do escotismo a uma população pequena, só aqueles que assistem a rede Globo). Outra proposta jovem também debatida em fórum em que eu estive presente, foi um maior rigor com nossas condecorações para jovens e escotistas, principalmente a IBP do ramo pioneiro, que depende de um trabalho sério e um profundo conhecimento da sociedade, uma vez que é um estágio introdutório para a vida do jovem nessa mesma sociedade. Infelizmente não é o que pode observar depois de muito ter debatido isso em fóruns. Quanto aos escotistas, esse debate é mais velho ainda, desde meus tempos de guia, onde ficava horrorizada com jovens sêniores camuflados e agindo como se fossem soldados e instruídos sempre por um sorridente chefe, que possivelmente imaginava que ter sêniores fortes e destemidos era sua principal função (até hoje existe isso) e por mais que seja obrigatório os cursos para os formadores, há anos debato sobre seu fraco conteúdo e um maior rigor na participação de *todos* que trabalham com jovens. Mas também lembro de outros, como a elitização do escotismo, que cada vez mais se restringe à classe média alta, e foge de quem é mais carente de uma co-educação na juventude. De um debate sobre história e valores cívicos dentro do escotismo. E por aí vai....

3. Bom, os que eu citei eram muito importantes de serem debatidos, de serem questionados pelos jovens, mesmo que não tenha surgido ações, os debates sempre constroem o jovem para a formulação de seu caráter. Mas não citei nenhum dos temas propostos pela organização dos fóruns, que em geral fugiam do tema principal (escotismo) e em consumia muito tempo, lembro de participar de fóruns com temas fixos e que era obrigatório discutir sobre ele uma tarde inteira, lembrando que um fórum tem, geralmente, 3 dias, descontando as atividades noturnas, o passeio pela cidade, o tempo utilizado para banho/refeições e sono, descontando também as eleições de representantes e de atividades, leitura da ata anterior, leitura de todas as propostas enviadas e debates, uma tarde inteira obrigatoriamente sendo debatido um tema tipo “As indústrias poluidoras no meio ambiente” é para mim superfluo, desnecessário e desconexos. E só para ficar claro, não estou falando que indústrias poluidoras não são importantes, mas claramente não estão no contexto de um fórum sobre escotismo.

4. Vamos dividir assim, existem alguns tipos de propostas: Aquela que é proposta pelo jovem, e de realização do próprio jovem, ou grupo deles, que normalmente são realizadas.

Aquela que é proposta pelo jovem, mas de realização do escotista (como por exemplo alguma atividade específica, tratando-se de ramo inferior ao pioneiro, uma vez que o pioneiro é quem realiza suas atividades) nesse caso, só é realizado caso o jovem realmente “corre atrás” e empurra a realização da atividade.

Aquela que é contra uma decisão da nacional. Essa é sempre vetada, não conheço uma idéia do jovem de fórum que foi contra o que a nacional disse e foi aplicada com a justificativa que o jovem, aquele a quem o movimento se destina, não aceitava a tal idéia. Já participei de verdadeiras “brigas” (quem me conhece, sabe que é verdade) com dirigentes e fui obrigada a ouvir: “Você não tem essa opinião, mas os do meu grupo adoram a idéia!”. Então o que eu estava fazendo lá, sendo representante escolhida por minha região, com o assunto debatido no meu estado? (que realmente deve ter menos jovens que o grupo do dirigente, uma vez que representava um estado com poucos escoteiros como São Paulo).

As propostas dos fóruns que participei sempre foram encaminhadas pelo que descrevia o P.O.R. , via região, através do coordenador do ramo.

5. Raramente, sempre tive a impressão que os adultos estavam lá por pura “obrigação” descrita nos estatutos sobre acompanhamento adulto em tais atividades ou por alguma atividade paralela para eles. Já vi casos de escotistas “invadirem” a plenária para explicar porque nossas idéias eram “impossíveis” de serem realizadas!?! (aquele desenho do escoteiro chutando o im do impossível não deve ter sido vista por esse chefe). Na aplicação do programa, no ramo pioneiro eu vi algumas participações importantes. No encaminhamento das sugestões ainda estou para ver.

6. Texto tema, como já me referi, sempre estranho a forma do que deveria ser um fórum, pauta geral, só as definidas pelos próprios participantes dos fóruns, palestra prévia seria uma graça de deus, onde deveria pagar minhas promessas quando acontecer, parece que ninguém imagina que entre aqueles jovens pode ter (e sempre tem muitos) que não sabem como lidar com um fórum e como utilizar ele para suas idéias e suas propostas. Oficinas de trabalho, não, nunca vi.

7. Para mim, importância total, é um celeiro de novas idéias, líderes e está totalmente envolto ao que a proposta do escotismo tem para o jovem. O modelo, imagino que deva ser o mais solto possível, onde os jovens eleitos em seus grupos tragam suas realidades, idéias e sugestões para uma melhoria constante do movimento. O tempo deve ser destinado o máximo possível para os debates entre os representantes e os observadores devem ser os “próximos” a estarem lá, ou seja, os mais novos do ramo e esses mesmos devem participar das já sugeridas oficinas, onde o trabalho fica mastigado para a sua continuação nos próximos anos. Deve ser mantido, sempre, pois um dia (nem que seja quando alguém da minha geração) nossa direção adulta vai se nortear no que se refere a programas, atividades e projetos, nas idéias nascidas dos jovens, pessoas a qual o movimento se destina. Não devemos ir contra as realizações da direção nacional e regional, as realizações da direção nacional e regional que devem se basear nas propostas feitas pelos jovens dos fóruns. A hierarquia está equivocada no escotismo. A pessoa pode ser o Diretor Nacional, mas deve saber se todos os escoteiros, mesmo tendo 13 anos, gostam de suas atividades. Quem sabe aí, nosso movimento não dependa da “calça jeans” para crescer.

Observação: Talvez algumas das minhas idéias e sonhos já sejam realidade, estou afastada do movimento há 2 anos, por motivos de trabalho, estudo e pessoal. Mas mantenho meus contatos com o grupo e inscrição na região, por ter certeza que ainda vou retribuir tudo que aprendi com escotismo, e com certeza, trazer os meus futuros filhos para esse movimento. Estou respondendo a esse questionário, por ser proposto por jovens e por imaginar que participei de fóruns em um bom número para poder opinar. Espero ter ajudado e bom trabalho!

Guilherme Fassy Santos “Índio” (Lagoa do Nado, MG) / 22 anos

2. Lembro mesmo de termos debatido o fato da região estar interferindo na formação de um clã regional (95), algo que serviria de suporte aos clãs que estavam se formando e que na verdade nos foi imposta a ilegalidade das nossas reuniões, o que sabíamos ferir até a constituição nacional esta proibição. Em momento algum nos foi perguntado a respeito das pautas ou do que se tratavam essas reuniões. Outro assunto que mereceu destaque foi quando em 98 reivindicamos a volta dos fóruns aos mutirões pois a separação teria causado uma situação de ter que se optar por uma das atividades já que dificilmente vários pioneiros teriam condições financeiras de comparecer a mais de uma.

3. Sim. Em 98 (Juiz de Fora, sede de nossa região), chegamos na cidade e ouvimos os mesmos comentários de diferentes pios, safra renovada desde 95, à respeito do por que a região não era na capital. Intimamente desconhecíamos os motivos mas, por bem da cortesia, respondíamos que era o fato deles estarem se portando mais organizadamente há algum tempo. Ironicamente, discutimos na ida se este fórum iria render assuntos fúteis e de repente, as famosas discussões sobre o uniforme. Quando a mesa foi composta e o fórum oficialmente aberto, a primeira pessoa que se levantou puxou assunto o uniforme, e mesmo com a avalanche de gargalhadas inevitáveis pela ironia da situação, o assunto que mais foi falado e re-falado nas discussões era a respeito do uniforme, o que demonstrou, no meu modo de ver que em 3 anos que fiquei sem participar de fóruns, as discussões ainda eram as mesmas... nada mudou. Assustador isso.

4. Sinceramente não senti firmeza em nada. A Região só me fez um pouco esperançoso quando implantou os setores por aqui (pólos), o que nos deu autonomia para cumprir metas sem nenhuma dependência externa (entenda-se, menor dependência da região). Nas duas atividades que fui as decisões foram diretamente encaminhadas à região.

5. No evento sim, sem problemas; quanto ao pós... não. Ainda por cima, até mesmo a sede do fórum seguinte foi desrespeitada mais de uma vez. A região demonstrava assim seu descaso com a nossa reunião. Às vésperas do novo fórum, ainda sem sede, solicitava que fossem enviadas propostas à Juiz de Fora, o que soubemos mais tarde não funcionar pois a escolha era arbitrária e sem justificativa, deixando de optar por propostas da capital, ponto central do estado e com preço mais acessível em favor de lugares bem mais distantes, propondo então atividades mais caras sem defender os motivos para tal.

6. Não. Geralmente o que existia eram assuntos exclusivos que a região estabelecia como importantes: “Vocês não podem sair daqui sem ter discutido tal assunto...” mas que no final não se destacavam no geral das discussões. Isso porque depois dali nunca mais se tinha notícia dos fatos...

7. Acredito ser da maior importância essas atividades. Agora no que diz respeito ao pós-fórum, acho complicado apontar a fórmula pro “fazer-se cumprir” a partir do momento que se depende de várias outras pessoas também. O modelo ainda acho válido, desde que nunca se interfira na ação inteiramente jovem da atividade e acho que é o mínimo que pode ser feito à esse respeito. No mais, lamento essa falta de perspectivas que ambas atividades me mostraram, alimentando um pessimismo que não é bom.

Juliana Cristina Fukuda (Caramuru, SP) / 22 anos

Acredito que o escotismo melhore muito com a participação dos jovens nos processos decisórios! Não vejo porque o Fórum não seja o melhor caminho para tal, apesar de que algumas melhoras serem necessárias, principalmente no interesse dos adultos.

Se a proposta do Plano for aceita e com isto a continuidade dos fóruns, as assembléias poderiam ser realizadas em feriados prolongados, sobrando tempo (antes do início da própria assembléia) para a realização do fórum de jovens. Dá oportunidade dos jovens se conhecerem, trocarem experiências, propor e participar da assembléia, na continuidade do evento. Pode até ser em um dia.

O Fórum Mundial, por exemplo, acontece uma semana antes da Conferência Mundial. Assim não se necessita marcar outra data e local, para que as pessoas de longe tenham de viajar duas vezes.

Eduardo Gabriel (Tamandaré, SP) / 19 anos

2. Lembro-me dos assuntos de alguns fóruns: questões estatutárias do ramo escoteiro, em relação a “briga” das escoteiras pelo direito de fazer jornada de 1ª classe, á exemplo dos rapazes; inserção do movimento escoteiro no contexto social; lei e promessa escoteira; problemas disciplinares ocorridos no Interclãs 2000.

3. Acredito que as dimensões de relevância dos fóruns assumem proporções diferenciadas, não sendo possível estabelecer um parâmetro de intensidade única. Mas creio que um possível indicador do aproveitamento dos fóruns, é o grau de

amadurecimento no pensamento dos membros juvenis no movimento. Acredito ainda que todas as formas de conhecimento são válidas dentro de suas áreas de importância, portanto, o aproveitamento dos mesmos é totalmente válido. Não existem assuntos supérfluos, desnecessários e desconexos, podemos as vezes correr o risco de ficarmos à margem dos principais assuntos de discussão relevantes.

4. As respostas das discussões feitas pelos jovens podem apresentar dois meios de transparecer. Um seria a discussão sobre assuntos mais visíveis e palpáveis, como formulações e reformulações das resoluções nos princípios, organizações e regras, e também a aplicação de projetos e assuntos a serem desenvolvidos pelos próprios jovens; o segundo, que considero mais importante, são as respostas quanto ao crescimento e amadurecimento de cada jovem. Essa resposta se bem elaborada marcará profundamente a vida do jovem escoteiro, que lhe ajudará enormemente em sua vida cotidiana. Acredito que de fato esse é o real propósito que BP se encarregou na formulação de seu grande e maravilhoso Movimento; o Escotismo.

5. Os adultos representam no movimento um certo “mau necessário”. A intervenção dos membros adultos nos fóruns ocorreram nos momentos em que os próprios jovens não estiveram sintonizados e unidos a um mesmo e único propósito, ou seja, nos momentos de confrontos ideológicos.

6. Sim. Nos fóruns que participei existiram sempre um certo tipo de documento base do evento, bem como temas de discussões.

7. A conclusão que queria deixar, é de que os jovens possam sempre se unir e lutar para que nunca deixem os adultos calarem a vós dos jovens, que ecoam nos fóruns; e que os próximos jovens que darão continuidade ao movimento possam se enriquecer cada vez mais e se tornarem membros adultos conservados no espírito juvenil de bons cidadãos. Se às vezes há falhas nas estruturas dos fóruns, não devemos tomar isto como impossibilidade de nos reunirmos, mas devemos tentar seguir adiante, transparecendo as escolhas que similarmente BP nos aponta no livro “Caminhos para o Sucesso”. Com isso concluo que é fundamental que os fóruns continuem tendo sua importância e realização. Ainda que durante a adaptação do movimento escoteiro aos tempos modernos, implique numa menor relevância dos Fóruns.

b. Questionário sobre Grupos Atuantes

Coleta de dados (primeira seqüência)

0. Nome do representante / GE e Gp. Atuante / no escotismo desde ... / idade
1. Histórico e Característica do Grupo
2. Objetivo
3. Projetos e / ou Trabalhos desenvolvidos
4. Estrutura de funcionamento

Questionário aplicado (segunda seqüência)

1. Qual o fator ou contexto que motivou a fundação deste Grupo?
2. Qual é a relação e aceitação dos jovens em foco para com o Grupo?
3. Como é a participação de adultos neste Grupo?
4. Como é a relação deste Grupo com os meios competentes (GE, Região, DN)?

Orientações: responda todas as questões na ordem indicada; em caso de dúvida, encaminhe para neves@unimes.com.br ou 0xx13-2387707; ao terminar, envie para odiroloc@hotmail.com e aguarde confirmação de recebimento.

Jovens entrevistados

Este questionário foi enviado para cinco jovens, de quatro estados, sendo respondido por todos. Estes foram indicados pela participação passada ou presente que tiveram no seu respectivo Grupo Atuante.

A denominação encontrada para Grupo Atuante, tomada nos exemplos abaixo, é a de um grupo de jovens, criado pelos os próprios jovens, atuando com objetivos determinados dentro do escotismo.

Paula Gioia (Medianeira, RJ e CIC-RJ) / 22 anos

1. A CIC-RJ foi fundada em 1993, através do Projeto de Insígnia de B-P de uma pioneira. Esta é uma comissão dirigida por 4 diretores, mas da qual participam representantes de todos os clãs. Até a pouco tempo atrás a CIC-RJ tinha como característica uma posição de oposição a Diretoria Regional, mas nos últimos anos vem conquistando seu espaço e respeito no cenário regional, podendo agora caminhar junto a Diretoria.

2. A CIC-RJ visa diminuir a distancia existente entre os jovens do Ramo Pioneiro, a mestria e a Diretoria Regional. Visa também servir de canal para a troca de experiências entre os diversos clãs pioneiros, além de auxiliar na estruturação dos mesmos. Nos últimos anos a CIC-RJ vem objetivando também desenvolver projetos pioneiros de cunho regional.

3. Nos últimos anos a CIC-RJ realizou atividades como o Natal da CIC, encerrando as atividades do ano. O maior projeto desenvolvido foi o 1º Mutirão Magé, onde o lema “servir” foi empregado em benefício do Campo Escola Chefe Geraldo Hugo Nunes, em Magé. A CIC vem desenvolvendo também um ciclo de palestras para auxiliar na estruturação dos clãs. O site da equipe foi lançado (www.cicrj.cjb.net), através de um projeto voluntário do Forquilha Velha João Luiz Serpa Seraine. Além desses projetos, a diretoria atual tem em mente desenvolver inúmeros outros projetos. O primeiro que esta diretoria já conquistou foi a oficialização da CIC-RJ como órgão regional, o que se concretizou na ultima Assembléia Regional.

4. A CIC é composta por um representante de cada clã pioneiro que frequenta as reuniões quinzenais. Ela é coordenada por quatro diretores, sendo eles um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário e um Tesoureiro, que são também os responsáveis por elaborar os projetos a serem desenvolvidos.

1. A atual diretoria tem em mente tentar recuperar o histórico da CIC, uma vez que grande parte deste material foi perdido ao longo dos anos. O que se sabe e que a CIC-RJ foi fundada através do Projeto de Insígnia de B-P de uma pioneira da época.

2. Esta equipe visa fazer do ramo pioneiro um ramo ativo na Região Rio e tentar informar a realidade do ramo para a região e vice-versa. Devido ao fato de as decisões serem tomadas sempre por votação, as reuniões da CIC são um instrumento de estímulo a democratização.

3. A CIC-RJ caminha sempre junto ao coordenador regional do ramo e até mesmo do Diretor Técnico Regional. Desta forma é possível conciliar os interesses de ambos os lados.

4. A atuação da CIC se dá principalmente no nível regional, tentando levar a voz dos pioneiros até os meios competentes da Região Rio. Além disso, os Fóruns Regionais Pioneiros, realizados todos os anos pela CIC, servem de estímulo a participação/atuação política ativa dos jovens em seus grupos, no próprio Ramo Pioneiro, na Região, nos Fóruns de Jovens Líderes e até em Comissões Nacionais, o que vem sendo bastante notável nos últimos anos na Região do Rio de Janeiro, onde a participação dos pioneiros vem crescendo notavelmente.

Alexandre Dambrowski (Atiradores, RS e ERP-RS) / 21 anos

1. A história da ERP-RS já consta de longa data, onde os próprios pioneiros organizam-se e elegem os 4 (quatro) membros que liderarão a ERP para o ano seguinte, por ocasião da realização do seu 2º Fórum Regional Pioneiro anual. Estes membros eleitos, possuem o compromisso perante os demais pioneiros do estado e à Diretoria Regional, de organizar, divulgar e incentivar as atividades pioneiras na Região do Rio Grande do Sul, de forma a fortalecer o Pioneirismo gaúcho.

2. A Diretoria Regional da UEB-RS, sempre incentivou a efetivação da Equipe Regional Pioneira, de forma que os próprios jovens completem o seu auto-desenvolvimento, conforme previsto no Método Escoteiro, dando ampla liberdade para as decisões a serem tomadas pela Equipe.

3. A ERP-RS é subordinada à Diretoria Regional da Área Estratégica de Programa.

4. Uma das formas de se comprovar o amplo apoio dados aos jovens pioneiros, é que a atual Diretoria Regional da Região do Rio Grande do Sul, possui a chamada Diretoria Júnior, composta por jovens recém egressos do Ramo Pioneiro. A atual Diretoria Júnior da UEB-RS, é formada por 3 (três) jovens Escotistas que já integraram ou integram a Equipe Regional Pioneira - RS, sendo: Diretor Regional de Marketing e Comunicação - Márcio Siqueira da Silva, presidente ERP-RS 1993; Diretor Regional de Programa Adjunto - Alain Cássio Luís Biesdorf, secretário ERP-RS 1998 e presidente ERP-RS 1999; Diretor Regional de Tecnologia da Informação - Alexandre Bittencourt Dambrowski, secretário ERP-RS 2000.

1. Dentre as atividades regionais promovidas pela ERP-RS, destacam-se os dois fóruns pioneiros anuais e o mutirão regional, realizado a cada um ou dois anos. Além disso, a ERP-RS incentiva as atividades realizadas pelos clãs pioneiros, divulgando estas atividades para os demais interessados. Cabe à ERP-RS ainda, a organização da delegação gaúcha para os eventos pioneiros nacionais, como o Mutirão Nacional Pioneiro.

2. A cada 2 (duas) semanas, a ERP-RS realiza reuniões entre os pioneiros e Mestres Pioneiros na sede do Escritório Regional, onde são debatidos temas relativos ao Pioneirismo de forma geral, além de servir para esclarecer dúvidas ou orientar os novos ingressos ao Ramo.

3. Quanto a participação dos Mestres Pioneiros nas atividades, estes integram o Clã de Mestres, que orientam e auxiliam a ERP-RS sempre que necessário. Além disso, os Mestres Pioneiros possuem a finalidade de orientar corretamente seus pioneiros,

porém não cabe a eles fazer as decisões, mas incentivar que os próprios pioneiros exerçam suas escolhas.

4. Trechos do Regimento da Equipe Regional Pioneira - RS: (...)

André Kolozwa “Cyber Eagle” (Pitangui, PR e Azimute) / 19 anos

1. Originado do antigo “Boletim JOTT”, o @zimute teve seu primeiro número publicado em Outubro de 1999. Ao contrário de seu predecessor, o @zimute era agora redigido por uma equipe, que com o passar do tempo foi agregando novos elementos. Este grupo difere dos demais por características peculiares: nasceu dentro da internet, ou seja, seus integrantes não conheciam todos os demais pessoalmente. Além disso, todos, de modo geral, compactuam de uma mesma linha de pensamento, mesmo pertencendo à regiões diferentes (como PR, SP, RJ e MG).

2. O objetivo do @zimute e sua equipe é diminuir as barreiras entre as informações sobre o escotismo e os escoteiros, mantendo-se sempre independentes no tangente à organizações.

3. Desenvolve periodicamente um informativo através da internet, que alcança cerca de 1000 escoteiros diretamente. O trabalho da equipe também atuou, direta ou indiretamente, em atividades escoteiras a nível local, regional ou nacional.

4. A equipe procura trabalhar em conjunto e dividir as tarefas. Não há cargos específicos, excetuando, talvez, o de coordenador-geral, denominado “editor- chefe”. Há também as funções de webmaster e de especialistas por ramo ou assunto específico. A comunicação entre os membros é feita através de eventuais reuniões e contatos telefônicos. Porém, o meio mais utilizado ainda é internet, através de mailing-lists e ICQ.

1. A pequena divulgação por parte da UEB sobre as possíveis mudanças na Lei e Promessa, em 1999, fez com que vários escoteiros se unissem para divulgar (e mostrar os pontos negativos) dessa mudança. Com isso, acabou surgindo um grande debate a nível nacional, que culminou com a não aprovação das novas propostas.

2. Atualmente, além dos jovens, o @zimute também é lido por escotistas e dirigentes. Muitas das pessoas que recebem o jornal chegam a imprimi-lo e levar aos seus grupos. De modo geral, pode-se dizer que todos os comentários recebidos sobre o @zimute são positivos, e suas matérias tem surtido efeito auxiliando diretamente os escoteiros e chefes em suas reuniões.

3. Apesar da grande parte dos elementos estar na faixa dos 18 a 25 anos, o @zimute possui também membros adultos, atuando como “conselheiros” ou diretamente na elaboração do Jornal.

4. Praticamente todos os elementos da equipe atuam junto aos jovens, ou seja, na chefia de seções. Porém, há membros que tem participação em Comissões Nacionais ou Diretorias Regionais.

Luciana Klen S. Azevedo Liepin (Nambikwara, SP e ERP-SP) / 20 anos

1. A fundação deste grupo, antes denominado “Ordem Pioneira Arthur Pendragon” e hoje conhecido como “Equipe Regional Pioneira Arthur Pendragon”, aconteceu no 20º Fórum Pioneiro realizado em São Paulo no ano de 1997. A proposta tinha por objetivo trazer mais oportunidades ao Ramo que estava em pleno desenvolvimento. Como por um lado, não haviam conceitos bem definidos nem um suporte técnico adequado que pudesse auxiliar o ramo; por outro, viu-se grande

interesse por parte dos pioneiros, bem como uma significativa vontade de trabalhar em prol do ramo. Unindo-se o útil ao agradável, fundou-se essa Equipe que atuaria de forma autônoma junto aos demais órgãos escoteiros. Estabeleceu-se que a Equipe estaria submetida às decisões do Fórum Regional Pioneiro e que seus membros seriam em número de 7 (sete), onde cada um deve, necessariamente, pertencer a um Clã Pioneiro distinto, além de se ter a opção de incorporar 3 (três) novos membros.

2. Os objetivos da Equipe Regional Pioneira são exclusivamente voltados ao Ramo Pioneiro, realizando trabalhos junto à coordenação e com a orientação deste. Porém, a Equipe tem autonomia e independência para realizar seus projetos. Visa auxiliar na realização de eventos regionais, servir como meio de comunicação e informação, desenvolver temas comunitários e lançar novos projetos de acordo com as idéias ou necessidades do momento.

3. Os inúmeros projetos e trabalhos desenvolvidos pela Equipe Regional Pioneira desde sua implementação podem ser resumidos em:

Livro Pioneiro - em fase final de elaboração, ele visa dar aos Clãs do Estado de São Paulo, uma fonte específica de pesquisa sobre o ramo, além de agrupar as informações que até então eram dispersas e cheias de controvérsias.

Projeto Servir - implementado em 1998 e ainda em continuidade, tem um tema comum, definido anualmente no Fórum Regional Pioneiro, que visa o desenvolvimento comunitário dos clãs ou pólos de desenvolvimento.

Projeto Polar Pioneiro - visa a organização dos clãs para que juntos possam trocar experiências, realizar atividades e Ter uma maior integração nos pólos. Baseia-se no “apadrinhamento” de clãs.

CRCP - foi um cadastro instituído no Interclãs de 1998 que vigora até hoje e é atualizado anualmente no Interclãs. Tem como objetivo, criar uma estatística sobre o desenvolvimento do Ramo Pioneiro no Estado de SP. , bem como realizar uma maior integração entre os Clãs e ter a possibilidade de levar a todos as informações e os projetos desenvolvidos pela Equipe ou pela Região.

Home Page - lançada logo após o Interclãs 2000. O objetivo da página nada mais é do que a centralização de informações e um meio mais rápido de auxílio aos clãs sobre acontecimentos que envolvem o ramo. Exemplifica, também, de uma maneira bem clara, qual é o papel da Equipe Regional.

Projeto Compartilhar - tem como maior objetivo o “apadrinhamento” de outro clã pioneiro em desenvolvimento, auxiliando-o nesse processo de formação, desenvolvendo atividades e integrando-os com o ramo.

Távola - é um projeto onde se procura levar às pontes-pioneiras um maior entendimento sobre o que busca realizar o Ramo Pioneiro.

Regulamento do Fórum - visa fortalecer a estrutura de funcionamento do Ramo. Todos esses projetos lançados pela Equipe Regional Pioneira, desde sua fundação, continuam em andamento.

4. A Equipe Regional Pioneira conta com sete membros de clãs diferentes de dentro do Estado de SP. Suas reuniões ocorrem mensalmente e todos os pioneiros do estado tem direito de participar, salientando que, em alguns casos, quando estiverem presentes pioneiros não membros da Equipe, esta poderá ausentar-se para resolver assuntos internos. Dentro de sua organização estão os membros, os voluntários, os colaboradores e os mestres. Nesta, somente três cargos foram criados:

Auxiliar - que é o responsável em auxiliar os demais encarregados na execução e suas tarefas, supervisionar a realização das reuniões, redigir a ata e, juntamente com os demais encarregados, tomar as decisões necessárias no intervalo entre as reuniões. Escriba - é quem faz os relatórios das reuniões ordinárias e extraordinárias, quando necessário, e posteriormente elabora o relatório anual. Escreve relatórios de serviços e eventos da Equipe e arquiva os documentos e pesquisas de maior interesse. Secretário - é o endereço, telefone e contato oficial da Equipe. Responsável pelas correspondências enviadas e recebidas, sendo estas internas ou externas. Mantém o contato entre os membros integrantes, quando fora das reuniões e encontros.

Os projetos da Equipe são englobados pelas “equipes de trabalho” que podem contar com todos aqueles que quiserem auxiliar na organização destes, sem distinção. Outro fato importante é a presença e participação da equipe em grandes eventos pioneiros.

1. Como dito acima, o fator chave que levou a criação da Equipe foi, além do grande crescimento do número de pioneiros no Estado, a falta de estrutura para comportar esse “novo” ramo que estaria vindo e a necessidade de ter alguém que se disponibiliza-se a participar e desenvolver projetos visando uma maior integração entre os clãs, atentando-se sempre ao “Servir” Pioneiro. Foi uma idéia que deu certo.

2. Pode-se dizer que existem duas visões bem diferentes em relação à Equipe: uma delas é que aqueles pioneiros que conhecem e principalmente entendem qual é o objetivo da mesma, busca uma maior integração e participação junto aos membros, bem como demonstra um grande interesse aos assuntos referentes e sob a responsabilidade da Equipe. Por outro lado vemos, também, aqueles que discordam do propósito e das atividades exercidas pela Equipe. O que influencia muito neste aspecto são argumentos baseados em falta de informações sobre qual é a função da Equipe dentro do ramo e, às vezes, até um pouco de desinteresse e comodidade do mesmo.

3. De acordo com o objetivo inicial, vindo junto com a fundação da Equipe, esta seria um órgão autônomo, porém, caberia aos mestres a participação e auxílio no que fosse necessário, mas infelizmente a realidade não condiz exatamente com os propósitos estabelecidos, a presença dos mestres e adultos, de um modo geral, é quase nula. Cita-se como um exemplo bem recente a revisão do Livro Pioneiro, de grande importância para o Ramo, que deveria ser feita pelos mestres presentes no Fórum Regional deste ano, dentre os inúmeros que receberam uma cópia do documento, somente três responderam, os demais sequer se pronunciaram à respeito. Toma-se este fato como base para demonstrar o interesse e a participação destes junto aos pioneiros.

4. Da mesma maneira, citada na questão acima, é a visão que podemos ter dos órgãos competentes. Partamos do princípio que deveríamos receber o maior auxílio possível daqueles, para que pudéssemos desempenhar um bom trabalho, porém, novamente, a realidade é outra. A Região e a Direção Nacional agiram pouquíssimas vezes junto à Equipe, somente os Grupos Escoteiros, a que pertencem os membros da mesma, é que dão um maior auxílio e incentivo, talvez pela proximidade e maior facilidade de contato conosco.

Guilherme Soares “Cegonha” (Amigo Velho, PR e CoRePio) / 22 anos

1. Grupo de Pioneiros que assessora a Região Escoteira do Paraná em atividades e assuntos ligados ao ramo. Fundada em torno de 1992 (não tenho certeza).

2. Assessorar a UEB-PR em assuntos do Ramo Pioneiro, auxiliar Clãs Pioneiros em dificuldades (atividades, adestramentos, etc...), auxiliar a fundação de Clãs Pioneiros, organizar encontros e atividades para o Ramo, etc...

3. Organização de todos os Mutirões Regionais Pioneiros desde 1992. Organização de outras atividades regionais como Fogos de Conselho, Concursos de Culinária, Festas, etc... Campanhas de Prevenção e Vacinação.

4. O único cargo fixo é o do Presidente. Outros cargos podem ser criados e extintos, desde que sejam coerentes. À época da minha chapa, tínhamos: Presidente e Vice, Relações Públicas (encarregada do jornal Voz do Pio e contatos com os Clãs), Eventos (responsável pelas atividades).

1. Uma crescente necessidade de os Clãs Pioneiros conseguirem se encontrar para trocar experiências, fazer e reatar amizades e poder fazer o Servir mais efetivamente.

2. À minha época (coisa de velho falar assim!) era muito boa. Tivemos alguns problemas internos, e algumas pessoas foram desligadas, mas os que ficaram (4) eram muito comprometidos.

3. É consultiva, recomendadora e analisadora. Todas as atividades são feitas com a supervisão, apoio e aconselhamento da Comissão de Mestres, que ajudam com sua experiência, contatos, etc...

A CoRePio, fundamentalmente, é constituída somente por Pioneiros ativos nos Grupos Escoteiros e em seus Clãs.

4. Muito boa. Quando do fim da minha gestão, recebi, em nome da CoRePio-PR, o diploma de Mérito Escoteiro, em reconhecimento do trabalho da comissão e dos Pioneiros na organização das atividades noturnas do ARP-97 em Londrina. A Região sempre colabora cedendo as instalações para reuniões, há espaço para divulgação, etc... Lembro que esses dados são referentes à gestão de jul96 a jul97.

c. Orientações para a Lista de Jovens Consultados (segue as partes d, e, f)

Esta lista foi elaborada com no intuito de tornar as propostas do Plano 2001 mais abrangentes, a medida que diferentes jovens líderes, de diferentes estados contribuía com o trabalho, ao mesmo tempo de ajudavam a superar algumas limitações ainda decorrentes. Para tanto, foram indicados quatorze jovens, de nove estados, sendo que onze aderiram ao convite. Os seus participantes passaram a ser denominados co-autores do Plano 2001.

Não foram incluídos neste convite os jovens que já fazem parte da “Comissão de Estudos Permanentes”, pois estes não poderiam efetuar propostas, pelo fato de estarem estudando e revisando as mesmas, em um momento futuro. Porém, isto não impediu que estes respondessem aos questionários (a, b), que não tem ligação direta com os dados da proposta.

Desta forma, os jovens da lista receberam três correspondências distintas, com questionamentos referentes as teorias do Plano e do sistema de trabalho, propriamente dito. Como estas correspondências continham questões, textos anexos e partes do material elaborado, estas foram denominadas “malotes”.

Regras

Devido a falta de tempo em debater o conteúdo dos malotes, estes foram instruídos a responder aos mesmos individualmente, ou seja, sem que este fosse exposto a terceiros, mail list ou debates on-line. Esta medida foi tomada para a resposta aos malotes não fosse prolongada ou discutida em demasia.

A condição para receber os malotes sub-seqüentes, era entregar os malotes anteriores, sendo permitida a negociação de prazos com o comunicador.

Calendário

25 de Novembro: data limite da inscrição, mensagem de aceitação

26 de Novembro: envio do 1º malote

03 de Dezembro: resposta ao 1º malote e envio do 2º malote

10 de Dezembro: resposta ao 2º e envio do 3º malote

17 de Dezembro: resposta ao 3º malote

Nota: Estes prazos foram postergados em uma semana, para atender a alguns participantes com dificuldade de cumprir as datas mencionadas.

Orientações: O email de contato para esta lista é mumartins@hotmail.com, pertencente ao pioneiro Murillo Martins (São Mário, SP), que é o comunicador da coordenação do Plano responsável por esta lista. Qualquer dúvida ou problemas, este comunicador estará a disposição para a sua solução. Contamos com a sua colaboração, quer como o leal e irrestrito cumprimento das regras acima. Sem mais, muito obrigado!

d. 1º Malote da Lista de Jovens Consultados - O conceito de Liderança Jovem

Questões

1. Ao seu entender o que é (ou deveria ser) um jovem líder? Qual a sua função específica? Qual seria a participação de um jovem líder dentro de um GE, Região Escoteira ou Direção Nacional? O quanto esta participação seria importante para o Escotismo no Brasil, ou seja, o que estariam trazendo de novo, que positivas mudanças estariam promovendo?

2. Quais seriam os limites que diferenciariam o jovem líder, de pioneiros e escotistas? Quais as inevitáveis similaridades e até que pontos existiriam semelhanças nas definições entre as mesmas partes? Qualquer jovem entre 18 a 26 anos poderia qualificar-se com jovem líder? Caso contrário, que características, fatos, atribuições e posturas qualificariam um pioneiro ou escotista jovem como sendo também um jovem líder? Quais seriam as “não” definições e atribuições dos jovens líderes?

3. Quais seriam as estruturas e organizações necessárias para a atuação dos jovens líderes? Os fóruns deveriam ser mantidos, extintos ou reformulados? Onde estariam direcionadas suas orientações: nos fóruns, nas assembléias ou em ambos, com maior, menor ou igual relevância entre estes? Os jovens além de atuar junto às comissões e direções em todos os níveis, poderiam também constituir órgãos próprios?

4. Se você recebe-se a incumbência de redigir o POR e / ou o Estatuto da UEB, como seria o texto que definiria os jovens líderes, mediante sua opinião acerca dos questionamentos acima? Faça um texto genérico, ou seja, não é necessário diferenciar POR de estatuto.

5. Se julgar necessário, faça maiores considerações.

André Luís Claudino da Cunha “Poul” (Indaiá, SP) / 21 anos

O Jovem Líder é o membro ativo do Movimento Escoteiro, com idade entre 18 e 25 anos. Um jovem que tem interesse pelo coletivo, não visualizando e objetivando apenas o seu crescimento individual. Uma ferramenta qualificada, já que nesta idade estará se especializando em alguma área de conhecimento (faculdade), e não apenas um macaco treinado, segundo o pioneiro Michel. Tendo como função a integração do jovem ao mundo adulto.

Sua participação como membro do Grupo Escoteiro, no nível local, seria a de desenvolvimento de projetos para o grupo e não apenas para sua sessão, seja escotista ou pioneiro - visão coletiva. Participação da Diretoria ou organização geral do G.E., tanto na área de conhecimento quanto de afinidade, quer seja como voluntário, quer seja ocupando um cargo de confiança. Relato isto, pois sou um dos coordenadores das atividades comunitárias e faço parte da Diretoria Técnica e Diretoria de Operações - esta última com mais frequência. Em nível Regional ele pode fazer parte da Diretoria Regional diretamente, ou ser um ativista e comunicador, digo isto pois ele pode viabilizar projetos, ações, atividades em âmbito regional, como algumas vezes nós se SP já o fizemos. Já no Nível Nacional o seu “trabalho” seria o de estruturação do conceito, porque é no nível nacional que as decisões da OSI (Oficina Scout Interamericana) chegam, a partir daí estaríamos também estruturando os níveis regional e local, no nível nacional sairiam as publicações, informações e outros, também vejo um outro aspecto, o jovem começa a conhecer de perto a estrutura nacional do ME, e se por ventura ou merecimento fazer parte dela, toda esta participação e atuação do JL se tornaria um elo entre os jovens e os dinossauros, estaria o jovem falando sobre o que ele quer, já que o ele é o dono do ME, e na sua definição ele diz: “O Escotismo é um movimento educacional *de* jovens...”, promovendo assim, junto com o tão famoso MACPRO - Método de Atualização e Criação do Programa de Jovens, uma atualização do escotismo.

Como no início, volto a ressaltar o JL tem uma visão coletiva e não pessoal, ele não estaria preso as responsabilidades da uma sessão. As semelhanças existem, pois são da mesma idade, tem objetivos em comum, estão próximos fisicamente um dos outros.

Para se considerar JL, não basta ter entre 18 e 25 anos e ser do ME, ele deverá se auto intitular JL, chamar as responsabilidades para si, e encarar o que vier, não é a toa que se chama jovem “líder”, pois sempre existem aqueles que nasceram pra obedecer, seriam jovens de destaque, que sempre se importam com os acontecimentos, com situações, com a realidade que estamos passando.

Podemos pensar da seguinte forma: pioneiro - responsabilidades e atribuições do clã.; escotista - responsabilidades e atribuições da sessão; JL - além destas acima, a visão do coletivo, a liderança, transpondo as barreiras.

Um ponto importante é o que Não caracteriza ou define o JL: aquele que não se preocupa com o coletivo; aquele que não se sociabiliza com outros JL; aquele que não aceita novas opiniões.

Quanto a organização, ai se torna algo difícil, pois vimos que o sistema atual dos fóruns não esta tão legal assim. Para esta organização eu optaria pela reformulação dos fóruns, pois são momentos em que estamos juntos e ai poderemos aproveitar para discutir, orientar, direcionar os trabalhos dos JL, eles deveriam ter um objetividade

maior, um programa interessante que pudesse ser eficaz, tanto nos fóruns, assembleias ou em outro tipo de denominação que venha a ter, sem distinção de importância, pois quem participar de um deles deverá estar inteirado do assunto. Sinceramente não sei se seria interessante constituir outros órgãos, pois teríamos que ter uma legislação, documentação e outras burocracias par tal, creio eu que a estrutura como temos hoje é interessante, pelo menos pra nós de São Paulo, pois temos o Fórum Regional Pioneiro e de JL, participamos ativamente de atividades como JL e assim representamos a Região como JL. Não sei se ficou meio confuso.

Simplificando deveria ter um programa melhor, tomara que essa Rede tenha este programa, e que nas outras regiões escoteiras eles possam desenvolver também o tema, pois com certeza temos o apoio da região.

Adriano Silveira Zanetti “Black” (Raposos Tavares, SP) / 21 anos

1. O jovem líder na minha concepção é um dos elementos fundamentais na formação, planificação e aplicação do escotismo no Brasil. Não existe uma função específica para tal (isso é o que deve ser amplamente discutido) e portanto, não é possível conceitua-lo. A participação do jovem pode ser inserida em todo o processo decisório (mas em todo mesmo), não só porque é jovem e porque vivenciou uma série de experiências reais (não teóricas!) dentro da sua patrulha e seu clã, e sim porque ninguém mais do que eles sabem o que é melhor para o Movimento. Baseado nesse pensamento, tudo (em termos) que o jovem fosse acrescentar ao conceito e ao que se relaciona à tomada de decisões no escotismo deve ser visto com olhos críticos também, mas deve-se dar o devido reconhecimento para o trabalho e fazer-se discussões sobre os temas propostos. Como foi dito, toda a proposta de mudança quando parte do próprio beneficiário, é extremamente positiva e fundamentada em vivências.

2. O limite é um tanto tênue, quase não existe. Justamente porque a faixa etária de ambas as categorias (exceto a idade de clã pioneiro que é mais curta), passam pela igualdade. O que pode determinar a diferença são algumas atribuições dadas aos cargos que cada um exerce dentro do escotismo, mas também, o fato de ambos participarem do processo decisório através de assembleias de grupo e em todos os seus níveis, podem classificar-lhes como jovens líderes.

Através desse conceito, qualquer jovem que se prontifique à fazer e decidir sobre o seu grupo e seu movimento, torna-se um jovem líder. Essa questão das “não” definições e atribuições, quanto ao jovem líder, devem ser amplamente discutidas, não é possível emitir uma resposta imediata.

3. O jovem líder deve basicamente atuar dentro do seu próprio grupo escoteiro através de um grupo formado por elementos, de preferência, com experiência prática no escotismo, mas como o processo decisório não é tomado feito apenas em nível local, as regiões escoteiras (à exemplo o RS que possui uma diretoria Junior) devem inclui-los na sua chapa, através de cargos de diretoria ou de trabalho. Os fóruns são os mais importantes veículos de informação e troca de experiências, por isso, não devem ser extintos. O que pode-se dar à eles, é uma nova metodologia de trabalho. O que acontece às vezes, é o não cumprimento de certas definições estipuladas e isso faz com que ele perca crédito perante, até mesmo, aos próprios jovens.

4. Conceito: São os jovens com idade de 18 à 25 anos que participam amplamente do Movimento Escoteiro e que participam do processo decisório em todas as instâncias.

Missão: O escotismo é um movimento feito de jovens para jovens. Nada mais certo que o processo de o próprio jovem opinar e decidir, no que diz respeito ao seu próprio desenvolvimento. Portanto, deve-se desde o início da vida escoteira, ambientá-los à saber diferenciar o que cabe à eles e o que cabe aos adultos, para que quando cheguem nessa fase, apresentem um alto grau de maturidade na apresentação e aplicação de suas idéias.

Formas de atuação: O jovem líder tem como responsabilidade, o desenvolvimento da democracia dentro do seu grupo. Através de discussões, fóruns e debates desenvolver esse hábito desde o lobo até o próprio jovem líder.

Para outras definições em um nível maior, são realizados fóruns regionais, nacionais, interamericanos e mundiais sobre o tema. Nesses fóruns são discutidas as atuações do jovem líder em todos os níveis e todas as experiências que os envolvem. Através desses mecanismos, o jovem líder fica familiarizado com todo o processo político que envolve o Movimento Escoteiro.

Clóvis Henrique Leite de Souza (Marechal Rondon, DF) / 20 anos

1. Jovem Líder em um sentido mais amplo seria todo aquele jovem que se interessa pelos assuntos de sua comunidade, no caso comunidade escoteira. Seria o agente de transformação de uma realidade. Digo isto, pois uma limitação de idade muitas vezes nos priva de contribuições significativas. Conheço pessoas que com menos de dezoito anos têm opiniões e maturidade mais relevantes que muitos pioneiros e jovens chefes.

Como disse, o jovem líder é um agente de transformação em sua comunidade, seja ela local, regional, nacional ou internacional. Agente esse que é capaz de influir nos processos decisórios e de assumir responsabilidades nos trabalhos. Sou contra a denominação jovem líder para representar pessoas de uma faixa etária específica. Acredito que devemos estimular as lideranças desde a base. Devemos ouvir a opinião dos jovens quando são realmente jovens e não quando viram chefes e passam a poder fazer parte da “cúpula” de uma organização que se diz *de e para* jovens, mas no entanto acontecem muitos desvios da proposta.

A partir do momento que começarmos a ouvir os jovens estaremos fazendo deste movimento um espaço de participação e cidadania. O que os jovens podem trazer de novo? Atitude. Se conseguirmos trabalhar uma atitude de liderança e participação estaremos formando cidadãos mais conscientes. E não importa se o rapaz ou moça não se interessam pelo futuro da UEB. Acredito que temos que olhar para a comunidade, agora a não escoteira. Se o jovem está sendo líder em sua escola, seu grupo de amigos, etc. o movimento escoteiro atingiu o objetivo de formar líderes. Não queremos líderes para ficar discutindo o MACPRO ou o POR, queremos líderes que discutam as grandes questões nacionais e influam no processo mais amplo, ou seja em seu bairro, sua cidade, seu estado, seu país e seu planeta.

2. Acredito que na resposta anterior respondi alguns desses questionamentos. Limite? Atitude. Se o jovem é líder com menos de 18 anos e está interessado no processo decisório, por que não inseri-lo no processo? Certamente irão dizer que falta maturidade e etc. Eu discordo, mas sei que minha opinião é vencida, portanto proponho que as pessoas criem espaços destinados aos jovens de verdade e não aos pseudo-jovens. Se tivermos espaços para os jovens e esses fóruns não sejam descartados o objetivo pode

ser alcançado. O que acontecia e continua acontecendo é que a opinião do jovem é considerada em segundo plano, é irrelevante. Se tivermos consciência e aceitarmos as opiniões dos jovens faremos um escotismo melhor.

Não há como qualificar-se jovem líder. Há como qualificarem uma pessoa como jovem líder. Uma pessoa não se diz líder, ou ela lidera ou não. E nem sempre os que estão na frente supostamente representando as bases estão sendo líderes. Atitude é o que diferencia. Por que um escoteiro que faz projetos em seu grupo não pode ser considerado um jovem líder? Só por que não está com a idade necessária? E por que o jovem de 20 anos que está em todos os fóruns é líder se ele não se interessa por nada além de uma boa farra com os amigos?

Se o jovem não está tem interesse em assumir um cargo ele deixa de ser líder? Será? Temos que encarar nossa máquina (UEB) como algo extremamente burocrático e alheio ao mundo jovem. Quem se interessa por isso está de parabéns, mas os jovens que não se interessam e estão engajados em outras causas também nobres têm seus méritos. Acho que definição de jovem líder eu já falei e as atribuições? Nada deve ser imposto. Se o jovem quer fazer parte do processo devemos estimular, mas nunca obrigar. Temos que tornar a instituição mais atraente à juventude se é que realmente queremos a participação. As atribuições em nível local, regional e nacional devem surgir com o interesse. Se a pessoa quer assumir o cargo e têm condições, deixemos. O que garante que quem tem mais idade pode fazer melhor? As atribuições devem surgir como nas patrulhas com os interesses e habilidades dos jovens. Cabe a nós estimularmos e tornarmos o processo menos desinteressante.

3. Acredito que órgãos próprios não seja a saída mais prudente. Isso cria separação e aumenta o estigma. Uma diretoria regional jovem correndo paralela a uma adulta, na minha opinião só corrobora para o desinteresse por parte dos jovens. Que adianta os jovens decidirem algo se eles não têm legitimidade. Se o jovem quer ser um diretor, concorra com o adulto ele deve estar em pé de igualdade. Talvez equidade seja o melhor termo.

Para a participação juvenil devemos reformular os espaços, torná-los mais atraentes. Além disso os fóruns devem ter algum poder de decisão senão perde o sentido. A criação de fóruns locais, regionais e nacionais é uma boa. Temos que colocar os jovens, em todas as idades, para participar do processo decisório. Assim estaremos atingindo objetivos prescritos no projeto educativo da UEB.

4. Essa é a pergunta mais difícil. Não acredito em um conceito, até porque cria um. O tema é amplo demais. Nunca chegaremos a fórmula pretendida, mas... Jovem líder é o jovem capaz de agir em sua comunidade, seja ela escoteira ou não, e transformar positivamente as realidades.

Essa foi a definição em que acredito. Essa aqui é para o POR... Jovem líder é o membro juvenil (7 a 21 anos) que participa de forma positiva dos processos decisórios locais, regionais e nacionais.

Dennys Rodrigues Oliveira (José de Anchieta, DF) / 22 anos

1. Um jovem líder é aquele jovem adulto que começa a se envolver com a política e com os mecanismo de tomada de decisão de todos os níveis da UEB. Pode ser tanto um pioneiro quanto um escotista mais jovem. É importante lembrar que não se constituem em um ramo, isto é, não existe um programa de jovens voltado para eles. O seu papel no

GE, na Região e na Direção Nacional é o mesmo de outros adultos, ou seja, pioneiros ou escotistas ou dirigente, participando das Assembléias, Diretorias e Comissões. As funções desempenhadas pelos jovens líderes e pelos demais adultos são as mesmas. O escotismo oferece uma potencial comunidade de aprendizado de jovens e adultos, trabalhando juntos em uma parceria de entusiasmo e experiência. Os jovens têm ainda o privilégio de contarem com organismos (fóruns, rede de jovens) onde aqueles que não têm experiência no desempenho das funções possam se preparar, através da prática, para o debate, o exercício da liderança, a argumentação e daí servir melhor à UEB.

2. Os pioneiros ainda são membros juvenis e portanto usufruem daquilo proposto no projeto educativo do ME. Os escotistas auxiliam na aplicação do projeto educativo. Os jovens líderes, sejam eles pioneiros ou dirigentes, vão colaborar na elaboração de políticas e estratégias e aplicação das mesmas em todas as áreas, seja o próprio programa de jovens, as diretrizes para a gestão de recursos adultos e outros. Em princípio, todos os jovens situadas dentro da faixa etária definida pela UEB como sendo a idade dos jovens líderes, podem ser um jovem líder. Depende exclusivamente de sua vontade, se ele deseja se envolver no processo decisório ou não. Não é todo mundo que tem interesse em participar das tomadas de decisões e, embora essa participação deva ser estimuladas, não é obrigatória. A postura dos jovens deve ser a de mostrar nas Assembléias e demais órgãos da UEB, a visão que os jovens têm do problema e assuntos em discussão na atualidade e mostrar as soluções ou sugestões dos jovens para eles. Os jovens líderes não devem ser encarados como um ramo e, qualquer que seja a sua forma de representação, esta deve ser usada para levar as contribuições dos jovens para a melhora do escotismo brasileiro e não para reivindicar algo para si.

3. Os jovens devem constituir órgãos próprios, tal qual o fórum nacional de jovens líderes, porém apenas como órgão consultivo e deliberativo, como mais um mecanismo de auxílio às Direções (*lato sensu*, não apenas diretorias). Acho que deveria continuar existindo o fórum nacional de jovens líderes, como sendo uma ótima oportunidade, um ótimo momento para haver debates, presenciais, onde os jovens podem aprender como participar nas assembléias. Concordo também com a idéia de uma rede de jovens, permanente, funcionando ininterruptamente ao longo do ano, porém sem a substituição do fórum por ela. Penso ainda que esta rede serviria como um mecanismo para que seja dado prosseguimento às recomendações do fórum, de uma forma melhor e mais sistemática do que o previsto no atual regulamento do fórum (atualmente a mesa diretora tem essa função). Para que os fóruns realmente produza boas contribuições é necessário que conte com apoio da Direção Nacional, no sentido de sugerir temas de relevante interesse no momento e de fornecer, com antecedência, material para análise e discussão no fórum sobre estes temas e sobre algum outro tema que o fórum tenha interesse em discutir. Os fóruns poderiam ser ferramentas valiosíssimas nos processo de adaptação à realidade local de instruções dos níveis superiores, ou seja, o fórum nacional ajudaria à adaptar a política interamericana e mundial e os fóruns regionais ajudariam à implantar a política nacional.

4. Jovem Líder é aquele jovem adulto, com idade compreendida entre 18 e 26 anos, que tem o direito de participar do processo de tomadas de decisões em todos os níveis e órgãos do Escotismo Brasileiro.

A participação dos Jovens Líderes nos demais órgãos da UEB, não destinados exclusivos à ele, deve ser valorizada e incentivada, uma vez que o Escotismo também de jovens e não apenas para jovens.

5. Devemos sempre ter em mente que qualquer que seja o mecanismo para a organização dos jovens líderes, ele deve ser definido em conjunto com os jovens.

Devemos lembrar que qualquer sugestão ou decisão vindo de níveis mais altos, seja interamericano ou mundial, deve ser analisada e adaptada para a realidade nacional, somando-se com o já existente, caso esteja funcionando bem. Não devemos simplesmente engolir as coisas e aplicá-las sem digerir, em razão de objetivos políticos ou simplesmente porque veio de nível acima.

Ilvia Oliveira (Goyaz, GO) / 25 anos

1. Um jovem líder é um jovem adulto que está interessado e se preparando para exercer ou que já exerce liderança no Movimento Escoteiro. Não acredito que tenha função específica e sua participação dentro de unidades locais, Região Escoteira ou Direção Nacional são as mesmas dos outros adultos do Escotismo, sendo que por estar iniciando sua formação ou estar se preparando ainda lhe falta um pouco de discernimento e experiência. Mas talvez em função deste fator, sua participação seja importante, pois os mesmos irão trazer suas dúvidas, questionamentos e novidades, fazendo com que haja sempre reflexão sobre o que acontece no Movimento Escoteiro. Acredito que no momento em que aprende ele contribui.

2. Não acredito que exista algum tipo de diferença entre jovem líder de pioneiro ou escotista. Ninguém é apenas jovem líder. O que ocorre é que alguns jovens se interessam mais do que outros ou têm mais possibilidades do que outros para buscar mais meios de se desenvolver dentro do Escotismo. Qualquer jovem entre 18 e 26 é um jovem líder, não vejo qualificação para se tornar um. Existe sim um fator de representatividade em atividade específica para os mesmos, no caso do Fórum hoje em dia, mas isto acontece com os outros adultos da UEB quando elegem seus delegados.

3. As estruturas e organizações para a atuação dos jovens se encontram no Programa Escoteiro, como também na Programação. A formação dentro do ramo pioneiro e a formação possibilitada por cursos, as atividades locais, regionais, nacionais ou internacionais são os meios formadores. Acredito que os Fóruns sejam um destes meios, mas para continuar existindo deveriam ser reformulados. Perde-se muito em um Fórum quando um jovem deixa de participar de um Seminário para estar presente no mesmo. Em relação a formação de constituição de órgãos próprios, não vejo propriedade neste assunto, já que ser jovem líder não é fazer parte de um ramo específico e sim estar passando por uma transição e crescimento como adulto.

4. De acordo com minhas opiniões acima, não seria capaz ou seria mesmo não haveria necessidade de construir um texto especificando o que é um jovem líder, pois não consigo apresenta-lo de maneira dissolúvel. Ele não deixa de ser nada por ser jovem líder. Mas poderia dizer que: Um jovem líder é um jovem adulto, com idade entre 18 e 26 anos, que se prepara para exercer plenamente sua capacidade de liderança, consciente de sua participação no processo de desenvolvimento do Escotismo e Sociedade.

Guilherme Fassy Santos “Índio” (Lagoa do Nado, MG) / 23 anos

1. Um jovem líder seria aquele que viveu o suficiente no escotismo e, portanto, tem experiências a compartilhar. Sua atuação seria unir o que já aprendeu, buscando os cursos de formação para trabalhar e ajudar no desenvolvimento do escotismo de maneira mais consciente, sem o vínculo direto com uma tropa. Isso permitiria a ele mais tempo para auxílio no desenvolvimento de projetos e uma atuação que pode ser útil tanto às várias seções de um grupo quanto a uma atividade setorial ou regional, de maneira que esse potencial não deve ser negligenciado, muito menos banalizado. Acredito também que é dever do jovem líder estar atento às necessidades do movimento e, sabendo contribuir, não se alienar quanto às questões burocráticas do movimento, suas leis, estatutos, POR, etc. Para falar é preciso conhecimento de causa, não apenas hormônios em fúria.

2. O jovem líder ao meu ver busca atuar e não ser um membro passivo do movimento. Do contrário, sua experiência de nada valeria a não ser para fazer vista e colorir o uniforme, o que ao meu ver tem acontecido com vários escotistas (vide distintivos para cursos de formação). Sinceramente não vejo o porquê de alguém ter a alcunha de “jovem líder” se não utiliza sua experiência em prol do movimento. Vejo como a diferença principal entre pioneiros, escotistas e jovens líderes essa preocupação “global” (desculpem, foi difícil encontrar outra palavra) que diferencia o limite de atuação de todos. O jovem líder não pode se prender apenas às questões de grupo, região, país. Mesmo que suas atividades só aconteçam na sua cidade. Sei que existem pioneiros e escotistas que raciocinam assim. Isso é louvável. Acredito que os jovens líderes deveriam ser assim denominados a partir do momento em que se desvinculam do clã (o que não os impediria de maneira alguma de trabalhar em conjunto, muito pelo contrário, vejo aí as melhores parcerias, com toda certeza) em função da autonomia e das responsabilidades, principalmente posturas críticas que podem assumir sem “queimar o filme” de ninguém além deles mesmos, ou seja, seus atos e suas conseqüências não serem questionados como um levante, uma rebelião de jovens e outras coisas do tipo, das quais já fui acusado. Estes casos específicos caem no grupo como uma bomba e em nada ajudam ao desenvolvimento do clã. Defendo então a divisão das idades, jovens líderes de 21 a 25/26 anos e pioneiros de 18 a 21.

3. As dificuldades encontradas em cada região e em cada setor diferem na maioria das vezes. Em Minas isso é tão visível que se discute uma separação de regiões dentro da região (ex: Zona da Mata, Triângulo, Centro, etc). Vejo como uma maneira positiva a constituição de órgãos próprios, como as comissões regionais pioneiras, mas uma diretriz maior deve existir. A verdade é que não adianta se discutir a relevância de fóruns ou assembleias se os assuntos levantados ou levados a elas são de menor importância. Não há como fiscalizar se as definições de uma reunião desse porte estão sendo implantadas, a começar pelo fato de que muitas vezes o jovem realmente atuante não tem condições financeiras de ir ao fórum setorial, regional e a assembleia nacional. As decisões importantes morrem na praia, quando não morrem no caminho. Devem existir os fóruns setoriais, agora, acho importante buscarmos a solução deste problema, mesmo que seja de maneira informal. Devemos discutir com todos como tornar as atividades acessíveis (desvinculando da assembleia 5 estrelas nacional?) e ao menos criarmos um meio para que as definições setoriais circulem. Proponho um fórum permanente de discussões, que pode funcionar pela rede e ser afixado nos escritórios ou ser despachado

aos grupos. Assim poderemos entender as diferentes realidades de cada região do país e nos organizarmos melhor, antes de partirmos para uma atividade de jovens líderes de maior porte. Mas entendo como uma necessidade uma atividade própria do ramo(?), haja visto que não existe legislação em nosso favor e sim uma adaptação porca da realidade. Os jovens líderes vivem no limbo do escotismo.

4. “Ao completar 21 anos o jovem conclui sua passagem pelo clã de pioneiros e inicia sua última etapa como membro juvenil. Passa então a ser chamado de jovem líder e sua atuação não se restringe apenas as funções no seu grupo escoteiro. Além de trabalhar na sua formação como futuro escotista, o jovem líder busca auxiliar em projetos e atividades, de sua autoria ou não sendo em nível setorial, regional ou nacional, contribuindo com sua experiência no crescimento e desenvolvimento do movimento escoteiro em todas as suas seções. O jovem tem a *opção* de se tornar escotista caso queira ou ache necessário. Sua atuação se desenvolve dos 21 aos 26 anos de idade, quando ao completar a idade máxima termina sua jornada como membro juvenil do movimento escoteiro”.

Juliana Tiburtius (Príncipe de Joinvile, SC) / 20 anos

1. Definir jovem líder creio que seja ainda mais difícil para mim do que para os outros que compõem este grupo de discussão, pois no meu estado (SC) não se usa esse termo. Depois de participar do Rover Moot em SP, em 1998, foi que eu comecei a me familiarizar com esse termo. A minha definição sobre jovem líder se baseia muito no que eu presenciei nas atividades que participei fora do meu estado e as conclusões boas e ruins que tirei.

Bem, eu entendo jovem líder como sendo jovens de 18 a 26 anos, que participam do Movimento Escoteiro sendo pioneiros ou já assistentes/chefes. Estando enquadrado nos quesitos acima, um jovem líder pode participar de Fóruns regionais e nacionais.

Função: O jovem líder, que ainda é pioneiro tem o programa (quase) definido e após 21 o jovem tem que se decidir em que seção quer ficar ou se afastar do movimento.

Sei que muitos jovens acabam sendo assistentes e até chefes logo após os 18 anos, assim que saem da tropa sênior. Na minha opinião um jovem de 18 anos não tem a plena capacidade de se responsabilizar pela educação de outro jovem, quase que nem ele. O jovem líder dentro do GE pode se tornar um ótimo assistente nas seções mas tem muito a contribuir ainda dentro do clã ainda, não mais como pioneiro mas auxiliando na formação de idéias, fazendo parte de debates, em ocasiões distintas, como convidados. Creio que um jovem líder que já passou da idade de pioneiro ainda tem muito a compartilhar com os pioneiros que estão começando a criar suas próprias idéias, seus próprios objetivos de vida e começando uma vida diferente, tendo que começar a correr sozinho atrás de metas como passar no vestibular, fazer uma faculdade e até mesmo começar a trabalhar. Digo isso porque no meu GE, quando um jovem líder completa 21 ele acaba se desvinculando totalmente do clã, fato que eu lamento. Isso pode não ocorrer em todos os clãs, mas no meu praticamente todos os “velhos” pioneiros saíram quase ao mesmo tempo, sendo que os que recém chegaram se sentiram perdidos e sem motivação.

Já na região escoteira, um jovem líder está numa idade que *pode* ter uma melhor visão do Movimento Escoteiro e tem uma realidade mais próxima à dos jovens sendo que muitas vezes não tem oportunidade de se expressar.

Em Assembléias regionais deveria se dar uma maior preferência para que o jovem líder participe, mesmo só como ouvinte, para que comece a formar opiniões próprias e tenha argumentos para fazer parte de discussões/debates posteriormente. Pelo menos em SC, 99% dos participantes dessas atividades são escotistas antigos no GE, como se um jovem de 20 anos não tivesse nada a acrescentar. Na Assembléia desse ano aqui em SC, eu fui a única pioneira que participou e mesmo assim por indicação do chefe de grupo. Eu creio que isso aconteça em muitos GE, onde os pioneiros participam pouco das reuniões e assembléias de grupo. Eles, apesar de ainda serem membros juvenis, já são jovens líderes e tem o dever de participar mais do processo decisivo à nível de grupo, região e nacional. Creio que ambos os lados podiam melhorar suas condutas, os jovens líderes mostrando um maior interesse e os GE incentivando-os.

Agora, função específica dentro do GE, região, creio que não há necessidade pois esse procedimento desvincularia jovem líder de pioneiro e/ou escotista, e não vejo que seja assim que deve funcionar.

2. Como eu já disse acima, um jovem líder pode ter de 18 a 26, sendo pioneiro ou escotista, sem diferenciações.

3. Não vejo a necessidade de se criar organizações ou órgãos próprios para jovens líderes (já mencionado acima), mas sim de se criar uma postura diferente dentro do próprio GE e região. Uma postura em que o jovem que tem até 26 anos já tem experiências e opiniões fundamentadas suficientes para poder compartilhá-las em uma assembléia ou congresso.

4. Bem, me baseando no que eu escrevi acima, Jovem Líder é o jovem de 18 a 26 anos, inscrito na UEB, sendo assim participa do Movimento Escoteiro, sendo pioneiro ou já assistente/chefe de alguma seção dentro do seu GE.

Fernando Koyama Correia (Amizade, SP) / 20 anos

1. Em primeiro é claro, um jovem líder teria que ser um jovem, em segundo, uma pessoa consciente de seus deveres e responsável. A função de um jovem, “é ser jovem”... Ele teria participação em todos os lugares, como uma pessoa que estaria mostrando para os adultos seu ponto de vista, o que achamos melhor para os nós jovens, dando idéias, ajudando no setor que estiver precisando usando de seus conhecimentos tanto de escotismo como profissional. Não conseguiria dizer o quanto isso seria importante, nem o que isso poderia trazer de novo, talvez, não traria nada de novo, somente estaríamos ajudando a melhorar o que já existe e se todos aprenderem a ouvir e falar, poderemos proporcionar várias mudanças que ajudariam no desenvolvimento, pois assim, estaríamos sempre com idéias novas, novos programas, programas que os próprios jovens bolaram e executaram.

2. Se não me engano, esses limites estão contidos no POR, mas pessoalmente, não vejo limites entre um jovem líder e um pioneiro, pois o pio estará nessa fase de transição e é considerado um jovem, o que se deve observar, é se ele está preparado para participar de discussões e ser responsável. Já os escotistas, já começam a se criar uma certa barreira, possuem muitas vezes, uma visão diferente, mas podem ajudar com a experiência que já possuem, dizendo o que pensam e o que acham de nossas idéias. Sim, qualquer jovem pode se achar jovem líder.

3. Seriam uma estrutura e organização jovem, com conceito de jovens, feita por discussões entre jovens, onde teríamos que pensar no que exatamente o jovem queira atuar, qual será nosso objetivo... Os fóruns deveriam ser reformulados, existem muitos detalhes a se acertar, começando pelos assuntos discutidos. Os jovens deveriam participar dos dois eventos, são dois pontos diferentes, onde devemos ajudar de todas as formas. Não vejo necessidade nenhuma da construção de órgãos somente de jovens, o que temos que fazer, é nos unir aos mais velhos e ajudá-los da melhor maneira possível a melhorar o programa do escotismo do Brasil.

4. Os jovens líderes, possuem idade entre 18 e 23 anos (pode ser até 25), onde pioneiros e escotistas podem fazer parte. Os jovens líderes devem participar das Assembléias para que possam apoiar e criticar as idéias sugeridas por todos, além de levarem suas propostas para que possam ser votadas. Propostas essas, pelas quais surgem no Fórum, que são feitos anualmente e que são elaboradas por vários jovens do Estado.

Letícia Vargas de Oliveira Brito (44, RJ) / 21 anos

1. Um jovem líder seriam jovens de 18 a 26 anos, de acordo com a definição proposta pela 33ª Conferência Mundial, com a função específica de adulto participante do Movimento Escoteiro, devidamente registrado e cumprindo com suas funções, além de interessado na Tomada de Decisões do Movimento. A participação de um jovem líder no Escotismo em todos os níveis deve se dar de acordo com seu interesse, participação e capacidade para os possíveis cargos ou encargos. Tal participação seria importante para o Escotismo no Brasil uma vez que mantém um movimento de jovens, interessados e participativos auxiliando na propagação do Escotismo, além de beneficiar também a estes jovens que amadurecem e aprendem enquanto trabalham em suas funções específicas, e aprendem não somente para o escotismo mas para a cidadania e vida em geral, uma vez que o processo de tomada de decisão ocorre também na vida política de todo indivíduo.

2. Jovens líderes podem ser pioneiros e/ou escotistas, uma vez que de 18 a 26 anos podem se enquadrar em uma ou outra situação. As similaridades podem ocorrer entre o Ramo Pioneiro e os jovens líderes uma vez que o pioneiro atuante também acaba por se interessar sobre a tomada de decisão do movimento escoteiro, porém o jovem líder não é um ramo e tampouco está sujeito ao programa do ME, o aprendizado ocorre mas não há um projeto pedagógico para que este ocorra com tais jovens especificamente, esta seria a diferença vital entre o ramo pioneiro e os jovens líderes: o escotismo tem um compromisso moral de formar o pioneiro, mas não tem este compromisso para com os jovens líderes, seria esta então a transição da fase jovem para a fase adulta. Quanto a ser escotista ou dirigente, nada mais normal, porém nem todo jovem entre 18 e 26 anos é um jovem líder. Para ser jovem líder é necessário ser um jovem atuante e interessado nos rumos e processos democráticos do ME, interessar-se e atualizar-se sobre o que ocorre em assembléias e congressos, além de querer sempre o melhor para o escotismo. Não seriam definições e/ou atribuições dos jovens líderes querer torná-los um ramo, ou minimizar suas funções ou atribuições com a justificativa de que são jovens demais.

3. As estruturas e organizações necessárias para a atuação dos jovens líderes seriam as já existentes, com um pouco mais de incentivo e abertura para que os JL possam participar de todas as comissões existentes em todos os níveis. Os fóruns deveriam ser

mantidos, ainda em formato de assembléia pois é este formato que amadurece e ensina aos jovens preparando-os para sua futura participação e atuação nas devidas assembléias, mas deve haver também um momento de debate e crescimento sobre diversos temas, o fórum deve ser um evento prévio da assembléia mas também deve ser uma simulação desta, de maneira real e consciente. As orientações dos jovens líderes devem estar sempre voltadas às assembléias, porém os fóruns são também um incentivo para jovens que nunca se interessariam por uma assembléia. Fóruns são, portanto um incentivo para os JL mais novos, um aprendizado e um respaldo para os que passam a viver as duas situações e um local para expor temas e incentivar os mais novos por aqueles que já não mais precisam deste como aprendizado.

Os JL devem atuar em comissões em todos os níveis, mas constituir órgãos próprios não me ficou muito clara esta questão, mas é bom tomar o devido cuidado com órgãos constituídos somente por JL, uma vez que o objetivo é aprender e não somente “tomar o poder”, JL podem constituir órgão sozinhos, desde que estejam devidamente preparados para tal, não objetivando somente descartar os mais velhos, a opinião destes deve sempre ser bem vinda e respeitada.

4. Jovens Líderes são jovens de 18 a 26 anos, podendo ser membros jovens ou adultos do Movimento Escoteiro, devidamente registrados na UEB, participantes nos diversos níveis do Escotismo e interessados no Processo de Tomada de Decisão do ME, tais como Assembléias, Fóruns, Conferências etc.

5. É importante que o conceito de JL esteja bem claro e seja bem difundido de forma a não diferenciá-los totalmente dos adultos participantes do processo de Tomada de decisão.

Rodrigo Assis Bastos (Raposos Tavares, SP) / 23 anos

1. Jovem líder seria aquele escotista/pioneiro preocupado em transformar a realidade em que o escotismo vive em todos os níveis GE, Região e Nacional. A participação deste jovem dentro do grupo seria dupla, uma em sua função original (escotista, pioneiro etc...) e outra como um representante deste grupo de pessoas (jovens líderes) interessados, motivados e com visão para a mudança. Dentro da Região e da Nacional haveria um grupo trabalhando por idéias e projetos e seriam levados a cabo por esses jovens em cada GE. As mudanças seriam transformar o nosso escotismo de hoje em uma instituição educacional moderna, maior e conectada com a realidade brasileira.

2. Acredito que a possibilidade de atuar em uma função dupla existe mas dentro de certos limites de comprometimento em cada uma das funções, é impossível fazer tudo ao mesmo tempo. Ficaria até perigoso estabelecer uma obrigatoriedade na função única como jovem líder pois estaríamos criando um outro ramo. As diferenças ficariam na postura de líder comprometido com a transformação e aceito pelos seus colegas escotistas dentro do GE. Por isso que um poderia ser, contanto que ele demonstre essas posturas. A não definição de jovem líder seria aquele não esta aberto para as mudanças que acredita que do jeito que era feito na época de BP estava bom e ainda por cima é desacreditado pelo seus colegas.

3. Seria simples para evitar a burocratização que permeia a nossa vida, dentro de cada GE existiria um Jovem Líder responsável por ser o interlocutor daquele grupo escoteiro, a região possuiria uma equipe responsável pela criação e desenvolvimento de

projetos, a Nacional teria uma central com o objetivo de reunir idéias e disseminá-las. Os fóruns deveriam ser mantidos até que se estabelece uma melhor maneira de reunir pessoas em volta de um ideal (talvez utilizando as novas tecnologia de comunicação). Os jovens líderes deveriam também ter vez nas assembleias. É claro que sim.

4. Jovem Líder: Todo aquele membro do movimento escoteiro entre 18-26 anos que é reconhecido dentro de seu GE, ou Região como um líder que trabalha em prol do movimento desenvolvendo projetos com outros jovens líderes dentro ou fora de seu GE.

e. 2º Malote da Lista de Jovens Consultados - O Escotismo Brasileiro

Estas questões discorridas abaixo não possuem ligação direta ao Plano 2001, porém, servem para avaliarmos a opinião crítica que estes tem do Escotismo Brasileiro, de acordo com sua postura de jovens líderes.

Questões

1. Quais são na atualidade as principais carências e necessidades do escotismo brasileiro? Cite no máximo dez, estando á vontade para tratar de programa, ramos, políticas, recursos adultos, institucional e até mesmo fatos históricos.

2. Quando possível, aponte como seria a participação dos jovens líderes quanto estas questões. Neste contexto, você entende que a atuação dos jovens líderes deve restringir-se ao campo político (assembleias e / ou fóruns) ou aplicar-se em ações praticas e funcionais?

André Luís Claudino da Cunha “Poul” (Indaiá, SP) / 21 anos

Sentimento: hoje é tudo automático, mecânico, não se tem mais aquele prazer de ir a sede, de realizar qualquer tarefa, parece que se é obrigado a ir a sede, a fazer ação comunitária. Quanto a isso vai do chefe/JL, ou quem seja, cativar os membros juvenis e os adultos para que isto se torne tão prazeroso para quem dá a atividade, tanto para quem recebe a mesma. Isto só o tempo dirá ...

Programa: espero que com esta nova proposta de programa de jovens, que iniciou no Ramo Lobo, possa dar certo, que o MACPRO possa atualizar o escotismo.

Mídia: para a sociedade, somos aqueles que vendem biscoitos, e ajudam as velhinhas, devemos mostrar e conscientizar a sociedade sobre o objetivo do escotismo, de educação e formação do caráter, do bom cidadão. Deveria ser desenvolvido um plano de mídia, onde entraríamos como os divulgadores da idéia “Mais Escoteiros, Melhores Cidadãos.”

Qualidade: e não apenas quantidade.

Clóvis Henrique Leite de Souza (Marechal Rondon, DF) / 20 anos

1. São inúmeras. Começemos com a UEB voltada para si. Sem uma preocupação com a comunidade, teremos um escotismo cada vez mais distante da realidade. Como podemos ficar tão preocupados com nossos problemas e esquecermos de estarmos inseridos na sociedade? “Escotismo Voluntário”, isso é hipocrisia. Escolher esse tema apenas para estar nos distintivos não adianta nada.

A UEB é uma instituição? A meu ver é um clubinho fechado que não se afirmar e não se mostra. Inúmeros eventos e oportunidades para estar presente como representante do maior movimento de jovens do planeta, porém no Brasil é um movimento fraquíssimo e sem perspectivas. Somos uma ONG? Precisamos de aprender com elas. Precisamos de ser, ao menos, instituição forte

Adultos. O Problema são eles. Mal preparados, prepotentes e etc. É o que mais há. Precisamos de *Educadores* para sermos movimento educacional e não de chefes.

União. Acho que é o que mais falta em nossa UEB. Estados inimigos, adultos se odiando. Isso não é política e sim politicagem. Em muitos aspectos somos piores que nosso Congresso Nacional. O pior é que todos prometem seguir as leis escoteiras e *Servir* a UEB. Onde estão esses adultos?

A meu ver o programa de jovens vai bem. Precisamos de mais material de suporte. A transição tem sido muito demorada.

Precisamos da participação de mais jovens nos processos decisórios. Precisamos de mais jovens. O crescimento é uma meta há alguns anos. Onde está?

Aspectos que me recordo sobre a UEB. Existem outros, mas esses são os principais ao meu ver.

2. Em todas as carências e necessidades os jovens devem atuar como agentes de transformação. Eles precisam atuar na parte funcional, é onde faz a diferença. E se quiserem devem ter espaço para atuar também no campo político.

Dennys Rodrigues Oliveira (José de Anchieta, DF) / 22 anos

1. Efetiva aplicação do MACPRO, ou seja, atualização realmente contínua do Programa de Jovens;

Diretrizes Nacionais para a Gestão de Recursos Adultos - reformulação de alguns aspectos (cursos comuns a todos os ramos, programações dos cursos pré-definidas etc.), adaptações às condições locais de cada Região e efetiva implantação depois destes ajustes;

Plano mais detalhado, mais ativo, com ações nos níveis nacional, regional e local de Crescimento quantitativo e principalmente qualitativo da UEB; o atual Plano 2000 2002 - É Tempo de Crescer, é muito “tímido” e não vem demonstrando bons resultados;

Trabalho na área de marketing e publicidade; é necessário verificar a imagem do escotismo perante a sociedade, discutir a imagem que o escotismo deseja ter e daí elaborar um plano para o alcance dessa imagem;

É necessário maior intercâmbio DN/Diretorias Regionais na implantação das estratégias do escotismo brasileiro. É importante que haja mais regiões representadas na DN. Apesar de os Conselheiros atuarem em prol do escotismo brasileiro e não das regiões, é preciso diversificar as idéias através de visões oriundas de diversas realidades;

A produção de livros deve ser mais ágil. Os livros antigos devem ser reformulados e reimpressos. Os que não estiverem mais de acordo com o atual Projeto Educativo devem ser recolhidos e os novos devem ser impressos em quantidade suficiente e em tempo hábil para atender à demanda;

Comunicação - restabelecer a periodicidade do Sempre Alerta e continuar melhorando a home page da UEB. As resoluções da DN e as novidades relativas

principalmente ao Programa de Jovens (incluindo orientações da CNPJ à respeito) devem ser divulgadas mais intensamente.

Crescimento do corpo de executivos da UEB. Seria interessante pelo menos 1 executivo em cada Região, trabalhando em conjunto com o Secretário-Geral da UEB. É importante que a seleção destes executivos se baseie exclusivamente em questões técnicas, deixando de lado aspectos políticos.

Em um primeiro momento os Jovens Líderes devem participar de Fóruns, locais, regionais e nacionais e das Assembléias para que estejam constantemente atualizados em relação às mudanças e que isso ocorra tão logo elas surjam. É também nos Fóruns e Assembléias que os jovens podem dar sua contribuição com idéias.

Depois é necessário que os Jovens busquem fazer parte, como qualquer outro adulto, das diversas estruturas e organismos que integram os níveis da UEB. Para isso é necessário que haja interesse dos jovens em arregaçar as mangas e suar a camisa e que sejam dadas oportunidades pelos Diretores para que eles mostrem resultados.

Não concordo que deva haver regras destinadas a cargos ou vagas exclusivas para jovens, seja qual for o órgão e nível. Deve haver trabalho harmônico entre os jovens líderes e os líderes não tão jovens assim. Os jovens devem estar dispostos a trabalhar e os mais velhos devem se conscientizar da importância do “sangue novo” e proporcionar as condições de trabalho.

Ilvia Oliveira (Goyaz, GO) / 25 anos

1. Temos grande carência de profissionalização. O Escotismo no Brasil precisa ser mais profissionalizado. Temos os voluntários, os beneficiários, mas pouco se fez pela área profissional, que viria a suprir muitas de nossas faltas. Posso citar um bom exemplo o Escritório Nordeste, que tem trabalhado muito bem. Mas temos um profissional apenas para uma Região tão carente.

Falta de um plano mais agressivo de crescimento, onde corroborem o quantitativo e o qualitativo. A UEB havia traçado um plano de crescimento, mas acho que faltou algo.

Ainda dentro do assunto anterior se insere a falta de adultos qualificados. Temos que começar a pensar que uma pessoa que não tem qualificação adequada não pode estar lidando com um movimento educacional, como vem ocorrendo. Encontramos pessoas para tapar buracos, por falta de adultos e estas acabam piorando a situação. Esta história de “quem não tem cão caça com gato” não funciona quando o assunto é educação.

A parte de Recursos Adultos evoluiu muito, mas existem problemas com Regiões que parecem ignorar as Diretrizes, ou que simplesmente não conseguem aplica-las por falta de pessoal qualificado.

Outro aspecto que chama a atenção é a disparidade de aplicação que encontramos entre Regiões diferentes. Claro que devemos levar em consideração as características das várias culturas do Brasil, mas quanto a normas, regras, programa, política não pode haver desencontro. Somos um movimento só e uma organização única em nosso país. Citando um exemplo recente, na própria reunião do Plano 2001 em Guarapari, ouvi um dos jovens dizer que para o próximo ano tentaria convencer sua diretoria de unidade local a fazer uma assembléia com a presença dos pais. Isto para mim pareceu um grande absurdo, já que os pais são os sócios do grupo e portanto membros da Assembléia do mesmo. Quando se faz parte de uma associação cumprem-se as regras das mesmas. É

isto o que acontece quando entramos para clubes, grupos ou qualquer outro tipo de associações.

2. A atuação dos jovens líderes é tão importante quanto a dos outros adultos no Escotismo. Eu gostaria de citar como exemplo o que acontece em minha Região Escoteira, onde temos por três mandatos consecutivos adultos, com idade de jovens líderes, eleitos para cargos de diretoria. E na última eleição elegemos 3 diretores com idade inferior a 25 anos. E estes jovens são atuantes em Grupos Escoteiros, assumindo seus compromissos como voluntários do Escotismo e estão todos engajados em seu processo de formação como adultos. Por coincidência os três foram membros juvenis. Outro fato interessante é que temos na Equipe Regional de Formação Regional também três jovens líderes. Do mesmo jeito que estes jovens colaboram eles crescem. Há uma troca. E acredito que a Região Escoteira tem crescido muito com a participação dos mesmos. Concluindo isto tudo, acredito que fica claro que as ações dos jovens nunca devem se restringir ao campo apenas político. Dentre os jovens citados apenas um já esteve em assembléias ou fóruns nacionais e isto nunca interferiu em sua contribuição com o Escotismo.

Guilherme Fassy Santos “Índio” (Lagoa do Nado, MG) / 23 anos

1. Adultos desqualificados: Refiro-me a uma grande parcela de escotistas mineiros, sendo estes os únicos dos quais posso afirmar isso. A política recorrente de se usar jovens como chefia trás problemas que ao meu ver são muito sérios. Além disso, temos vários chefes com segundo grau incompleto lidando com jovens que precisam de um referencial e o fato deles não terem experiência com filhos e, em muitos casos, ainda terem conflitos familiares relevantes me leva a crer que não são pessoas capacitadas para exercerem a função de chefe de tropa. O escotismo tem sido displicente em relação a este problema. Não se pode desenvolver somente o lado técnico em detrimento destes fatores. Na minha opinião, é preferível suspender as atividades de uma seção a “tapar buracos” com um pai qualquer ou o primeiro que aparecer. Ou um chefe desqualificado.

Assessoria de imprensa: Falta um órgão nacional que cumpra esse papel e oriente as regiões e setores na ação contra a má propaganda do escotismo brasileiro. Casos como os desbravadores no pico do Jaraguá ou fulano em Botujuru não são tão incomuns assim e necessitam de ações. Gasta-se muito em Jamborees e na maioria dos casos falta a divulgação do que de melhor produzimos. Em outras palavras, a cada dez vezes que o movimento é noticiado na mídia, por volta de umas sete vezes é de maneira negativa. Isso é prejudicial também quando necessitamos captar patrocínios, outro assunto muito pouco discutido e que *precisa de uma cartilha nacional*, algo tipo: “Como elaborar um projeto de apoio e incentivo ao escotismo brasileiro”, que não fira nem a constituição brasileira nem o estatuto da U.E.B. O escotismo brasileiro tem que parar de agir como um mendigo, aceitando sobras, e trabalhar profissionalmente. Se a UEB trabalha assim de forma tão empenhada em atividades de porte, porque não dar assistência às regiões, para que não ocorram fiascos como os famosos Ajuri (Minas e Nordeste) que são a melhor expressão de falta de organização e profissionalismo que o nosso escotismo produziu nos últimos anos?

Programa atrativo: O programa tem que se atualizar, melhor, ser atualizado porque isso ele não fará sozinho. Quando entrei para o escotismo as atividades não eram diferentes das de hoje, porém acho que em pouco tempo ocorreu uma defasagem. Os

jovens estão muito mais informados e necessitam de atividades inquietantes e instigantes ao mesmo tempo, que não se prendam *somente* a saudosismos como referenciais de bom escotismo. Faltam mais programas culturais e ecológicos, onde o escotismo atual nem se compara ao trabalho desenvolvido por ONGs em todo o país. Resumindo, o escotismo *não* reflete a realidade que o jovem vivência hoje em dia. Por esse motivo, ainda encontro amigos, antigos sêniores e ex-escoteiras que chefei, que costumam me perguntar: “Você ainda está naquela bobagem?”. Só posso achar que é realmente uma bobagem, visto que alguns desses jovens passaram mais de 3 anos no movimento e não se identificaram com ele.

Identidade corporativa: Falo um pouco agora do que me compete, da identidade visual do escotismo brasileiro que praticamente inexistente e suas conseqüências. O papel de uma marca, além de representar, simbolizar um propósito é também de refletir organização. O escotismo brasileiro carece disso. Como exemplo cito a carteira da UEB, que a cada ano que passa se supera em matéria de ser feia e que, como curiosidade, não estampa a única marca que reconheço no movimento nacional: A flor de lis com o brasão da república. Fora os manuais (se alguém teve a oportunidade de folhear o Guia BSA-Boy Scouts of America por exemplo, sabe do que estou falando) e os distintivos, sendo estes últimos os responsáveis pela alcunha que o uniforme recebe de “árvore de natal”. Enquanto estudante de Programação Visual, o mínimo que posso dizer é que isso reflete uma desorganização, mesmo que parcial ou inexistente em sua realidade, pois também mexe com fatores psicológicos que não irei abordar aqui. Prá concluir os exemplos, já procurei a “assessoria de imprensa da UEB”, que não me retornou sobre o assunto, me levando a pensar que ela não existe. O novo manual do lobinho é um exemplo (talvez o único por enquanto) a ser seguido, e o ramo lobinho tem sido fiel ao seu lema “melhor possível”. Tentemos fazer então “melhor impossível”, tenho certeza de que isso causaria mudanças positivas na imagem atualmente desfocada do movimento.

Cooperativismo: O escotismo deve se preocupar em estender as suas atividades ao cooperativismo, se unir a órgãos também reconhecidos publicamente, como os bombeiros ou a ONGs e buscar abraçar causas maiores que simplesmente as suas. E quando falo isso, quero dizer que devemos proporcionar também aos lobinhos e às outras seções a oportunidade de ajudar ao próximo em toda e qualquer ocasião, não restringindo somente ao ramo pioneiro a tarefa de servir. Muitos jovens não tem essa facilidade em se “doar” e é de pequeno se torce o pepino. Estimulemos então mais cedo a participação desses jovens em tarefas de serviço comunitário, creio que temos muito a ganhar com isso.

2. O jovem líder não deve se omitir nas questões políticas/burocráticas no meu entender, pois é onde sua ajuda pode ser fundamental ao futuro e ao presente do escotismo. Agora, quanto às ações práticas e funcionais, sempre que possível, de acordo com a vida de cada um. Entendo o jovem líder como uma pessoa que tem muito o que dividir de suas experiências e que além disso passa segurança aos mais próximos (sêniores e pioneiros) e com certeza é mais um exemplo aos mais novos (escoteiros e lobos). Na prática é buscar ser profissional em tudo o que faz e cobrar isso dos outros, principalmente num movimento que tem suas diretrizes tão claras.

Acho que o jovem líder deve sempre que puder aproveitar oportunidades. Aqui em Minas, contatos em universidades rendem muitas vezes auxílio e divulgação do

movimento em shows de porte. A faculdade organiza o show e pede alimentos ou roupas do público. Os escoteiros participam recolhendo e organizando as doações, todos uniformizados. Após um tempo, temos lanche e a oportunidade de assistir aos shows. As doações são encaminhadas pelos DAs às entidades. Esse contato, pode ser feito pelo jovem líder que estuda na faculdade ou que procura ir atrás da organização. Propaganda bem feita para jovens e diversão garantida. Na minha faculdade a participação no DA me possibilitou organizar um mutirão de pintura da escola, o que além de ser muito legal divulgou o movimento, acho que poucos alunos não sabem que sou escoteiro.

É isso, ficar atento nas oportunidades de praticar tudo que se aprendeu até hoje, na vida, na escola e no escotismo.

Juliana Tiburtius (Príncipe de Joinvile, SC) / 20 anos

1. Como todos sabemos, o Movimento Escoteiro deve muito à sociedade no que diz respeito à divulgação. Fazemos parte de um movimento que não está presente na comunidade, e por desconhecer seu funcionamento, perdemos o apoio desta.

É fácil citar as carências na área onde você tem uma convivência maior, e no meu caso é o ramo pioneiro. Estou no Movimento há onze anos e me creio que o ramo pioneiro é fundamental para terminar a formação do jovem. Mas o programa é deficiente e pouco atrativo para o seu público alvo.

Voltando ao primeiro parágrafo, se a comunidade apóia-se o Movimento Escoteiro não teríamos tanta dificuldade em obter novos escotistas, fato sempre observo em meu GE. Bons escotistas é de fundamental importância!

Maior participação dos pais também é um fator de carência do escotismo brasileiro. Talvez por estes não estarem conscientes que o Movimento não é apenas lazer para os seus filhos no sábado a tarde, mas uma base educacional para toda a vida.

2. A participação dos jovens líderes é de igual importância as dos demais membros do Movimento Escoteiro.

Esta pergunta eu já respondi nas perguntas anteriores onde menciono a atuação dos jovens líderes, indo além da participação de assembleias e / ou fóruns.

Fernando Koyama Correia (Amizade, SP) / 20 anos

1. As carências do escotismo brasileiro, são derivadas pelo aumento da participação política por parte de escotistas e jovens líderes, que deixam de praticar a essência do movimento. Acredito que esse fato é a matriz que ocasiona todas as carências que temos no movimento.

2. *Não entendeu a questão.*

Letícia Vargas de Oliveira Brito (44, RJ) / 21 anos

1. A *imagem*, devido à falta de *divulgação* do ME, muitos sequer sabem que o Escotismo ainda existe, ou tem uma idéia pré-concebida e falsa do ME; os *recursos adultos* ou a falta de adultos interessados no ME; a *formação de adultos* ou a qualidade dos cursos; a *falta de uma real preocupação educacional com os jovens*; a *falta de profissionalismo* apesar de voluntários; a *falta de um escotismo para todos*, apesar dos projetos de integração para deficientes, as atividades são caras e elitistas; a *briga por status e poder* de uma minoria, ou um grupo de estados que levam ao empobrecimento do escotismo; o *esquecimento dos*

valores morais da Lei e Promessa, que deveriam ser o grande atrativo do ME e são por muitas vezes deixados de lado; a *concentração da informação e poder no Bloco Sul-Sudeste do país*, deixando de lado as outras regiões; as *decisões serem tomadas sem a opinião da BASE, dos GEs e dos Membros Juvenis*.

2. A participação dos JL pode se dar tanto no campo político como na fase ativa destas questões, no campo político devem lutar para alterar tais questões votando, debatendo nas assembléias e fóruns.

Nas ações práticas podem ser desenvolvidos projetos de forma a motivar, esclarecer e alterar tais situações. Formando comissões estratégicas nos diversos níveis e atuando nestes projetos como adultos, escoteiros e participativos. Buscando formar o senso crítico dos escoteiros e da população, divulgar o movimento e fazer cada um, um pouco mais do tanto que ainda há para ser feito.

Rodrigo Assis Bastos (Raposo Tavares, SP) / 23 anos

1. Um programa desatualizado, com um material de apoio fraco, principalmente em se tratando de manuais para jovens e adultos; uma política de recursos adultos (captação e treinamento) mal feita; uma postura elitista pôr parte das diretorias regionais e da nacional; uma desunião das regiões na solução de problemas nacionais; um marketing mal feito e uma assessoria de imprensa que ainda não existe em muitos lugares; uma imagem ainda vinculada aos militares, que no Brasil fizeram um papelão na história recente; dirigentes preocupados em politicagens e não políticas; um grande afastamento entre o escotismo e a dura realidade brasileira.

2. Os jovens líderes entrariam como uma injeção de sangue novo, cabeças novas com uma visão crítica de tudo, mesmo quando estiverem em cargos de diretoria. Jovens que trabalhariam em todos os aspectos citados acima. É claro que a coexistência entre estes novos líderes e os que ainda estão no poder não seria da mais amistosa, pôr isso devemos procurar semelhantes em todas as faixas etárias.

É claro que deveríamos atuar em ações práticas, uma atuação política pôr si só não faz efeito. Porém devemos nos preocupar em sincronizarmos nossas ações políticas e praticas.

f. 3º Malote da Lista de Jovens Consultados - Sistema de trabalho Plano & Rede

Conteúdo do Malote

Texto sobre o Histórico do Plano 2001 (1c), Roteiro Geral do Plano 2001 - documento base; Resumo do Sistema de Trabalho.

Pontos polêmicos ressaltados

1. Ao seu entender, os Fóruns e as informação vinculadas pelos comunicadores dos núcleos, são suficientes para capacitar os jovens na inserção do processo decisório? Caso contrário, que outros meios poderiam ser adotados para tal?

2. A Rede e o Plano, em suas idéias iniciais, divergem quanto a permanência ou não dos seus respectivos processos (veja texto 1c). Ao seu entender, estas estruturas devem ser criadas para funcionar permanentemente ou provisoriamente?

3. Dentro dos Fóruns, como seria a escolha dos seus representantes para a composição dos núcleos e por extensão a Rede? Qualquer jovem poderia candidatar-se?

Para compor um núcleo regional ou nacional seria necessário algum pré-requisito? Os jovens que já atuam junto a alguma coordenação regional ou nacional, podem se candidatar a trabalhar em um núcleo, mesmo não tendo pertencido a uma UL? Estes jovens indicados no fórum, devem ter seus nomes apreciados pela respectiva organização (GE, Região ou DN) em que estará atuando, tendo em vista o comprometimento recíproco entre as partes?

4. Com a implantação desta estrutura, você acha possível que o jovem possa realmente se inserir no processo decisório ou ainda assim haverá barreiras burocráticas e funcionais para tal?

André Luís Claudino da Cunha “Poul” (Indaiá, SP) / 21 anos

1. Sim, mas vai depender do trabalho do comunicador, em alcançar os JL e os reeducar sobre o tema.

2. Deve ser um “estágio” com possibilidade de “efetivação”, ou seja, provisório, se suprir as necessidades OK, continuemos, se não termos de arranjar uma outra fórmula.

3. Nos fóruns seria eleito o “Líder”, e este indicaria os nomes do comunicador e do orientador, pessoas de confiança e que tenham afinidade, tanto pessoalmente, quanto com o Plano/Rede. Para a UL, qualquer um poderia se candidatar, agora para o Núcleo Regional, apenas o pré-requisito de já ter participado de um fórum regional anteriormente, o mesmo para o Nacional, para ter a certeza de que o jovem esteja bem interado do assunto. Estes nomes devem ser levados ao conhecimento do GE, Região e DN.

4. Seria um começo, uma barreira a superar é a que os adultos, muitas vezes, não acreditam no potencial dos jovens, como todo este trabalho poderemos reverter isto.

Clóvis Henrique Leite de Souza (Marechal Rondon, DF) / 20 anos

1. Mais que informações os jovens necessitam de vivência no processo, por isso os fóruns são fundamentais. Importante também uma conscientização por parte dos adultos. Acredito que os adultos não estão preparados para aceitar opiniões e participação dos jovens. Uma pergunta a vocês... Será que os comunicadores farão chegar as informações?

2. Ao meu entender a permanência é necessária, mas a aplicação de qualquer das propostas no ano de 2001 é precipitada. A comissão de estudos criada em reunião paralela, mas aprovada em assembléia nacional deveria ser respeitada. O mais prudente seria estudar e formular uma proposta para ser debatida em Natal e só em 2002 implantar os planos. **Nota:** *A informação referente a Comissão de Estudos é improcedente e já foi esclarecida em conversa ao telefone.*

3. A escolha deve ser feita por eleição direta. Pré-requisitos? Não adianta inventá-los já que só participam dessas coisas pessoas com poder aquisitivo alto. Isso limita a participação. Que adianta elegermos um líder nacional se ele não terá condições de se deslocar até as reuniões panamericanas? Penso que ao menos na eleição de seus representantes as unidades deveriam ser soberanas, já que em quase nada o são.

4. A maior barreira que existe é a ideológica. Muitos adultos não aceitam a participação dos jovens e não será a rede ou o plano que irão mudar a situação. O que fazer? Inserir-se no processo por vias normais. Acredito muitos nos fóruns para o

aprendizado, mas a prática será conseguida quando o jovem estiver em pé de igualdade com os adultos.

Observação: Minha opinião é que a estrutura proposta é centralizadora. Tenho receio que as informações não chegue nas bases, por falta de interesse dos representantes e assim inviabilizar mais ainda o processo. Devemos refletir um pouco se este modelo não trará mais exclusão ainda.

Guilherme Fassy Santos “Índio” (Lagoa do Nado, MG) / 23 anos

1. Teoricamente sim. O problema para mim é o custo destas atividades e a falta de perspectivas em relação às discussões/decisões. Nunca se sabe ao certo como as decisões realmente pertinentes irão se transformar na medida que caminham de um fórum para outro (ex: Local/Regional/Nacional). Muito se discute e criou-se o hábito de se acostumar com o que “morre na praia”. Falta um edital informando “em que pé” estão as decisões, que permita saber como serão os fóruns e as principais pautas. As decisões tem sido tomadas sem discussão, apenas nos números, tantos a favor, outros tantos contra, x abstenções... As atas não circulam e a impressão que se tem é que não vai dar em nada mesmo, apenas engodo prá encher barriga. Resumindo, falta fazer a informação circular, tomar vulto e chegar aos impossibilitados de comparecer aos fóruns. Muitas, muitas vezes mesmo, quem vai aos fóruns fica alienado em relação aos debates, não se preocupa de difundir os principais debates e quem se interessa em saber tem que se esforçar para saber dos fatos de maneira fidedigna. De certa maneira é manter as discussões depois dos fóruns, e até quem sabe voltar atrás se necessário, os fóruns não tem tido boas representações juvenis e isso prejudica muito a situação nossa.

2. Não há como cantar a verdade antes de se implantar de alguma forma e ver na prática o funcionamento dessas estruturas. O Funcionamento provisório ao meu ver só tende a enfraquecer o que ainda está se formando. Por que então da provisoriedade? Não reconhecer como importante uma liderança, democraticamente escolhida? Analisemos a contradição desta proposta, poderíamos imaginar cada área atuando por sua conta, sem uma organização regional ou nacional, ou que as mesmas sejam provisórias? De qualquer maneira, a decisão de se manter uma comissão de estudos permanentes é fundamental para o sucesso da implantação. Espero que isso apague quaisquer dúvidas que existam em relação à capacidade de mobilização e organização dos jovens líderes, que devido a inércia da UEB são impulsionados a tomar as rédeas da situação, e merecem muito mais do que o que tem sido feito por aí.

3. O critério de escolha pode passar por uma triagem como é feita a escolha dos delegados da assembleia nacional, de maneira que os participantes estejam pré-indicados em sua região/área para concorrer a essa vaga. Assim fica garantida a democracia, pois o candidato que chegar a concorrer ao cargo nacional só o fará depois dessa triagem e dificilmente chegará a tanto se não houver o interesse dele e dos que o elegeram. Quanto a atuação em dois cargos/funções, não acredito que seja possível o *comprometimento* necessário para com ambos, pois isso demandaria uma abnegação de algo a mais, como a vida particular por exemplo. Falo isso porque já passei por situações assim e é difícil fazer o melhor possível nestas condições. Finalmente, acho que o jovem deve ter o cargo reconhecido ao menos em sua região, o que dará a ele respaldo para ganhar a confiança necessária para o desenvolvimento de um bom trabalho.

4. Difícil responder diante de uma situação que vem de anos de atitudes equivocadas e embates, que tiram da luta muitos irmãos com opiniões construtivas. O ego no escotismo ainda é o seu maior câncer e afirmar que a solução é assim ou assado é perigoso. Importante é não desistir, o Toninho Horta já cantou, "...aprender, ou mais, tentar. Vamos lá!". Uma hora a pedra fura...

A comunicação é a saída para os jovens no movimento, por enquanto. Barreiras burocráticas existirão e muitas ainda deverão cair. Amém.

Fernando Koyama Correia (Amizade, SP) / 20 anos

1. Acredito que os Fóruns devem ter suas orientações remodeladas a fim de seja possível uma ampliação quanto à questão de participação dos jovens, pois vejo que hoje a participação se restringe a tão somente à um núcleo de jovens, o que torna ineficiente as conquistas das reivindicações dos próprios jovens, e com isso mais uma vez quem saem perdendo são os próprio jovens...

2. Acho que essa questão deve ser analisada quando entrar em vigência, pois não temos a idéia do quanto esses projetos estão compatíveis com as realidades dos Grupo Escoteiros, com isso o conflito será inevitável, e a vigência terá que ser revista nesse exato momento, acredito ainda que essa questão acerca da compatibilidade da Rede e do Plano 2001, devam ser levados a cabo de uma análise mais profunda, a fim de que não se criem mais "abismos" no Movimento Escoteiro.

3. Acho que as candidaturas dos jovens devem ser feitas a partir de uma análise crítica que o próprio jovem exerce sobre sua capacidade, que pode ser feito pela análise que o educador exerce sobre sua prática; acredito que essa premissa deva ser para aferir sobre o grau de maturidade de cada jovem para representar seu grupo, sua região e sua nação; a partir do momento que isso ocorrer, acredito que a premissa maior do Movimento Escoteiro será plenamente contemplada....

4. Acredito que a imposição de barreiras burocráticas se faz no âmago das representações dos próprios jovens, uma vez que esses jovens sabem apenas o que não querem, e não sabem o que realmente querem (...) Mas e a representação juvenil estiver organizada de forma coerente e bem estrutura em seus propósitos, as barreiras burocrática poderão ser transpassadas e as conquistas efetivas, com a plena certeza de que todos os jovens vão ser contemplados....

Letícia Vargas de Oliveira Brito (44, RJ) / 21 anos

Respondeu a este malote por telefone e teve suas considerações incluídas diretamente nos textos.

Rodrigo Assis Bastos (Raposo Tavares, SP) / 23 anos

1. Acredito que a capacitação de jovens para atuarem no processo decisório pode ser feita através de fóruns, porém sua inserção depende de vontade dos que estão dirigindo no momento, é claro que se o trabalho for bem feito, se os fóruns funcionarem com sítios de debates, formação de opinião, planejamento e desenvolvimento de idéias o espaço para os jovens se crie.

2. Infelizmente eu conheço pouco da Rede e portanto não saberia dizer se ela seria compatível com uma estrutura de núcleos fixos e unidades locais. Preciso de mais informação a respeito da Rede para avaliar. A principio uma estrutura estratificada em

vários níveis (locais, regionais e nacionais) é bem diferente daquilo que se pode chamar de Rede onde cada elemento possui ligações com outros 3 ou mais.

3. O ideal seria que os participantes de qualquer tipo de organização seja ela uma Rede ou uma estrutura segmentada como o Plano não fossem escolhidos por ninguém menos que seus colegas. Qualquer intervenção dos GE, Regiões seria autoritária.

4. Está estrutura (a do Plano) deveria ser implantada aos poucos a medida que surgissem líderes em cada Local, Núcleo... Mesmo assim nada se garante que colocaremos os jovens dentro do processo decisório. Com certeza vai ficar difícil para os ramos abaixo do pioneiro colocarem suas propostas nas esferas superiores.

g. 33ª Conferência Escoteira Mundial ' 1993, Bangkok - Tailândia

Resolução 2/93 (resumo interpretado)

A Conferência reconhece que o escotismo em todo o mundo sofre com problemas na renovação de lideranças, em que os jovens estão inibidos em assumir seu papel na tomada de decisão, pela falta de mecanismos competentes para tal.

Por isto, reconhece os jovens de 18 a 26 anos como objeto central de futuros investimentos institucionais na formação de futuras lideranças; notando estes como principal manifestação do potencial dos jovens para os processos decisórios. Identifica esta faixa etária como “jovens líderes”.

Decide alterar as condições para realização dos fóruns mundiais, fazendo com este evento seja realizado previamente a Conferência Mundial, servindo de preparação dos “jovens líderes” para a mesma. Recomenda as organizações escoteiras o estudo de futuras soluções que contribuam neste processo.

h. 20ª Conferência Escoteira Interamericana ' 1998, Guadalajara - México

A Conferência afirma

1. Reconhecer a contribuição dos participantes do Fórum Interamericano de Jovens, desta conferência, e agradecer-lhes pelo trabalho em favor do desenvolvimento da Região.

2. Expressar seu agradecimento as associações presentes no Fórum, pelo esforço realizado para fazer possível a participação de seus jovens, e manifestar seu desejo de que este exemplo possa ser seguido por todas as associações da Região.

3. Reiterar as vantagens da realização do Fórum, como um dos eventos prévios da Conferência Escoteira Interamericana.

4. Destacar o valioso suporte que os delegados e observadores jovens realizaram durante as deliberações desta conferência.

5. Encomendar ao Comitê Escoteiro Interamericano a mais ampla difusão e implementação dos acordos do referido Fórum, cujo teor é o seguinte: valores e estilo de vida; relação consigo mesmo; participação dos jovens nas tomadas de decisões.

Participação dos jovens nas tomadas de decisão

Ratificando a política de participação dos jovens nos processos decisórios, o Fórum trabalha na busca de satisfatórias soluções, que permitam melhorar a implementação dos jovens nas políticas da Região.

O Fórum recomenda a Conferencia

1. “Reimpulsar” a Rede Juvenil de Comunicação adaptada pelos participantes de nossa Região no VI Fórum Mundial de Jovens, cuja finalidade é o intercâmbio de informações e idéias.

2. Promover a cooperação internacional entre as Associações membros da Região, para fomentar projetos conjuntos de desenvolvimento e capacitação.

3. Implementar por parte das Associações Nacionais um programa de formação, para melhorar a participação e a capacidade de liderança de seus jovens.

4. Incentivar a participação de membros jovens e as comissões do Comitê Escoteiro Interamericano.

5. Fomentar todas as associações da Região a participação dos jovens nos processos de tomada de decisão, implementando Fóruns de Jovens e outros espaços democráticos.

6. Promover as associações na participação ativa dos jovens, com voz e voto na estrutura de tomada de decisões.

i. Plano Regional de Desenvolvimento 2000’2002 da OSI “Es tiempo de crecer”

Objetivo 21: Promover a participação de jovens entre 18 e 24 anos nos processos de tomada de decisões a nível nacional e regional.

Desenvolver e manter em funcionamento a Rede Interamericana de Jovens - Agosto 1999 a Outubro 2001.

Promover a participação de jovens nas reuniões e atividades dos organismos regionais - Durante todo o período.

Realizar atividades regionais de capacitação em direção estratégica, destinada a dirigentes jovens - Outubro 2000 a Julho 2001.

j. 7º Fórum Mundial de Jovens ' 1999, Balgowan - África do Sul

Participação dos jovens

A 33ª Conferência Escoteira Mundial, realizado em Bangkok - Tailândia no ano de 1993, adotou uma política de participação dos jovens nos processos de tomada de decisão, afirmando que: “O Escotismo é um movimento de jovens, apoiado por adultos; não é um movimento de jovens, gerenciado por adultos. Por isto, o escotismo é uma oferta potencial, para uma comunidade de aprendizado entre jovens e adultos, trabalhando juntos com companheirismo, entusiasmo e experiência”.

Esta idéia de companheirismo não é necessariamente óbvia. Por esta razão, o Fórum Mundial de Balgowan desenvolveu duas seções para o tema da participação juvenil. Durante a primeira destas seções, os participantes foram convidados a compartilhar suas experiências á respeito do tema, em todos os níveis da organização, desde a local até a mundial. Após, foram convidados a identificar os diferentes obstáculos envolvidos, assim como os caminhos para transformar estes obstáculos em oportunidades.

Alguns dos obstáculos identificados pelos jovens foram: falta de comunicação entre os representantes jovens do nível nacional, com os representantes jovens do nível local; inadequada atitude e aberturas por parte dos adultos; falta de unidade entre

diferentes países e culturas; falta de motivação por parte dos jovens. As positivas oportunidades destacadas no processo são: companheirismo entre jovens e adultos inseridos nas tomadas de decisão; desejo mútuo por mudanças; ensinamento e apoio por parte dos adultos jovens aos outros adultos, a vencer barreiras com a comunicação.

Durante a segunda seção, os participantes trabalharam em equipes, fazendo estudos de caso. Para cada caso, os participantes procuraram encontrar uma solução baseada na noção de companheirismo entre jovens e adultos. Alguns pontos levantados foram: delinear um sistema de treinamento para jovens e dirigentes, que lhes dê subsídio para exercer um papel mais ativo em suas associações; incrementar a participação dos jovens no âmbito mundial; estabelecer sistemas democráticos; usar as idéias do Fórum Mundial para desenvolver bases de trabalho em âmbito nacional. Alguns aspectos negativos atuais são: os jovens não desempenham importante papel na tomada de decisão; os adultos se propõem a escutar os jovens com frequência insuficiente para o seguimento das propostas; no geral, os organismos decisórios são demasiadamente burocráticos e alheios ao cotidiano escoteiro.

Recomendação nº 2

Destacando que o Fórum Mundial de Jovens busca a relação entre os membros adultos, com companheirismo e respeito; reconhecendo o trabalho realizado na seção “Participação dos jovens” do 7º Fórum Mundial de Jovens; reconhecendo que a maioria das associações nacionais já terem realizado um grande progresso; acreditando que ainda existem passos a serem tomadas, para que a resolução 2/93 da Conferência Mundial seja efetivamente aplicada.

O Fórum recomenda que: durante a próxima Conferência Mundial seja dedicado um dia, para a discussão crítica em grupos de trabalho, sobre a participação dos jovens; sugere alguns temas para discussão, entre os quais - uma discussão entre jovens e adultos sobre a interação entre as partes, nos processos de tomada de decisão, em suas associações nacionais e avaliar a resolução 2/93, após nove anos de desenvolvimento; recomenda que se realizem trabalhos prévios antes da próxima Conferência Mundial, afim de estimular a discussão crítica sobre os enfoques supra citados, dentro das diferentes organizações nacionais.

k. 35ª Conferência Escoteira Mundial ' 1999, Durban - África do Sul

7º Fórum Mundial de Jovens Escoteiros

A Conferência Mundial congratula o trabalho feito pelos jovens escoteiros neste Fórum; acredita na importância em se prestar atenção as opiniões dos jovens em nosso movimento; adverte ao Comitê Mundial Escoteiro em seus trabalhos futuros, considerar as recomendações do Fórum.

Futuro papel do Fórum Mundial

A Conferência aceita os passos que foram tomados para mover através da posição adotada na resolução 2/93 da Conferência, mas aceitando que ainda existem passos a dar; acredita que o Fórum Mundial de Jovens é uma ferramenta tradicional, no processo de desenvolvimento da participação do jovem em parceria com adultos dentro das organizações escoteiras nacionais e delegações nacionais à Conferência Mundial;

acreditando que o Fórum Mundial deverá responder aos desafios propostos pelos jovens adultos empenhados em tomar decisões dentro das organizações escoteiras nacionais; esperando que, em devido curso, a necessidade do Fórum Mundial desaparecerá, devido a inteira e ativa participação do jovem adulto em parceria com a Conferência Mundial, em todos os níveis da tomada de decisão.

A Conferência recomenda que o Comitê Escoteiro Mundial cumpra uma revisão maior, envolvendo jovens e adultos em parceria, no papel e formato do Fórum Mundial; recomenda que os resultados destes estudos sejam apresentados na próxima Conferência Mundial Escoteira e levada em consideração no planejamento do próximo Fórum Mundial.

9. Mensagem Final

Coração de Estudante

(Milton Nascimento - Wagner Tiso)

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda?
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar

Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos
Desviaram seus destinos
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu

Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Oh! Oh! Oh!
Para que a vida nos dê flor e fruto

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade

Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração, juventude e fé